

The background of the book cover is a classical painting depicting the Holy Family. On the left, Joseph is shown in profile, looking towards the right. In the center, the infant Jesus lies in a manger, wrapped in swaddling clothes. On the right, Mary is shown looking down at the child. The scene is set in a stable, with a red curtain visible in the background.

O testemunho da graça divina
e edificação de uma nação
a partir de uma família disfuncional

A firme esperança

O evangelho segundo José

Iain M. Duguid
Matthew P. Harmon





O testemunho da graça divina
e edificação de uma nação
a partir de uma família disfuncional

A firme esperança

O evangelho segundo José

Iain M. Duguid
Matthew P. Harmon



USO EXCLUSIVO DO CANAL GOSPEL BOOK

COMPARTILHAMENTO PROIBIDO

A firme esperança – O Evangelho segundo José, de Iain M. Duguid e Matthew P. Harmon © 2016, Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente com o título *Living in the light of inextinguishable hope – The gospel according to Joseph* © 2013 by Iain M. Duguid and Matthew P. Harmon. Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, estocada para recuperação posterior ou transmitida de qualquer forma ou meio que seja – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outro modo – exceto breves citações para fins de resenha ou comentário, sem o prévio consentimento de P&R Publishing Company, P.O.Box 817, Phillipsburg, New Jersey 08865-0817.

Conselho Editorial	
Antônio Coine	
Augustus Nicodemus Gomes Lopes	Produção Editorial
Cláudio Marra (Presidente)	<i>Tradução</i>
Heber Carlos de Campos Jr.	Elizabeth Gomes
Misael Batista do Nascimento	<i>Revisão</i>
Tarcízio José de Freitas Carvalho	Ana Amélia Vicente
Ulisses Horta Simões	Sandra Couto
	Luís Paulo Fiuza Marques
	<i>Editoração e e-book</i>
	Felipe Marques
	<i>Capa</i>
	Magno Paganelli

D868f Duguid, Iain M

A firme esperança – O Evangelho segundo José / Iain M. Duguid e Matthew P. Harmon; traduzido por Elizabeth Gomes. _São Paulo: Cultura Cristã, 2016

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-85-7622-706-9

Tradução de Living in the light of inextinguishable hope – The gospel according to Joseph

1. Cristo no AT 2. Estudo Bíblico 3. Vida Cristã I.Título

CDU 2-277

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Apresentação

Agradecimentos

1. Esperança para famílias disfuncionais
2. Sonhos despedaçados
3. Uma oportunidade para vítimas e pecadores
4. O maravilhoso plano de Deus
5. Quando a esperança tem de aguardar
6. Tornar-se frutífero na terra da aflição
7. Reunião ou reconciliação?
8. Fazendo a paz
9. Finalmente reconciliados
10. Da fome para a fartura
11. Melhor do que merecemos
12. Famosas últimas palavras
13. Bênçãos mistas
14. Morto e enterrado?

APRESENTAÇÃO

O Novo Testamento é o Antigo escondido; o Antigo Testamento é o Novo revelado. — Agostinho

Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam. A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar (1Pe 1.10-12).

É verdade também que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos surpreenderam, tendo ido de madrugada ao túmulo; e, não achando o corpo de Jesus, voltaram dizendo terem tido uma visão de anjos, os quais afirmam que ele vive. De fato, alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram. Então, lhes disse Jesus: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras (Lc 24.22-27).

Os profetas buscaram. Anjos ansiaram ver. E os discípulos não entenderam. Mas Moisés, os profetas, e toda a Escritura do Antigo Testamento falaram a esse respeito — que o Messias viria, sofreria, e seria, então, glorificado. Deus começou a contar uma história, no Antigo Testamento, cujo final os ouvintes ansiosamente esperavam. Mas esses ouvintes ficaram aguardando. A trama foi exposta, mas o clímax, deferido. A história inacabada carecia de um final. Em Cristo, Deus proveu esse clímax à história do Antigo Testamento. Jesus não chegou sem ser anunciado; a sua vinda foi *antecipadamente* declarada no Antigo Testamento — não apenas nas profecias explícitas sobre o Messias, mas também por meio das histórias de todos os acontecimentos, personagens e circunstâncias do Antigo Testamento. Deus contava uma história maior, sobrepujante, unificada. Do relato da criação, em Gênesis, até as histórias finais do retorno do exílio, ele progressivamente

desfraldou o seu plano de salvação. O relato desse plano no Antigo Testamento, de alguma forma, sempre apontou para Cristo.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas trabalham com empenho para fazer com que um livro venha à luz. Queremos começar agradecendo a todos na casa publicadora P&R Publishing, em especial Marvin Padgett e Aaron Gottier, pelo encorajamento, profissionalismo e compromisso com a excelência ao supervisionar a produção deste livro. Eu (Iain) reconheço dívida de gratidão à minha esposa, Barb. Obrigado por tudo que você me ensinou sobre o pecado (mormente meu), graça, arrependimento e amor pelo evangelho. Ao ler cada sermão e comentar ao longo do caminho, você tem contribuído grandemente à aplicabilidade e utilidade dessas mensagens e evitado que eu expresse muitas das ideias insensíveis e impensadas que sou propenso a emitir. Obrigado também a nossos filhos (Wayne, Jamie, Sam, Hannah, Rob e Rosie). À medida que vocês começam a sair de casa e frequentar outras igrejas, os bancos da primeira fileira parecem cada vez mais vazios sem vocês. Sou muito feliz por cada um de vocês fazer parte da aventura de Grove City junto conosco.

Quero agradecer também a entusiasmada congregação da Christ Presbyterian Church. É sempre um deleite abrir a Palavra de Deus para vocês, sabendo que estão interessados e com fome do evangelho. O que mais qualquer pastor poderia desejar? Bem, ajuda no ministério, para começar. Sendo assim, do fundo do coração, agradeço a Matt por responder ao chamado de Deus para vir a Grove City trazendo organização, visão, maturidade e um coração de servo ao plantio de nossa igreja. Como resposta a nossas fervorosas orações, você e Rebecca são verdadeiramente muito mais do que podíamos ter imaginado.

Eu (Matt) quero agradecer minha linda esposa, Rebecca. Obrigado por seu constante amor e companheirismo, por sua paciência com meu pecado e por seu encorajamento em todos os meus esforços. *C'est à cause de toi...* A meus

filhos, Anastasia e Ransom, obrigado por seus sorrisos, risadas, abraços e empolgação ao explorar o mundo de Deus. Todo dia vocês me lembram de que todos nós — mesmo, e especialmente, o papai — precisamos dizer “sinto muito”, e que Jesus nos ama muito.

Tendo dívida para com muitos outros, desejo expressar profundo apreço por nossas duas famílias mais recentes de igreja. À Hope Presbyterian Church, obrigado por receber nossa família durante nossos anos de escola de pós-graduação e por me dar a oportunidade de servi-los, primeiro como estagiário e depois como pastor auxiliar. Gratidão especial a David Rowe e ao conselho pela valiosa experiência no ministério, como também sua prontidão em nos preparar para qualquer ministério futuro que Deus proveesse.

Igualmente, minha profunda gratidão à Christ Presbyterian Church por sua calorosa receptividade em Grove City. Seu profundo amor a Deus e ao seu evangelho é deleite constante. Jamais imaginamos que nos sentiríamos em casa com uma nova família da igreja em tão pouco tempo. Quero agradecer em especial a Iain e Barb por suas entusiasmadas boas-vindas e seu convite para lutar juntos na proclamação da obra reconciliadora de Deus pela vida, morte, e ressurreição do nosso Senhor Jesus.

Iain Duguid
Matt Harmon

ESPERANÇA PARA FAMÍLIAS DISFUNCIONAIS

(Gênesis 37.1-11)

Parece que algumas cidades receberam nomes errados. Minha esposa foi criada em Mount Morris, Michigan — elevação: uns “imensos” 236 metros. As pessoas usavam camisetas que proclamavam com orgulho: “Escalei o Monte Morris”. Provavelmente não é o único lugar na América do Norte com nome errado. Tome, por exemplo, Filadélfia. É uma grande cidade, famosa por causa do lar do Sino da Liberdade e do Salão da Independência. Seu nome significa “amor fraterno.” No entanto, alguns de seus fãs esportivos parecem não ter entendido a mensagem. Onde mais vaiariam e atirariam bolas de neve no papai Noel, como foi certa vez em um jogo do time de futebol Eagles? Parece que ali não havia muito amor fraterno.

UMA COMUNIDADE DE NAÇÕES

Gênesis 37 também não é um relato sobre amor fraterno, mas sobre ódio entre irmãos. O tema “irmão” ocorre nada menos que vinte e uma vezes neste capítulo e, no entanto, é uma história sobre irmãos que não conseguiam manter um bom relacionamento. Na verdade, os irmãos não se dão bem em nenhum lugar em Gênesis. O tema de irmão contra irmão começou com Caim e Abel e continuou por todas as gerações com Isaque e Ismael, seguido por Jacó e Esaú. Claramente, Deus não escolheu a família de Abraão porque seus membros seriam melhores representantes dos valores familiares tradicionais do que seus vizinhos pagãos — a não ser que contemos o favoritismo e a inveja assassina como sendo os valores tradicionais dessa família. O mesmo modelo continua ao adentrarmos a história da próxima geração, em Gênesis 37. Na introdução de um relato, geralmente esperamos encontrar as personagens principais e a

apresentação dos conflitos da trama que formarão o corpo da história. A introdução de Gênesis não é exceção: encontramos aqui as personagens principais — José, seus irmãos, e seu pai Jacó — e a principal complicação da trama: o fato de que os irmãos de José o odeiam.

Observe como essa hostilidade imediatamente reajusta o nosso modo de pensar sobre esta história, que tendemos a presumir que se trata de José e sua túnica colorida. Claro que ele é central ao que segue, mesmo se sua capa especial for apenas um detalhe incidental. Mas esta não é simplesmente a história de José. É, na verdade, a história de José *e seus irmãos*, o que faz perfeito sentido se pensarmos nos ouvintes originais a quem Moisés escrevia quando estavam no deserto. José e seus irmãos eram patriarcas fundadores da nação de Israel, um grupo de indivíduos pecadores imperfeitos, profundamente defeituosos que Deus escolheu para fazer uma nação de sua propriedade. Também, a história narrada em Gênesis 37–50 não é somente sobre José e seus irmãos; é uma peça-chave da história do grande plano de Deus para Israel e o que ele está fazendo nas vidas de seu povo como uma totalidade.

Mais cedo no livro de Gênesis, o Senhor afirmara que de Jacó viria uma comunidade de nações (Gn 35.11; cf. 28.3). Significativamente, a palavra hebraica aqui usada é *qahal*, que quer dizer literalmente “congregação” ou, até mesmo, “igreja,” já que a tradução grega do Antigo Testamento com mais frequência verte como *ekklesia*.¹ Em contraste com as gerações anteriores – em que Deus soberanamente escolheu um membro da família, em vez de outra, para portar a linha da promessa (elegendo Isaque sobre Ismael, e Jacó sobre Esaú) – dessa vez, Deus prometeu que escolheria os doze filhos de Jacó e os tornaria em uma comunidade harmônica de adoradores, a nação de Israel. Na verdade, os leitores originais da história, os israelitas do tempo de Moisés, eram o cumprimento dessa promessa. Moisés queria que olhassem para trás e se lembrassem de que houve um período em que a promessa de criar um povo de adoradores harmoniosamente unido parecia tão impossível quanto o cumprimento de sua promessa anterior, de dar um filho a um casal idoso e

estéril . Contudo, contra todas as probabilidades dos esquemas de homens pecadores, incluindo aqueles a quem escolhera, Deus realizaria seu alvo de fazer uma unida comunidade de adoradores.

O propósito último de Deus não era apenas criar e escolher o Israel dos dias de Moisés para ser uma comunidade de adoradores. O seu propósito era criar para si um Israel renovado e restaurado, formado de descendentes espirituais de Abraão. Seriam membros de uma família de adoradores, unidos em Cristo – isto, indo além dos descendentes físicos de Israel e englobando gente de toda nação e tribo da face da terra.

JOSÉ

Primeiro exploraremos o que Deus estava fazendo com essa família disfuncional em particular, a começar pelo membro obviamente menos confuso, José. Podemos presumir facilmente que, por ser o herói da história, ele deveria ser perfeito em tudo o que fazia. Não era assim. A primeira aparição de um personagem bíblico no palco de uma narrativa sempre é importante, e José não é exceção.

Encontramo-lo aos dezessete anos de idade, sendo mandado aos campos a fim ajudar os irmãos no cuidado das ovelhas. O texto diz que ele “acompanhava os filhos de Bila e os filhos de Zilpa, mulheres de seu pai; e trazia más notícias deles a seu pai.” (Gn 37.2), o que, na realidade, é tanto uma descrição do seu trabalho quanto faz referência à sua idade. Era enviado para junto dos irmãos a fim de executar as tarefas servisais comuns e não importantes. Outras personagens bíblicas também passaram tempo como pastores, é claro, notavelmente Moisés e Davi. Mas, em vez de receber revelações de Deus enquanto era pastor, como foi com Moisés, ou proteger seu rebanho do leão e do urso, como Davi, o que é que José fazia? Levava “más notícias” sobre seus irmãos para a casa do seu pai (Gn 37.2).

Em nossa língua uma “má notícia” pode ser verdadeira ou falsa. Porém, no hebraico, esta frase específica tem a conotação de um relato falso ou maldoso.² Os espias trouxeram a mesma espécie de “relato falso” ao povo de Israel, vindos

da terra de Canaã, dizendo que não valia a pena lutar por ela (“infamaram a terra que haviam espiado – Nm 13.32). Em Provérbios 10.18, a palavra é traduzida como “difama.” José não gostava de seus irmãos, ou talvez não gostasse de servir aos seus irmãos e, assim, levou para casa um relato fabricado ou exagerado a respeito dos erros de seus irmãos. Fez sua parte para perpetuar as divisões da casa, entre os filhos de mães diferentes; conflito esse destacado ao chamá-los de “os filhos de Bila e Zilpa” (Gn 37.2; cf. 29.31–30.24).

Além do mais, há a questão de como José lidou com os seus sonhos. Primeiro ele se viu colhendo grãos com seus irmãos, quando de repente, onze feixes se curvaram diante do seu (Gn 37.7). Depois disso, teve outro sonho, em que o sol, a lua e onze estrelas se inclinaram a ele (37.9). José já sabia que os irmãos o odiavam devido ao favorecimento de sua posição. No entanto, ao relatar os sonhos em que ele não somente era o filho favorito de Jacó como também o favorito escolhido por Deus, parece que estava esfregando a sua exaltação na cara dos irmãos. Uma coisa foi José ter contado a eles o primeiro sonho. Mas, em face da amarga resposta que eles tiveram a esse primeiro, outra coisa foi José virar e relatar-lhes o segundo sonho, o que sugere insensibilidade em uma escala gigantesca.

Tenho certeza de que você conhece gente assim em sua própria experiência — gente que corre o risco de ser totalmente estragada por obtenção de sucesso quando muito novos. Pode ser um primeiranista que se torna estrela do time de futebol, ou consegue o papel principal na peça de teatro, o jovem profissional que rapidamente demonstra espetacular sucesso financeiro na bolsa de valores, ou, até mesmo, um jovem pregador cuja primeira igreja de repente cresce e floresce. O resultado desse sucesso rápido é que eles se tornam cheios de si. Ainda que tenham grande talento, esse talento está a perigo de ser desperdiçado ou corrompido a não ser que algo profundamente transformador aconteça a fim de resgatar seu rumo. José desesperadamente precisava de ajuda.

JACÓ

Há também a disfunção de Jacó como pai da família. A túnica especial não foi a primeira indicação de sua preferência por José. Quando Jacó voltava à Terra Prometida após sua estada em Padã-Arã, e teria de enfrentar a seu irmão, ouviu dizer que Esaú estava vindo ao seu encontro com quatrocentos homens. Ficou aterrorizado com a possibilidade de um massacre. Por esta razão, o jovem José e sua mãe Raquel estavam protegidos na parte traseira da caravana, enquanto os irmãos mais velhos com as suas mães foram expostos, à frente (Gn 33.2). Como você acha que os irmãos se sentiram agora que seu pai os considerava dispensáveis?

Isso nos leva ao manto ricamente ornamentado de José (Gn 37.3). Não era necessariamente uma túnica de muitas cores, como reza a tradição seguindo a tradução grega, mas é certo que, no único lugar onde ocorre na Bíblia, esta frase se refere a uma veste real: uma túnica talar de mangas compridas (2Sm 13.18). O que quer que fosse precisamente essa túnica, com certeza não seria o tipo de roupa que se usa quando alguém planeja trabalhar. É surpreendente ler sobre essa capa *depois* que José levou a seu pai as más notícias sobre seus irmãos.

Existe aqui uma sequência definida: José vai servir e trabalhar para seus irmãos, enquanto eles pastoreavam; leva para casa más notícias sobre eles; e o pai o recompensa com uma esplêndida túnica. A próxima vez que os irmãos saem para pastorear, adiante, neste mesmo capítulo, José não está mais trabalhando com eles. Presumivelmente está de folga em casa, vestindo seu casaco chique, com os pés para cima no sofá, enquanto seus irmãos estão dando duro nos campos. Não é de admirar que os irmãos o odiassem!

Naturalmente, o pai Jacó estava apenas repetindo o modelo tóxico da família que seguiu de sua própria juventude. É uma verdade trágica que, muitas vezes, perpetuamos a disfunção familiar que, quando crianças, observamos à nossa volta. Na família da infância, seu próprio pai, Isaque, preferira Esaú, enquanto ele fora o favorito da mamãe. Então, chegada a sua vez, fez o mesmo aos seus próprios filhos. Que tragédia é passar tal disfunção para a próxima geração! Provavelmente havia também uma dimensão espiritual no tipo de preferência

que Jacó demonstrava por José. No versículo 3, o narrador conta que Jacó amava José porque ele era “o filho da sua velhice.” Poderíamos esperar que Jacó o preferisse por ser José o filho da esposa favorita, Raquel, o que com certeza também era verdadeiro. Mas o fato de chamar José de “filho da sua velhice” liga-o à mesma condição de Isaque, o filho que Sara deu a Abraão na *sua* velhice: a mesma palavra é usada para Isaque em Gênesis 21.2. Isso sugere que Jacó amava José mais do que aos irmãos, porque acreditava que ele seria o filho que Deus prometera, aquele que portaria a linhagem prometida do Messias, a semente prometida da mulher em Gênesis 3.15.

Essa expectativa provavelmente foi aprofundada e difundida pelos sonhos de José, de que seus irmãos e seus pais viriam a se curvar diante dele. Certamente aqui estava uma confirmação da parte de Deus de que José era o escolhido. A imagem de um pai e de uma mãe a se inclinar diante do próprio filho é coisa ultrajante em uma sociedade patriarcal. Por isso Jacó repreendeu a José ao mesmo tempo em que “guardava em mente esses dizeres” (Gn 37.11). Foi a mesma resposta que Maria teve à aventura de Jesus menino com os mestres no templo de Jerusalém (Lc 2.51). Pai e mãe indagaram e ponderaram o que essas coisas poderiam significar sobre seu filho especial.

OS IRMÃOS

Não havia dúvida nem ponderações da parte dos irmãos de José. Estavam unidos no ódio ao sonhador. Já o odiavam tanto depois que ele recebeu sua túnica, que nem conseguiam cumprimentá-lo; o texto diz, literalmente: “... e já não lhe podiam falar pacificamente” (Gn 37.4). Isso, antes que os sonhos começassem. Depois desses sonhos, odiaram-no ainda mais (37.8). Não se esqueça também de que estes eram homens perigosos. Rúben demonstrara desprezo pela moral e pela estrutura da família ao dormir com a concubina de seu pai, Bila, em um ato que tinha mais a ver com rebeldia do que com lascívia (35.22). Simeão e Levi massacraram uma cidade inocente, lá no capítulo 34, enquanto Jacó nada fez para impedi-los. Há uma atmosfera agourenta em toda

esta história, até mesmo, antes de chegarmos aos eventos seguintes, no capítulo. Esta é uma família que precisa desesperadamente de intervenção divina.

MAS DEUS...

Mas não se esqueça de Deus. Ainda que seu nome não seja mencionado na passagem, isso não significa que o Senhor não estivesse ativo. Durante toda a narrativa sobre José, Deus é visto principalmente por seus atos de providência, fazendo com que todos os detalhes da história se encaixem para trazer à luz os seus propósitos nas vidas de cada uma das personagens. Aqui, nesta passagem, a ação mais óbvia de Deus é que foi ele quem enviou os sonhos para José. O que o Senhor estaria pensando? Por que ele jogaria um fósforo aceso no barril de pólvora da disfunção familiar, sabendo tão bem quanta dor, quanto sofrimento de coração e quantos problemas inevitavelmente resultariam? Não é preciso ser uma divindade onisciente para ver onde essa história vai acabar!

Contudo, precisamente por ser divindade onisciente e soberana é que Deus pode fazer isso. Ele sabia exatamente como José responderia aos sonhos, também exatamente como Jacó e os irmãos reagiriam. Nenhuma das circunstâncias de suas vidas estiveram, nem por um microssegundo, fora do controle soberano de Deus. Este sabia o que aconteceria e como utilizaria cada fragmento da dor, do sofrimento e da disfunção para moldar as vidas de cada membro desta família em termos de algo nobre e grandioso. Desse modo, Deus realizaria seus propósitos redentivos para a família e, por meio dela, para o mundo inteiro. Não havia nada de acidental no fato de Deus ter mandado os sonhos a José: tudo fazia parte de seu plano perfeito de criar e escolher uma comunidade de adoradores unida. No entanto, vale a pena observar que os caminhos redentivos de Deus não são os nossos. Qual de nós escolheria crescer em família disfuncional que explodisse em pecados violentos e traumáticos? Qual de nós escolheria ser vendido como escravo e levado longe para uma cultura alheia? A resposta clara é: “Ninguém.” Mas este era o perfeito plano de Deus para José. Em nossas próprias vidas, presumimos prontamente que sempre que abusos terríveis ocorram ou relacionamentos tragicamente se

desmoronem, ou pecados traumáticos arruinem nossa vida, Deus certamente estaria ausente. Nada está mais longe da verdade.

Com certeza, Deus odeia o pecado e o abuso. Ele jamais causa nem desculpa o pecado. Somos responsáveis por nosso próprio pecado, o qual flui de nossos próprios perversos corações (Tg 1.13-14). Mas os caminhos redentivos de Deus não nos levam a evitar o sofrimento de conflitos, abuso, divórcio e famílias partidas, nem mesmo a expressão e ação da nossa própria natureza pecaminosa. Em vez disso, o seu plano perfeito para nossas vidas, frequentemente, leva-nos para o meio de tempestades onde nossa disfunção e nosso pecado, juntamente com os de nossas famílias e amigos, estarão em plena e trágica exposição, de maneira que o evangelho de sua poderosa graça e soberana misericórdia pode igualmente ser demonstrado com poder.

DEUS TEM UM PROGRAMA DE TREINAMENTO NO SOFRIMENTO

O que Deus estaria fazendo em tudo isto? Em primeiro lugar, havia uma obra necessária a ser feita no coração de José, que ainda não estava pronto para ser um líder. Nesta etapa, ele ainda era um jovem excessivamente impetuoso e egoísta e precisaria ser preparado na clássica escola de Deus, no curso de liderança de igreja, o que certamente envolveria longo período de treinamento em pistas laterais, aguardando o que Deus havia reservado para ele. José seria preparado através de provações, tentações e sofrimentos até que Deus decidisse sobre sua prontidão para ocupar lugar na pista principal, a seu serviço. O caminho do crescimento espiritual de José envolveu o sofrimento de abusos e maus-tratos, separação do lar e da família, ter o caráter arrastado na lama e, finalmente, ser abandonado e esquecido durante anos pelas próprias pessoas que ele mesmo ajudara. Foi um processo de treinamento necessário para torná-lo a pessoa que Deus o chamara para ser. Tais provações e dificuldades seriam precisamente as coisas que mostrariam tanto a fraqueza quanto a força de José, lançando-o continuamente sobre a constatação da necessidade de depender de Deus.

Foram lições que ele jamais teria aprendido, assentado confortavelmente na casa de seu pai, vestindo sua túnica exclusiva. Não obstante, ao mesmo tempo, Deus também deu sonhos a José logo no início de sua difícil jornada. Tais sonhos foram um gatilho para disparar o ódio dos seus irmãos, mas também lhe foram dados para construir nele uma sólida esperança na promessa de Deus. Mais tarde, José voltaria a esses sonhos, vez após vez, confiante de que o Deus que os concedera também no tempo certo os cumpriria, por mais improváveis que pudessem parecer.

Quem sabe se você se encontra, neste exato momento, em uma fase do programa de treinamento de Deus? Sente que sua vida está em uma fase de espera — ou pior, que o Senhor se esqueceu completamente de você. Sente que os seus dons não tenham sido reconhecidos, ou que não tem oportunidades para empregá-los, no momento. Talvez você tenha sido mal entendido e maltratado pela comunidade da igreja, e se pergunta se algum dia Deus ainda abrirá uma porta para servi-lo de maneira significativa. Quem sabe você esteja vendo sua vida inteira explodir a seu redor, em um redemoinho catastrófico de pecado sobre pecado, quer seus próprios erros quer os de outros. Talvez tenha experimentado pessoalmente abuso da parte de sua própria família ou de figuras de autoridade a seu redor, mesmo de dentro da igreja.

Como você poderia reagir a esse período da vida? Não tem sonhos pessoais para recorrer, como José, que expliquem o plano de Deus para a sua vida. Tem, porém, algo melhor: “aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus” (Fp 1.6). Este período de treinamento doloroso certamente o equipará para servir a Deus mais plenamente, nos tempos adiante. Em outros casos, poderá não ser fácil ver o desenrolar dos seus planos. Sabemos, porém, que ele sempre opera e que completará sua obra até o dia de Cristo Jesus. Durante os dias tenebrosos de provação e sofrimento, portanto, agarre-se à segurança de que Deus usará a sua vida da forma que lhe apraz para trazer glória a ele mesmo de uma maneira que seja, ao mesmo tempo, para o seu próprio bem. A rota de treinamento de Deus provê para você poder levá-lo

por um caminho que você jamais teria escolhido. Talvez, trilhas que volteiem por vales de profundas sombras e que conduzam a batalhas das quais você emergirá com feridas cuja profundidade somente será conhecida por você mesmo e por Deus. No entanto, ele estará com você a cada passo, conforme prometeu, para, por meio de cada uma dessas difíceis e dolorosas experiências, formá-lo para as grandezas que têm valor diante de seus olhos.

O PROGRAMA DE TREINAMENTO DE DEUS EM MEIO AO PECADO

Os irmãos de José também não estavam prontos para liderar o povo de Deus. O campo de treinamento deles, porém, seria diferente do de José. Este foi preparado mediante a escola de duros golpes e de difíceis tomadas de providências, em que sofreria ampla gama de abusos e maus-tratos. Ele aprenderia mais sofrendo pelo pecado de outros cometidos contra ele, enquanto seus irmãos sofreriam mais as consequências dos próprios pecados. A escola, para os irmãos de José, envolveria especialização dupla, nos departamentos do pecado e do arrependimento. Aprenderiam sobre a própria depravação por meio de amarga experiência. Teriam imaginado, os irmãos, que poderiam se rebaixar tanto, a ponto de considerar o assassinato do próprio irmão e, em seguida, vendê-lo como escravo? Certamente o odiavam, mas seria o bastante para fazer uma coisa dessas? Depois de lançá-lo em uma cova, eles não foram imediatamente tomados de remorso. Em vez disso, casualmente se assentaram para comer juntos (Gn 37.25), enquanto a vida do irmão estava por um fio. Depois, de modo grosseiro, eles enganaram o próprio pai para que pensasse que o filho amado fora morto e devorado por um animal selvagem (37.31-33).

Dentre todos os irmãos, Judá experimentaria treinamento particularmente intenso no programa escolar de lida com o pecado e o arrependimento. Teria, Judá, pensado que poderia casualmente possuir uma prostituta de beira de estrada e, depois, hipocritamente insistir que sua nora deveria de ser morta em função de sua promiscuidade (Gn 38.24)? Ao observarmos a sua história, nós o veremos mudando e amolecendo o coração, precisamente por meio da

experiência com o próprio pecado e sua exposição. Isto, ao ponto de, finalmente, estar preparado para entregar a própria vida, a ver seu irmão Benjamim, preso, e o coração do pai, quebrado, pela segunda vez. A experiência com o próprio pecado e as suas consequências transformaram a vida de Judá e, pela obra de Deus, fizeram dele uma pessoa diferente.

Talvez seja exatamente aí que você se encontre agora: em um fosso onde encara, pela primeira vez, a própria pecaminosidade. Talvez ache profundamente intrigante que Deus não mais o proteja do pecado. Afinal, você ora, repetidamente: “Não nos deixes cair em tentação,” mas a tentação parece procurá-lo assim mesmo, e repetidas vezes você cai nos mesmos modelos de desobediência. Talvez sejam pecados secretos, conhecidos apenas por você mesmo. Ou, quem sabe, sejam de conhecimento público e todo mundo na sua comunidade sabe quão grande pecador você é. Possivelmente você tem pecado sob grande tentação, depois de resistir por longo tempo. Ou talvez tenha cedido facilmente, a despeito de todas as bênçãos e consolações que Deus tem derramado sobre você. Qualquer que seja o caso, ele é tão plenamente soberano sobre o seu pecado quanto o é sobre as suas circunstâncias. Sequer será possível que pequemos fora da sua vontade. Então, o que Deus estará fazendo quando nos entrega desta forma ao nosso próprio pecado? Por que Deus não estende a mão e nos impede a tempo?

A resposta é que nosso pecado também faz parte do programa de treinamento de Deus para nós. Conforme antes já dissemos, ele não é o autor de nosso pecado; este procede naturalmente de nós mesmos. Tudo que Deus faz é deixar-nos por nós mesmos e nós, prontamente, cedemos à tentação em qualquer contorno ou forma que ela venha. Por esta razão é que existe tanto pecado ao nosso redor e dentro de nossos próprios corações.

Será que a igreja de hoje é melhor do que o Israel original, a família disfuncional de doze irmãos que não conseguiam relacionar-se bem? Cada um de nós envergonha o nome de Cristo diariamente por meio de nossa ira, nossas palavras e ações maldosas, nosso orgulho, nossa fofoca, os rumores que

espalhamos para rebaixar o próximo e exaltar a nós mesmos. Isso acontece em nossas famílias, nossas comunidades, e em nossas igrejas.

Pela graça e pelo dom de Deus, sou uma pessoa trabalhadora que consegue seguir certo padrão de justiça exterior. Contudo, rapidamente eu confundo o dom de Deus com algo que eu mesmo faço, imaginando que as coisas boas venham do meu interior. Tal atitude torna-me uma pessoa orgulhosa e julgadora, com pouca compaixão por aqueles que estão fracos e batalhando para andar no caminho. É fácil zombar dos outros e condená-los por suas fraquezas e falhas. É uma forma de insuflar a mim mesmo e tentativa de mostrar a Deus que eu deveria ser o favorito entre seus filhos, pois, afinal, eu me esforço tanto por ele. Em suma, isso é pecado, é uma atitude de autoglorificação do coração que facilmente brota em palavras nada graciosas para com os outros.

Deus, no entanto, tem bons propósitos até mesmo, em relação ao meu pecado. Ele pode usar minha incapacidade de controlar a língua para expor a minha arrogância e me humilhar. Dessa forma, obtenho maior apreciação da sua graça do que teria se ele, soberanamente, capacitasse-me a restringir meu pecaminoso coração. Nosso pecado repetidamente nos castiga e mostra-nos que Deus não nos escolheu porque somos gente tão maravilhosa. Longe disso, somos pessoas profundamente quebradas, rebeldes, que, deixadas por si mesmas, não conseguem permanecer fiéis a Deus sequer por um instante.

Mas nosso Deus é o grande salvador de grandes pecadores, como os irmãos de José e como nós. Um Deus que se deleita em resgatar e redimir casos impossíveis, sem esperança, e causas perdidas, tornando-nos uma comunidade unida que juntamente o adore e louve a sua graça — não a própria bondade.

JACÓ

Finalmente, o trabalho de Deus em Jacó também ainda não estava completo. Isso poderá nos parecer estranho e desanimador, pois aquele se tornava homem bem idoso. Ele frequentara o treinamento da escola de Deus do sofrimento durante muitos anos; o seu próprio pecado havia sido repetidamente exposto, e tinha se arrependido muitas vezes. Embora já tivesse aprendido muitas lições na

escola de Deus, fizera apenas pequenos começos na estrada para a justiça. Em um momento, ele era o velho Jacó, cheio de autocentrismo, focado inteiramente nos próprios desejos e necessidades, e em outro momento, era Israel, o homem que se agarrava a Deus e confiava nele para receber a bênção a despeito de todas as suas circunstâncias. Mesmo depois de todos esses anos de aprendizado, Jacó teria de aprender muito, mais algumas rodadas no ringue de treinamento onde, mais uma vez, aprenderia que a providência de Deus é confiável para cumprir aquilo que ele prometeu.

Talvez seja esta a situação em que você se encontra hoje: confuso quanto à morosidade de seu crescimento espiritual. Você achava que já deveria ter chegado a um grau mais alto de santidade. Nesse estágio da vida, já deveria haver uma confiança mais estável em Cristo e maior medida de santidade pessoal.

O que será que Deus está fazendo em sua vida? Certamente, está mostrando que você jamais crescerá além da necessidade de sua graça e poder. Você sempre necessitará da sua força, aos 85 anos como dela careceu aos cinco, 15 ou 45 anos. Enquanto estiver neste mundo, você experimentará o fato de que você é ambos: santo e pecador. Hoje, você é tão justificado pela justiça de Cristo tanto quanto sempre será e, no entanto, de algumas formas você poderá estar tão longe como jamais esteve de viver as plenas implicações dessa realidade.

JESUS

Todos nós batalhamos com essa realidade e o faremos até que Cristo volte, pois esta narrativa não é somente sobre o que Deus fez nas vidas de Jacó, José e seus irmãos. É sobre o que ele está fazendo ao redimir para si um povo em Cristo. Da mesma forma, a sua história faz parte da história maior do propósito redentivo de Deus. Os sonhos deste capítulo de Gênesis são grandiosos demais para serem meramente a respeito de José. Com certeza, eram sombras que prenunciavam eventos que ocorreriam mais tarde, quando os irmãos de José desceriam ao Egito e se inclinariam diante dele. No entanto, quando Jacó abençoou seus filhos, em Gênesis 49, ele disse a Judá, e não a José, que os filhos

do seu pai se curvavam diante dele. Da tribo de Judá é que viria aquele de quem falou a promessa de Gênesis 3. A vida de José foi, de maneiras profundas, uma antessombra da vida de Cristo, mas ele não era o próprio Cristo. O Cristo prometido seria da linhagem de Judá, e muito maior do que Judá: ele seria o próprio Deus [encarnado], aquele diante de quem o sol, a lua e as estrelas verdadeiramente se inclinam.

Esse glorioso Messias, o Deus/Homem Jesus Cristo, voluntariamente se humilhou e se permitiu entrar na escola do sofrimento e da tentação. Deixou de lado a merecida túnica de honra e o lugar seguro ao lado de seu Pai como favorito escolhido. O primogênito de toda a criação deixou para trás toda sua glória e o constante louvor dos anjos e arcanjos, e se expôs a um mundo que o rejeitaria, desprezaria, odiaria, abusaria e, no final, o mataria. Durante seu ministério terreno, os seus próprios irmãos não acreditavam nele (Jo 7.5). Deve ter sido doloroso! No entanto, ele nunca revidou com ódio. Jamais se exaltou às expensas de outros nem zombou de pecadores fracos e quebrados. Poderia ter, com justiça, se enchido de orgulho e ter manifestado impaciência com um povo tolo e cheio de pecado, mas, em vez disso, foi manso e humilde, bondoso e compassivo para com os que estavam sobrecarregados de pecado. Nós somos rápidos para julgar e condenar qualquer um que não se ajusta aos nossos padrões de justiça, mas Jesus foi paciente e longânimo com os pecadores, até mesmo com aqueles que o crucificaram.

O que o Pai estaria pensando, ao enviar voluntariamente seu Filho amado ao barril de pólvora da humanidade decaída e pecadora, dando-lhe corpo físico passível de ser torturado e ferido? Ele pensava em mim e em você, na igreja que estava criando, chamando à existência — uma nova e unida comunidade de adoradores, feita de pecadores redimidos. Para alcançar este alvo, Jesus tomou sobre si o castigo que o seu pecado merece, para que, agora, a descoberta do pecado atual não precise destruí-lo, mas o conduza novamente à maravilha da graça de Deus. A fim de realizar esse propósito, Jesus suportou a rejeição do Pai celestial, tomando a cruz, na qual todo o ódio perfeito e puro contra o pecado

foi derramado por Deus sobre sua própria cabeça. Ele foi abandonado e desprezado pelo Pai, posto sob o tacão da maldição, para que nós fôssemos incluídos para sempre na bênção do Pai.

Como resultado disso, a nossa posição diante de Deus não depende de nossos melhores esforços para amar aos irmãos, quer na família literal quer na igreja. Assim, peça a ele que o ajude a reagir à sua maravilhosa graça mostrando semelhante graça aos que estão ao seu redor. Contudo, jamais esqueça que você foi chamado para se esforçar e que, muitas vezes, fracassará nessas tentativas e acabará rebaixando o próximo e enaltecendo a si mesmo. Continuará pecando contra seus irmãos e amigos, tal como eles continuarão pecando contra você. A cada passo, olhe de novo para a perfeita obediência de Jesus, e louve-o porque, em Cristo, o evangelho provê maravilhosa esperança e descanso para as pessoas mais feridas e as famílias mais disfuncionais.

PARA REFLETIR

1. Que espécie de comunidade Deus prometeu criar por meio da família de Abraão?
2. Como cada membro da família de José (José, Jacó e os irmãos) solapava a comunidade e contribuía para a disfunção da família?
3. Como você tem sentido a comunhão quebrada em sua própria família ou igreja? Com o que você contribuiu para essa disfunção?
4. Como Deus agiu providencialmente nas circunstâncias que levaram os irmãos a vender a José? Deus tem dado cura através de revoltas em quaisquer de seus relacionamentos?
5. De que maneiras você se identifica com o sofrimento de José, o pecado dos irmãos, e o lento crescimento espiritual de Jacó? O que tais experiências revelam sobre o seu próprio coração?
6. Como a vida perfeita de Jesus e seu sofrimento — que carregou nossos pecados — sobrepujam a nossa desunião? De que modo específico as

boas-novas dos laços fraternos de Jesus transformam os relacionamentos em sua família imediata e também na igreja?

- ¹ No Pentateuco, a Septuaginta geralmente traduz *qahal* por *sinagoga*, mas o ponto básico ainda é válido.
- ² Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis 18–50* (Grand Rapids: Eerdmans, 1995), 406.

SONHOS DESPEDAÇADOS

(Gênesis 37.12 -36)

Na peça musical *Os Miseráveis*, Fantine canta uma canção denominada “Sonhei um Sonho”. Refletindo sobre como, em dias passados, ela se enamora de um estudante que a abandonara, grávida e só, ela canta tristemente: “Agora a vida matou o sonho que eu sonhei”.¹ As suas esperanças e os seus sonhos foram esmagados por acontecimentos que a deixaram tropeçando nas fendas do desespero, golpeada por um furacão que, bem sabia, não poderia suportar.

Todos gostaríamos de acreditar que seria impossível terminarmos como Fantine, com uma narrativa de vida tão terrivelmente descarrilada. No entanto, a verdade é que nossas vidas são vasos frágeis, facilmente entornados pelos poderosos temporais que sobreveem, em forma de doença grave, morte de um ente querido, casamento desfeito, relacionamento abusivo, acidente debilitante, ou falha em alcançar as esperanças e ambições para nossa carreira. As tempestades da vida, na verdade, poderão ser severas e de difícil aclimação.

Em Gênesis 37, vemos como, mesmo que pareça que os sonhos dados por Deus a José tivessem se despedaçado, o Senhor ainda estava no controle completo de cada aspecto de sua vida. De fato, o Senhor estava trabalhando precisamente em e através da experiência esmagadora do sofrimento de terrível abuso nas mãos dos próprios irmãos. Este acabou sendo o meio pelo qual o Senhor realizou seus bons propósitos para com José, para com toda a família e, no final, para o mundo inteiro.

A PROCURA POR SHALOM

Primeiro vejamos o que aconteceu com José. Já consideramos como era disfuncional a família que Deus escolhera para fundar uma comunidade de adoradores que se tornaria em Israel. José trouxe para casa um relatório crítico sobre os irmãos (Gn 37.2), a que Jacó recompensou com uma túnica real (37.3) como símbolo do favoritismo de José acima de todos os outros irmãos. Enquanto isso, os irmãos de José o odiaram não apenas em função do relatório negativo e das vestes reais, mas também “o odiavam, por causa dos seus sonhos e de suas palavras” (37.8). Chegaram a ponto de odiarem tanto a José que sequer conseguiam dizer-lhe *shalom* quando o encontravam pela casa (37.4).

A despeito desse ambiente tóxico de família, Jacó enviou José a Siquém, onde os irmãos pastoreavam o rebanho, para inquirir sobre como eles estavam (isto é, o seu *shalom*, 37.14). O que Jacó estaria pensando? Como ele imaginava que os irmãos o receberiam, a quilômetros de distância de casa, especialmente vestindo sua primorosa túnica? Obedecendo ao mando do pai, José foi ao encontro dos irmãos. De início, a busca foi inútil, e ele poderia ter facilmente desistido e ido para casa, justificando que, por mais que se esforçasse, não os havia encontrado. Mas, neste momento especial, enquanto entrava num campo perto de Siquém, José encontrou um homem que tinha a informação de que precisava (37.15). Esse homem não somente se adiantou para perguntar a José o que procurava, mas era possivelmente o único de toda a área que sabia exatamente para onde os seus irmãos tinham ido — a Dotã. Se o homem tivesse caminhado na direção oposta, a história teria acabado de maneira bem diferente.

O MESTRE DOS SONHOS

Armado com essa informação, José prosseguiu até Dotã, onde achou os seus irmãos (Gn 37.17). Mais precisamente, eles viram que José vinha, ainda distante, e tramaram contra ele. “Vem lá o tal sonhador!” disseram. “Vinde, pois, agora, matemo-lo e lancemo-lo numa destas cisternas; e diremos: Um animal selvagem o comeu, e vejamos em que darão os sonhos” (veja 37.19-20). A esta altura, o irmão mais velho, Rúben, interveio. Sugeriu que, em vez de derramar o sangue do seu irmão, simplesmente o lançassem em um poço seco. Aparentemente, o

seu plano era resgatar José e levá-lo em segurança de volta ao pai, talvez para recuperar o favor paterno (37.22). Atendendo ao conselho de Rúben, os irmãos não se levantaram de pronto para matar José, mas arrancaram-lhe a túnica e o lançaram na cova vazia (37.23-24). Então, assentaram-se para comer seus sanduíches de húmus e pão sírio, como se aquele fosse apenas mais um dia comum.

Enquanto os irmãos comiam a refeição, passou por eles uma caravana de mercadores, rumo ao Egito, e Judá teve uma ideia ainda mais brilhante: “Em vez de derramar o sangue de nosso irmão, vamos vendê-lo a esses ismaelitas. Desse jeito, não seremos culpados de derramar o sangue dele, e ainda ganhamos algum dinheiro com a transação. Afinal, ele é nosso irmão — da nossa própria carne e sangue! Para nós ainda vai estar morto, claro, mas sem nenhuma confusão da nossa parte” (veja 37.26-27).

Assim, venderam José aos mercadores por vinte siclos de prata, preço típico de um escravo no começo do segundo milênio (37.28). Legalmente, claro, a diferença entre vender alguém para a escravidão e o seu assassinato de cara é uma falsa distinção, sem nenhuma diferença. Indeadamente vender alguém como escravo, tal como o assassinato, era uma ofensa capital na lei do antigo Oriente Médio, pois, em ambos os casos, a vida da pessoa era roubada, quer isso fosse feito instantaneamente quer no decurso de longo período de servidão.

Os irmãos tinham, então, de resolver o que diriam a seu pai. Tomaram a túnica talar de José, mancharam-na com o sangue de um cabrito, e permitiram que Jacó chegasse a uma conclusão natural (37.31-33). Note que, na verdade, eles não contaram uma mentira ao pai; simplesmente produziram o casaco e disseram: “O Senhor reconhece isso? É a túnica do seu filho?”

Há, aí, uma rica ironia no fato de Jacó ter sido enganado por uma roupa e um bode morto, já que foram exatamente as coisas que ele usara para enganar seu próprio pai, Isaque, muitos anos antes (27.15-16). Jacó, então, rasgou suas vestes e entrou em luto por seu filho, recusando ser consolado por seus outros filhos e filhas (37.34-35). Isso demonstra nitidamente o problema por trás de todo o

capítulo: para Jacó, os outros filhos não valiam grande coisa. Era como se José tivesse sido o filho único, e assim, com sua morte, a vida do próprio Jacó tivesse acabado. Não foram somente os sonhos de José que foram estraçalhados pelos eventos daquele dia. Os sonhos de Jacó foram também destruídos. Mas por que o mundo deste foi assim tão completamente transtornado?

Uma resposta, é claro, está no próprio favoritismo que ele tinha por José. Jacó havia investido todas as suas esperanças e sonhos nesse único filho, o filho de sua velhice. Lembre-se de que, ao chamá-lo de “filho de sua velhice,” o amor de Jacó por José estava ligado ao amor de Abraão por Isaque (Gn 37.3; 21.2, 7). Jacó via José como o filho por meio de quem seria cumprida a promessa do Senhor da semente messiânica. Ora, com a aparente morte de José, como é que tal promessa se cumpriria? O sonho que Jacó guardara no coração — o sonho de José, do sol, lua e estrelas vindo curvar-se diante dele — era agora um sonho que não poderia ser realizado. Por isso é que perder José não foi meramente uma grande tempestade na vida de Jacó — era a tempestade que ele jamais conseguiria superar.

No entanto, ao mesmo tempo, o narrador justapõe a intensa mágoa de Jacó ao anúncio da chegada de José em segurança no Egito, para onde foi vendido à casa de Potifar. A história de José ainda não havia terminado: ele não estava no Sheol, mas apenas no Egito, precisamente onde o plano providencial de Deus o havia conduzido.

A SOBERANIA DE DEUS SOBRE EVENTOS INEXPLICÁVEIS

O ponto primeiro e mais óbvio que aprendemos disto é o controle soberano de Deus sobre todas as nossas circunstâncias. Esta é uma lição que veremos repetidamente nos próximos capítulos de Gênesis. Na verdade, a lição é dada muitas vezes porque necessitamos dessa repetição constante. A soberania de Deus opera de modo complexo e profundo por meio desta história, exatamente como em nossas próprias vidas.

Primeiro, considere todas as “coincidências” necessárias para que José descesse ao Egito. Para começar, Jacó precisou mandar José verificar como iam

seus irmãos. Este teve, então, de encontrar o homem que lhe disse que os irmãos tinham ido a Dotã. Se os irmãos tivessem ficado em Siquém, José poderia facilmente tê-los encontrado, mas então eles não estariam na principal estrada para os camelos viajarem para o Egito. Mais ainda, se Dotã estivesse na rota principal para caravanas de camelos, talvez dias ou, quem sabe, muitas semanas poderiam passar sem que os visse indo na direção certa. O plano de Rúben, de jogar José no poço em vez de matá-lo imediatamente, primeiro teve de ser aceito, e também teve falhas, dada a ausência de Rúben, quando aconteceu a discussão crucial de vender José. A caravana que passava tinha de estar indo para o Egito e não para outro destino qualquer, e os ismaelitas teriam de vendê-lo à casa de Potifar, para que as peças se encaixassem para a próxima parte do plano de Deus. Finalmente, Jacó tinha de ser enganado com sucesso mediante a manobra dos irmãos quanto à túnica, ou a família certamente teria sido rompida de modo irreparável. Todas essas coisas precisavam acontecer exatamente na ordem e na hora certa para que José descesse ao lugar onde ele precisava estar, para que, ao fim, pudesse salvar toda a família da fome mortal.

Coincidência? Acho que não.

Note, também, como essas circunstâncias teriam parecido confusas e dolorosas para as pessoas que as enfrentaram. Deus estava em soberano controle de todas as coisas, e esse controle soberano envolvia a destruição completa da impressão de paz e de felicidade de ambos, tanto de Jacó quanto de José. O plano soberano de Deus deixou José nu e jogado em uma cova. O plano soberano de Deus para o bem de sua família deixou Jacó inconsolavelmente enlutado, em um estado de tristeza e tenebroso vazio que marcariam a sua vida para os próximos vinte anos ou mais. Os sonhos de Jacó e de José foram completamente rompidos e despedaçados, e não houve uma voz do céu que lhes assegurasse que no final tudo acabaria bem. Ficaram sem nada de que depender, senão da fé em Deus e nas suas promessas: a esperança de que o Deus que devolveu o “filho da velhice” de Abraão de volta da morte, substituindo um cordeiro por Isaque (Gn 22.13-14), poderia de alguma maneira fazer o mesmo

naquela situação. Certamente esta era uma esperança muito tênue, e muitas vezes a fé e a esperança de ambos os personagens cederam lugar às dúvidas e ao desespero.

Note também que nem mesmo o mais habilidoso conselheiro poderia ter explicado o que Deus estava fazendo. Levaria muitos anos e muitas outras voltas e reviravoltas na história, antes que a necessidade desses eventos fosse esclarecida. Contudo, no fim da história, fé e esperança são justificadas, e a dúvida e o desespero são vencidos.

Este pode ser um pensamento encorajador para quem luta com a amarga realidade da dolorosa providência de Deus. Talvez você duvide ser possível que Deus esteja no controle soberano da confusão em que sua vida se tornou. Realmente poderá ser que Deus fez seus sonhos naufragarem? Ou, quem sabe, você acredita que realmente o Senhor está no controle, mas estaria amargurado e irado com a maneira que ele escolheu para conduzir a sua vida. Você sabe que foi ele quem despedaçou os seus sonhos, e sente que é muito difícil lidar com essa realidade. Então, deixe que a experiência de José fale ao seu coração. Sim, a soberana providência de Deus, às vezes, leva-nos a entrar e passar por tempestades em que naufragam totalmente todas as nossas esperanças e nossos sonhos. Ele certamente não promete vida fácil, de saúde e prosperidade, para os seus seguidores. Contudo, é precisamente essa providência amável de Deus que está em operação nas épocas mais dolorosas da vida. Ele não é inconstante e maldoso para, sem alguma razão, levantar circunstâncias dolorosas em nossa vida. Ele tem profundas lições que deseja que aprendamos e em que seremos usados para glorificá-lo, e estas não podem ser cumpridas a não ser que passemos por *esta* tempestade. José não poderia salvar seu povo ficando confortavelmente em casa. O amor idólatra de Jacó por José precisava ser desafiado, e para que isso acontecesse, este teve de ser levado embora. Deus amava demais a Jacó para deixar que ele continuasse agarrado confortavelmente à sua idolatria. Assim também, nossa dor jamais será sem sentido: Deus sempre

tem um bom propósito a realizar por meio dessa dor, tanto em nós quanto por nosso intermédio.

A SOBERANIA DE DEUS SOBRE O PECADO VOLUNTÁRIO

Segundo, Deus é soberano sobre o pecado voluntário dos irmãos. Aqui é onde muitas pessoas tropeçam no entendimento da sua soberania. Com certeza afirmamos que ele é soberano sobre as circunstâncias “aleatórias” tais como tempestades e desastres naturais, mas será que a maldade humana não seria simplesmente resultado do livre-arbítrio humano? Observe como foi necessária a ordenação das circunstâncias da parte de Deus para que os irmãos agissem sob seus impulsos pecaminosos. Enquanto José permanecesse seguro em sua casa, os irmãos nada poderiam fazer quanto ao ódio que tinham contra ele. O ódio de seus corações permaneceria de modo seminal. Para que se germinasse em uma tentativa de assassinato, o ódio teve de ter a oportunidade provida pelos acontecimentos desta passagem.

Se Deus tivesse feito com que Jacó pensasse bem na situação mantendo-o em casa, os irmãos jamais teriam a oportunidade de vender José como escravo, e os pensamentos dos seus corações talvez nunca fossem plenamente revelados, até a eles mesmos. Uma vez que Deus providencialmente deu ocasião, os pecados de seus corações emergiram à clara luz do dia.

O mesmo ocorre com nossas próprias dolorosas experiências pessoais. Nós nos deleitamos em contar as histórias sobre as ocasiões quando Deus providencialmente nos guardou do mal. Quando terroristas atacaram as Torres Gêmeas, em Nova York, no *onze de setembro*, uma mulher se atrasou porque, na calçada a caminho, encontrou uma atriz famosa que a fez demorar o suficiente para não chegar a tempo ao trabalho quando as torres foram atingidas. Certamente Deus “por acaso” estava nesse encontro. Deus foi soberano também sobre os próprios atos pecaminosos dos terroristas — e é também soberano sobre os nossos pecados.

Temos no coração muitos pensamentos pecaminosos que nunca chegamos a realizar simplesmente porque não tivemos oportunidade. Nossos corações

podem ser impedidos de exteriorizar nossos pecados pela presença de outra pessoa, pelo medo de ser pego, por tabus sociais, e assim em diante. Isso faz parte da graça do Senhor para conosco e para com os outros: se vivêssemos em um mundo onde todos agissem conforme cada ideia pecaminosa que abriga no coração, estaríamos vivendo um verdadeiro inferno. Por esta razão, o Senhor graciosamente restringe nossos corações de muitos pecados externos em inúmeras e diferentes áreas de nossas vidas.

No entanto, outras vezes, por razões que só ele conhece, o Senhor remove essas restrições e nos coloca em situação em que temos motivo e oportunidade de ir em frente com o pecado, e nosso coração pode ir para onde quer. Note que, ao ordenar tais circunstâncias, o Senhor jamais cria nosso pecado. Ele nunca é o autor de atos pecaminosos; nossas ações pecaminosas fluem de nossos próprios corações, realmente desejosos de pecar. Contudo, o Senhor ainda é soberano sobre nosso pecado, controlando todas as circunstâncias e influências formadoras que nos levam ao ponto em que a semente de um pecado específico cresce até pleno florescimento em nossos corações.

O PROPÓSITO GRACIOSO DE DEUS

Quando pecamos, poderá ser que Deus graciosamente esteja nos mostrando o que somos realmente capazes de fazer. Somos facilmente enganados a pensar que jamais perpetraríamos um determinado pecado, especialmente se o Senhor nos tem cercado de muitas restrições externas. Se tivemos origem de boa família e igreja, em que fomos estimulados pelas circunstâncias a um comportamento adequado, poderemos facilmente acreditar que somos muito superiores a pessoas cujas vidas foram maculadas por pecados externos evidentes. A realidade é que, se um pecado específico faz parte de nossa vida de pensamentos — quer ira, lascívia, avareza, malícia quer outra coisa qualquer — bastariam apenas circunstâncias propícias para que o pecado produzisse seus frutos amargos.

No meu caso, sei que a relativa pureza que tive como adolescente teve muito pouco a ver com minha santificação e muito mais a ver com o gracioso presente

de Deus de eu ser socialmente desajeitado e nada atraente. Alternadamente, o Senhor, às vezes, escolhe nos mostrar a triste verdade sobre nós mesmos, precisamente permitindo-nos desenvolver o pecado que já habita em nosso coração. Só assim entenderemos realmente a nossa necessidade do evangelho. Um pecado que o Senhor escolheu não restringir durante meus anos de adolescência foi de uma língua cortante e cáustica que empregava a espirituosidade para me enaltecer, zombando e debochando das outras pessoas. Aprendi este hábito pecaminoso em minha própria família, onde essa habilidade era celebrada e aplaudida, e é algo contra o que eu luto desde então. As palavras que falo são sintomas de um coração altivo, que, na verdade, pensa ser melhor do que as pessoas de quem escarneço. Há ainda muitas ocasiões, quando digo coisas que ferem aos outros, que me fazem lembrar quão pouco meu coração tem mudado, apesar de toda a graça de Deus para comigo, revelando o quanto careço ainda da ação do evangelho. A atitude pecaminosa ainda está ali, quer eu diga externamente as palavras quer as retenha, claro, mas sou mais propenso a ver a feiura de meu pecado quando o Senhor permite que essas palavras saiam da minha boca, e eu enxergo um pouco do fruto amargo que esse meu pecado produz.

Quem sabe, a questão que espedaçou os seus sonhos, com a qual você luta ainda hoje, seja a descoberta de que você é muito mais pecador do que imagina ser. Poderá ser o mesmo pecado constante que o faz tropeçar, vez após vez, ou poderá ser uma única dramática queda em pecado que pareça grande demais para Deus o perdoar. Se for assim, há para você uma boa-nova nesta passagem. Os irmãos de José planejaram matá-lo e, depois, consideraram vendê-lo como escravo para toda a vida. Esses homens não eram completamente pagãos, vivendo suas vidas como alheios a Deus; eram as pedras fundamentais do seu povo, os doze patriarcas que formariam as colunas sobre a qual Deus edificaria seu povo santo. São também nossos ancestrais espirituais. Nós não somos em nada melhores do que eles. Todos pecamos diariamente e carecemos da glória de Deus, e se não fomos culpados dos mesmos pecados externos específicos, é

apenas porque Deus, em sua providência, nos tem impedido de cometê-los, e não porque nossos corações não tenham ansiado por eles. Não são somente os terroristas e assassinos que quebraram a lei de Deus e merecem enfrentar as consequências. Nós todos fizemos o mesmo, e continuamos seguindo os mesmos modelos de morte a cada dia, todo dia. No entanto, o que é surpreendente na história que Deus está escrevendo durante toda a história humana é que nós, como os irmãos de José, podemos ser incluídos no povo santo que o próprio Deus chama para si — o novo Israel de Deus.

A BUSCA DE DEUS POR NOSSO SHALOM

Como é possível que um Deus santo, cujos olhos são puros demais para contemplar o mal (Hc 1.13), use soberanamente nosso pecado para a sua glória e para nosso bem? A resposta se encontra no evangelho, que é prefigurado de modo marcante neste capítulo. Deus Pai enviou seu Filho amado a este mundo para viver entre os descendentes dos irmãos de José em busca do *shalom*, seu bem-estar. Diferente de Jacó, este Pai amoroso o fez, sabendo exatamente como aconteceria. Na parábola dos arrendatários, Jesus contou uma história sobre os lavradores de uma vinha que abusaram e bateram em uma série de mensageiros enviados pelo senhor da vinha. Quando enviou-lhes o próprio filho, eles disseram: “Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança” (Mt 21.33-41). Nem o Pai nem o Filho foram surpreendidos pela cruz. Conquanto Deus restringira os irmãos de José de matá-lo, o Pai não impediu o pecado daqueles que odiavam Jesus. Entregou o precioso Filho nas mãos de homens ímpios que lhe arrancaram, não uma túnica real, mas as vestes simples de camponês, para então brutalmente bater nele e o executarem.

Os comentaristas têm ressaltado o surpreendente silêncio de José após ter se encontrado com seus irmãos.² Na parte anterior do capítulo, José está cheio de palavras: leva um relatório ao pai, reconta os seus sonhos, responde “Aqui estou eu” quando o pai o envia a seus irmãos, e explica sua missão ao homem no campo. Mas, no ponto crucial, quando os irmãos o agarram, esse homem de muitas palavras fica em silêncio. Nisso também ele se assemelha a Jesus: “como

ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca” (Is 53.7). A voz que poderia ordenar legiões sobre legiões de anjos para impedir os que desabafaram sua ira pecaminosa contra ele, permaneceu calada. Assim, Jesus exerceu a sua soberania até mesmo sobre a própria morte nas mãos de homens ímpios. Eles não tinham o poder de cometer tal pecado contra ele, exceto o poder que ele mesmo concedeu. Todo sopro de respiração com que eles zombavam dele veio do Senhor. A força do braço que cravou cada prego em sua carne era força que o próprio Deus supria. Conforme Atos 2.23 expõe, Jesus foi morto por iníquos – “vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos,” mas até mesmo aquele ato terrivelmente pecaminoso aconteceu “pelo determinado desígnio e presciência de Deus”.

A resposta deste Pai à morte de seu Filho foi diferente da resposta de Jacó. Este acreditava que seus olhos lhe contavam a história toda: José estava morto, assim como estavam mortos todos seus sonhos. Acabara o plano de Deus para redimir a humanidade, destruído por um esdrúxulo acidente. Venceram as forças das trevas e do caos. Mas o divino Pai sabia mais. Sabia que a morte do Filho não era evidência de que o propósito de Deus tivesse falhado. Em vez disso, era prova do triunfo do amor divino. A cruz ensanguentada que contava a história da morte de Jesus seria portal de entrada para a nova vida para incontáveis milhões de homens e mulheres pecadores, que por ela seriam redimidos e receberiam uma nova esperança. Na cruz, algo aconteceu que os homens que pregaram sobre ela Jesus jamais poderiam ter previsto, assim como os irmãos de José jamais poderiam ter imaginado o que Deus faria com a sua inveja pecaminosa e assassina.

Fantine, em *Les Misérables*, sonhou com um Deus de perdão — e na cruz esse sonho é demonstrado como sendo real. O poder da cruz estava precisamente no fato de que aquele que foi morto era totalmente sem pecado. Não sofria por seu próprio pecado nem morria por suas próprias iniquidades. Não estava ali acidentalmente nem contra sua vontade. Estava ali por nós. Em sua morte, nós também morremos e, na sua ressurreição, nós fomos ressurretos com ele para

uma nova vida. Este dom do perdão nos vem gratuitamente, bastando-nos simplesmente confiar no que Jesus fez por nós. Em vez de tentarmos nos colocar de pé diante de Deus, trajados de nossa própria justiça, justificados por nossos melhores esforços para fazer o que é bom e reto, nós vestimos a túnica manchada pelo sangue de Jesus e pedimos que Deus reconheça as vestes de seu Filho como a única reivindicação de justiça que temos.

Quando o fazemos, em lugar de nosso relato de ira assassina, inveja, orgulho, lascívia, cobiça, preguiça e coisas parecidas, Deus nos dá o relato perfeito de Jesus Cristo. Jesus jamais cogitou pensamentos dissonantes contra seus irmãos nem disse palavras grosseiras contra os discípulos, agindo maldosamente para com o próximo. O seu perfeito amor por sua família agora é creditado a nós como se fosse nosso próprio amor, razão pela qual pessoas quebradas e pecadoras como os irmãos de José — e você e eu — podemos ser perdoados e incluídos na família da fé. Não se trata de qualquer justiça que possamos alcançar. É unicamente com base na justiça que ele nos deu em sua morte expiatória por todos os nossos pecados, tanto os pecados que cometemos quanto os que permanecem de forma seminal em nosso coração.

SONHOS DESPEDAÇADOS

Esta realidade remodela o modo como pensamos com respeito às terríveis tempestades que ainda invadem nossas vidas, quer venham de nossas circunstâncias, dos dolorosos pecados que outras pessoas cometem contra nós, quer de terríveis pecados que nós mesmos cometemos contra nosso próximo. Como pode um Deus que é soberano em todas as circunstâncias, até mesmo sobre os piores atos pecaminosos dos seres humanos, *não estar* operando para o bem nos temporais de nossa vida? Pode ser que ele trabalhe de modo doloroso; nem sempre ele restringe os pecados de outros contra nós, nem nossos pecados contra outros.

Nossos sonhos para este mundo podem ter sido esvaçados, mas somente a fim de que Deus produza algo mais puro e rico dos pedaços quebrados que

ficaram. Como disse o salmista: “Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã” (Sl 30.5).

Deus usará nossas provações mais dolorosas, nossos pecados e os pecados de outros contra nós para nos mostrar mais a respeito de nossos próprios corações, mais a respeito da necessidade que temos dele, mais de nossa desesperada necessidade do evangelho, e mais da condição dilacerada do mundo caído em que vivemos. Ele usará essas provações para nos refinar e santificar e ensinar a ver melhor, que o verdadeiro tesouro que precisamos buscar é ele mesmo, somente ele.

PARA REFLETIR

1. Quais eram os sonhos de José e de Jacó? Como esses sonhos impactaram seus relacionamentos com os outros filhos de Jacó?
2. Quais são, ou têm sido, os seus sonhos? Poderá ser que a sua procura por tais sonhos o tem conduzido a tratar outras pessoas de maneira pecaminosa? Quando as suas esperanças forem esmagadas pelas circunstâncias, você tem se agarrado aos seus sonhos quebrados ou às promessas de Deus?
3. Deus operou a salvação por meio da crucificação de Jesus por pecadores. Como isso transforma o seu entendimento dos propósitos de Deus nos pecados que você comete e nos pecados de outros contra você? Existem resultados positivos que possam fluir do pecado tratado do modo de Deus?

¹ *Os Miseráveis*: letra de Herbert Kretzmer; música de Alain Boublil e Claude-Michel Schönberg; baseado no romance de Victor Hugo.

² Sidney Greidanus, *Preaching Christ from Genesis* (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), 338 [*Pregando Cristo a partir de Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008].

UMA OPORTUNIDADE PARA VÍTIMAS E PECADORES

(Gênesis 38)

Disfunção, morte, sexo, astuciosamente lançando a culpa sobre outrem, prostituição, incesto, escândalo de paternidade estranha ao casamento: tudo soa como manchetes titilantes dos jornais e revistas sensacionalistas modernos. Mas em Gênesis 38, o ciclo mais que conhecido de nossas fontes de notícias atuais se desenrola na história antiga sobre as páginas da Escritura. Ali encontramos escândalo e suas repercussões, pecado e suas consequências, completos com amargos resultados nas vidas daqueles que estavam diretamente envolvidos e danos colaterais naqueles que os cercavam. Muitas vidas são mudadas para sempre pelo mal. Existe alguma esperança para elas em meio às consequências do pecado?

Mais perto de casa, enfrentamos a mesma questão. Linhas similares se desenrolam nas histórias de nossos amigos e familiares. Às vezes, elas possuem um potencial para dominar as manchetes. Outras vezes, o impacto do mal que suga a vida das pessoas é mais sutil e insidioso. Em nossas próprias vidas, muitos de nós experimentamos as repercussões do mal que fizemos ou que outros fizeram contra nós. Existe alguma esperança para nós depois de sofrermos os resultados do pecado?

Sim, existe — mas poderá parecer muito diferente das nossas expectativas. A crueza desta passagem nos ajuda a fazer morrer algumas de nossas piores tendências ao ler a Bíblia. Muitas vezes, aproximamo-nos dela como se ela fosse uma série de histórias para aquecer o nosso coração e para nos inspirar a uma vida boa, limpa e moral. Em lugar disso, aqui, nós encontramos uma esperança muito mais profunda.

Esta passagem perturbadora vai além das devastações do pecado, provendo um retrato de esperança, de transformação e divina quebra das linhas inimigas para Judá e Tamar. É a história do triunfo de Deus sobre o mal que há em nós e em nosso meio. Às vezes, Deus triunfa por meio dos bridões que coloca em nossos maus pensamentos, más palavras e ações, com propósitos que nós jamais intentávamos.

AS TRALHAS DE JUDÁ

Já observamos que a história de José é na verdade a história de toda a sua família — uma família devastada por favoritismo, arrogância, inveja, ódio, conspiração e mentiras. Em seguida à venda de José para a escravidão no Egito, o capítulo começa ominosamente com mais um passo na dissolução da família. Após a partida involuntária de José, Judá, de vontade própria, também deixa os seus irmãos. A “descida” de Judá ecoa a “descida” de José para o Egito (compare Gênesis 38.1 com 39.1). Deus havia prometido a Abraão que sua família se tornaria em uma grande nação e bênção para todos os povos. Mas em apenas três gerações, a família estava desmoronando. Judá simplesmente não estava interessado em fazer parte do plano de Deus. Por quê? A experiência de vida familiar de Judá não tinha sido em nada como uma chuva de bênçãos. Em vez disso, ele havia recebido muitas tralhas. Era o quarto filho de Lia, a esposa não querida e não amada. O avô Labão recorrera a trapaças para descarregar a filha sobre Jacó, e este, por sua vez, demonstrava-lhe pouco amor ou afeto. No final de Gênesis 29, ficamos sabendo que até mesmo o nome de Judá, “desta vez eu louvarei ao Senhor,” parecia marcar o fim (temporário) dos esforços inúteis de Lia para conseguir o afeto de Jacó dando-lhe filhos. Em Gênesis 33, o *status* de segunda categoria de Lia e seus filhos é reforçado quando Jacó torna cruelmente óbvia a sua ordem pessoal de escolhas. Preocupado com uma recepção violenta da parte de seu irmão Esaú, ele usa Lia e os seus filhos como escudo humano para, caso fosse necessário, facilitar uma fuga para Raquel e José. Imagine a pergunta, vinda do assento de trás do camelo de Lia: “Mãe, por que eles estão tão longe atrás de nós?” Mesmo depois de presumida a morte de José, o

descarado favoritismo de Jacó continuava em meio ao luto excessivo que demonstrou. Jacó recusava ser consolado por seus outros filhos, como se eles não valessem nada. Judá tinha significativa bagagem relacional e emocional.

UM NOVO COMEÇO

Em vez de ser cidadão de segunda categoria em uma família de bênção, Judá tomou seu próprio rumo procurando um novo começo. É difícil culpá-lo por isso. Você escolheria permanecer junto a essa família disfuncional? Você iria querer ficar perto de um pai como Jacó, se fosse qualquer um senão José? Certamente Judá havia sofrido bastante humilhação e injúria. Com variados graus de sucesso, muitos de nós igualmente tentamos quebrar as amarras de nosso passado por essas mesmas razões: “Só quero me libertar dessa família... ou desses amigos... ou dessa cidade.” Estudantes de faculdade enxergam a educação e o sucesso como chaves para a liberdade e independência. Jovens profissionais mudam para a cidade grande como forma de escape. Em certas circunstâncias, mudar para longe de uma situação nada saudável poderá ser uma medida sábia e necessária, especialmente quando recomendado por piedosos conselheiros bíblicos.

O problema foi que Judá não estava apenas voltando-se contra a família, mas contra Deus e suas promessas. A imersão de Judá entre os cananeus, onde encontrou um amigo chegado, uma esposa e alguns vizinhos, foi exatamente o que Abraão e Isaque temiam que acontecesse com sua família. Na terra da promessa, a família da bênção enfrentava constantemente a tentação de se misturar, assimilar e tornar-se indistinguível de seus vizinhos pagãos. Tal assimilação ameaçava levar Israel sob o juízo de Deus por participar do culto falso, dos males sociais, e da maldade pessoal dos seus vizinhos. É exatamente este o processo que se desenrolou mais tarde na história de Israel, no tempo dos juízes. Na verdade, depois de deixar sua família, Judá rapidamente se emaranhou no culto falso, na maldade pessoal e em diversos males sociais.

O problema de Judá não era meramente ter se embebido de atitudes e ideias erradas dos seus vizinhos cananeus. A abordagem de quebra total com o

passado não falhou só porque ele escolheu erradamente a sua nova situação. O principal obstáculo dessa abordagem de quebra total é que não é possível um desligamento total consigo mesmo. Já vimos que Judá possuía habilidades superiores de liderança, as quais não usou para proteger e liderar os seus irmãos, mas para orquestrar proveito próprio tirando José do quadro. E enquanto a família recém-começada de Judá implodia, ele estava perpetuando e exacerbando as mesmas velhas patologias que aprendeu de seu pai, Jacó.

BAGAGEM HERDADA

A vida sexual de Jacó operava em sobremarcha enquanto ele fazia malabarismos, ainda que ambíguos, nos relacionamentos com quatro mulheres. Igualmente, a Judá também faltava contenção sexual. Não era exatamente romântico com a sua esposa — ele a viu e simplesmente a “tomou para si” (Gn 38.2) — linguagem que em outros lugares, em Gênesis, sugere desejo lascivo e transgressão. Eva viu e tomou o fruto proibido (3.6). O dilúvio foi precipitado pelos filhos de Deus vendo e tomando as filhas dos homens (6.2). Assim também, Faraó viu e tomou a Sara (12.15), e Siquém tomou a Diná (34.2). Como com seu pai, Jacó, a fidelidade de Judá como amante e marido era de um fracasso total.

Como pai, Judá era desligado e distante. De um modo que sugeriu a sua rejeição do Deus de seus pais, ele deu ao filho primogênito o nome de Er, que, no hebraico,¹ significa “mal” escrito de trás para frente. Embora Judá tivesse dado nome ao primogênito, a sua esposa nomeou o segundo e o terceiro filho, Onã e Selá. Assim também as mulheres de Jacó, em vez dele, nomearam quase todos os seus filhos. Em contraste, as gerações anteriores tinham sido marcadas pela participação paterna de Abraão e Isaque no processo de dar o nome aos filhos (Gn 16.15; 21.3; 25.25-26).

Ainda que seja ambíguo o hebraico, talvez Judá estivesse em uma cidade totalmente diferente quando Selá nasceu — a cidade de Qesibe, que alguns estudiosos traduzem como “cidade de mentiras”.² O engano era fator consistente na família abraâmica e, conforme veremos, veio destacadamente à

tona nas negociações de Judá com Tamar, esposa de Er. Quinze ou vinte anos mais tarde, as repercussões do fracasso paterno de Judá continuavam. Dois dos filhos adultos, Er e Onã, foram considerados tão maus por Deus que ele os prostrou à morte. A última vez que este amaldiçoou pessoas em Gênesis foi na destruição de Sodoma e Gomorra, e esta é a primeira vez na Escritura que tal espécie de juízo é feita contra indivíduos específicos.

Foi assim que se desenrolou a esperança de um novo começo para Judá. Quando a poeira ia se assentando, ele já havia perdido dois de seus três filhos, e toda sua linha familiar estava em jogo. Judá estava enredado. De acordo com as convenções da época, era seu dever entregar o último filho que restava, Selá, à nora enviuvada, Tamar. Mas os parceiros de casamento de Tamar estavam marcando • a 2 na categoria de permanecer vivos (ela tinha sido dada a Onã depois da morte de Er, mas aquele morreu logo depois de se casar com ela). Assim, Judá tentava ganhar tempo e disse a Tamar que voltasse para a casa de seu pai, assim fugindo da responsabilidade de cuidar dela.

Porém, o artifício insincero de Judá ainda deixava em risco a sobrevivência da família, porque ele não poderia adquirir uma esposa diferente para Selá sem que primeiro admitisse que seu filho tivesse idade suficiente para cumprir sua obrigação para com Tamar. As tralhas só se amontoavam.

No começo, grande parte da carga tinha sido jogada sobre Judá, mas agora era ele que estava distribuindo coisas ruins a todos ao seu redor. Chegando ao fim da primeira parte da história, no versículo 11, a maior parte dos bagulhos estava sendo jogada sobre Tamar. É uma lógica curiosa: Judá vendeu seu próprio irmão, jogou para as traças a própria família, se lançou em um casamento forçado, andou com a turma errada, e ignorou os seus filhos. No entanto, tinha certeza de que esses dois montes de terra recém-revolvida, onde antes seus filhos andavam, eram culpa de Tamar. O nível do autoengano e da cegueira de Judá é espantoso e assustador. É espantoso porque, como observadores externos, vemos tão claramente que ele estava errado. Mas é também assustador porque fazemos com tanta naturalidade a mesma coisa.

Como Judá, somos propensos a morar em cidades de mentiras — versões distorcidas da realidade, cobertas por uma fina camada de nossa própria inocência e autoexoneração. Todos nós sofremos. Em alguns pontos, sofremos também pelas ações de outras pessoas.

A seguir, o que acontece tantas vezes é que um reflexo legítimo extrapola, passando à sobremarcha. É bom poder entender que uma parte do mal que acontece conosco está fora do nosso controle; estamos sendo impactados pelo pecado de outros. Nossa capacidade de fazer distinção entre coisas que são nossa culpa e coisas que vêm dos outros é uma habilidade aprendida. Geralmente, as crianças ainda não têm essa habilidade. O resultado é que, quando algo de mal acontece, tal como o divórcio dos pais dessas crianças, elas presumem que, de alguma maneira, são responsáveis por isso. Contudo, tendo reconhecido que às vezes sofremos devido ao pecado de outra pessoa, podemos torcer esse conhecimento a fim de encontrar maneiras de botar a culpa de tudo sobre os outros. Podemos nos tornar cegos à nossa própria culpa, e essa cegueira pode piorar ainda mais os efeitos nocivos de nosso próprio pecado contra outros.

A ARMADILHA DE TAMAR

No caso de Judá, suas “bagagens” e sua cegueira apertaram o laço da armadilha de Tamar. No mundo antigo, as pessoas muitas vezes casavam-se logo depois de começar a puberdade e, portanto, provavelmente ela ainda era bastante jovem, quem sabe, adolescente. Considere o que essa menina jovem já experimentara. Seu primeiro marido foi abatido e morto por Deus, deixando-a viúva muito jovem. O segundo parceiro sexual de Tamar, Onã, abusou daquilo que era para ser um dever de bondade e provisão para ela. A prática de casamentos do levirato tinha a intenção de perpetuar a memória e linha familiar do marido que morria sem ter filhos, e aliviar a pobreza da viúva que, então, receberia provisão até uma idade avançada (Dt 25.5-6). Mas, se Onã suscitasse um filho para seu irmão Er, esse filho, e não Er, herdaria as bênçãos prometidas ao primogênito. A fim de manter sua nova posição privilegiada, ele estava disposto a apagar o legado e a memória de seu irmão de modo tristemente

reminiscente da violenta inveja dos irmãos de José. Pior ainda, Onã transformou o dever familiar em oportunidade de se aproveitar de Tamar. Se Onã não tinha intenção de ser pai de filhos que tomassem o lugar de Er, não haveria razão de se envolver em relações sexuais com ela de maneira nenhuma. Mas ele usou Tamar, que não tinha nenhuma defesa, para sua própria gratificação sexual. A expressão “sempre que”, do versículo 9, destaca o fato de que o comportamento de Onã era repetido e regular. Assim, o segundo parceiro sexual de Tamar também foi abatido e morto, deixando-a mais uma vez viúva e ainda sem filhos. Ela havia sido particularmente envergonhada pelo abuso sexual de Onã, e envergonhada publicamente pela percepção crescente, talvez, até mesmo estimulada por Judá, de que ela era uma amaldiçoada. Se Judá não cumprisse sua promessa de entregá-la a Selá, Tamar permaneceria nessa condição indesejável, no nível mais baixo da sociedade.

A ironia do seu nome destaca a cruel retorcida de sua situação. Tamar significa “palmeira,” uma bela imagem. Esta jovem atraente, outrora cheia de esperança para o futuro, tinha se tornado um “bem estragado” no seu próprio pensamento e na opinião pública. Era mais uma vítima dos pecados dos membros da família escolhida por Deus, pecados esses que viraram a vida na família da bênção em armadilha de sofrimento e vergonha.

Muitos de nós hoje sofremos a mesma espécie de vergonha que Tamar sofreu. As mulheres solteiras, ainda hoje, sofrem tremendos riscos de descer à pobreza, especialmente se forem divorciadas ou viúvas. Uma em cada quatro mulheres e um em cada seis homens experimentaram o abuso sexual. Como no caso de Tamar, essas situações são frequentemente causadas ou exacerbadas pelos pais, membros da família, ou cristãos da mesma comunidade da fé. Muitas pessoas são profundamente maculadas por circunstâncias terríveis que as deixam sentindo-se como bens estragados. Muitos foram traídos por quem supostamente deveria protegê-los.

O TRUQUE DE TAMAR

Com o passar do tempo, Tamar resolveu que não estava contente com o fato de permanecer aprisionada às circunstâncias em que estava. Quando se tornou cada vez mais óbvio que Judá iria enganá-la, ela resolveu também engendrar sua própria armadilha contra ele. Afinal, era o jeito que a família sempre fazia. É surpreendente como foi fácil a trapaça de Tamar. O apetite sexual de Judá era, aparentemente, uma questão de conhecimento geral. Ele saiu em viagem de negócios no tempo de tosquia, o equivalente cultural das excursões estudantis à Flórida no feriado prolongado. Parece que ela sabia que só precisaria estar lá e disponível. Tranquilamente, ela desempenhou o papel de prostituta e negociou que Judá deixasse o seu sinete, a corda e o bastão até que o pagamento fosse feito (Gn 38.18). Fazendo isso, tomou o antigo equivalente da carteira de Judá, completa com carteira de motorista e cartões de crédito. Foi exatamente o que Tamar queria: algo que identificasse a Judá. Ironicamente, isto aconteceu em um local identificado como “a entrada para Enaim” (38.14), que se traduz literalmente como “a abertura dos olhos.” Embora Judá fosse cego quanto à identidade de Tamar e sua própria cegueira e continuada hipocrisia, as consequências do seu encontro acabariam abrindo seus olhos. De muitas formas, Tamar foi vítima inocente dos pecados de Judá e de sua família. Dadas as convenções culturais da época, talvez ela nem tenha tido voz para dizer se queria ou não fazer parte da família. A armadilha que ela preparou para Judá tratava de obter justiça e corrigir um erro. Mas, ao mesmo tempo, sua armadilha era de alto risco, sem mencionar que era igualmente questionável em termos éticos, morais e legais. Intencionalmente, ela se envolveu com a prostituição para armar uma cilada contra Judá. A relação sexual entre sogro e nora levanta a questão do incesto. Como resultado, o texto enfatiza que Judá não sabia que dormira com sua nora (Gn 38.15), e que eles não tiveram mais encontros sexuais depois do incidente (38.26). Tamar se dispôs a corrigir um erro, mas o fez de modo profundamente perturbador.

Como foi com Judá, foi com Tamar. Quando sofremos nas mãos dos outros, ninguém permanece totalmente inocente. O teólogo Miroslav Volf escreve:

Há uma mistura de vítima e violador em virtude da própria natureza da violação. A violência engana a psique da vítima, propelindo sua ação em forma de reação defensiva, e (...) rouba-lhe a inocência. Claramente, ao negar a realidade de inocência absoluta, não estamos sugerindo que devamos atribuir à vítima a culpa de ser vitimada. Em vez disso, chama-nos a atenção um dos aspectos mais insidiosos da prática do mal. Além de infligir injúria, a prática do mal continua a recriar um mundo sem inocência. A maldade gera nova maldade quando os malfeitores formam vítimas à sua própria horrível imagem.³

Quando erram contra nós, nós respondemos de maneira errada. Talvez não tenhamos a posição de autoridade de Judá de forçar Tamar a sofrer a opressão ou a audácia para uma luta reivindicativa. Mas, em nossa mente, ainda travamos uma guerra contra aqueles que nos feriram, nutrindo amargura, fomentando ressentimentos e alegrando-nos com os sofrimentos e fracassos deles. Continuamos o ciclo do pecado e contrapeçamos. Onde, então, existe esperança? Existe uma maneira de quebrar o ciclo de sofrendores que se tornam pecadores e vítimas que se tornam perpetradores?

A OPORTUNIDADE PARA JUDÁ

Existe esperança, de fato, mas não vem de qualquer pessoa que esteja presa no ciclo. Alguém de fora terá de romper o ciclo pecaminoso de ação e reação. Apropriadamente, nossa história termina com o nascimento de gêmeos, um dos quais é chamado de Perez, que significa “rompimento de barreiras” ou “oportunidade.” Igualmente, as histórias pessoais acabam rompendo as barreiras para Judá e Tamar.

A ocasião de ruptura das linhas inimigas de Judá – começa com um rumor. As notas de rodapé da versão ESV ajudam a mostrar a importância desse rumor: Tamar havia se *prostituído* — estava grávida *por causa de prostituição*. O relato dava a oportunidade para que todo o lixo vertesse do coração de Judá, que disse: “Tirai-a fora para que seja queimada” (veja Gn 38.24). Note como ele aproveitou a oportunidade para acabar com Tamar. Lançava sobre ela a culpa por tudo o que acontecera de errado. Estava contentíssimo com a oportunidade de descartá-la, o que significaria que finalmente Selá poderia se casar. O dilema estaria resolvido e, talvez, a família sobrevivesse. Melhor de tudo, Tamar seria

condenada como vadia, e Judá poderia se postar como excelente e honrado membro da comunidade.

Judá permanecia completamente cego quanto à própria hipocrisia e pecado. Ele havia estado com uma prostituta apenas três meses antes. O seu companheiro, Hira, o adulamita, e todos os residentes de Enaim sabiam disso.

Surpreendentemente, mesmo na hipocrisia e autojustiça de Judá, Deus mostrou-lhe misericórdia. Veio através de uma mensagem simples de Tamar a Judá: “Do homem de quem são estas coisas eu concebi. E disse mais: Reconhece de quem é este selo, e este cordão, e este cajado” (veja Gn 38.25). Acendeu-se a luz, e Judá, fitando seus pertences pessoais, finalmente viu a verdade: “Mais justa é ela do que eu” (Gn 38.26).

Anos depois de botar a culpa em todo mundo pelos seus problemas, Judá reconheceu a própria culpa. Ele havia mentido a Tamar, negando-lhe os direitos e deixando-a sem recursos. Ele foi literalmente culpado do mesmo pecado pelo qual queria que ela fosse morta. Debaixo da lei bíblica posterior, ambos teriam merecido a morte (Dt 22.21-22). Porém, o que ela fizera por desespero, ele fez para satisfazer seus desejos. Ao mesmo tempo, a evidência irrefutável de sua própria culpa era também evidência irrefutável da mentira que ele creditara a Tamar. Não fora por sua culpa que seus parceiros anteriores haviam perecido. Ela não era amaldiçoada. Ele próprio era a prova viva. Mas não foi o relacionamento de Judá com Tamar o único a ser transformado. As suas palavras: “Por favor, identifique estes,” são o paralelo exato ao que ele e seus irmãos haviam dito a Jacó quando lhe levaram a capa ensanguentada de José (Gn 38.25; 37.32). Se houve algum lucro obtido por Judá em todas essas dolorosas experiências e perdas sofridas, foi uma maior simpatia por seu pai. Agora Judá sabia, por experiência pessoal, o que significava a perda de um filho. Como Jacó, ele tentou proteger o mais novo, mesmo ferindo outras pessoas. Ele também tinha sido ludibriado por uma mulher misteriosa, coberta por um véu, para um relacionamento diferente do que esperara. Como Jacó não reconheceu Lia, Judá falhou em reconhecer Tamar. O confronto de Judá com a

profundidade do próprio pecado gerou reconciliação com seus irmãos e especialmente com seu pai. Ele viu finalmente o quanto se tornara parecido com o pai. À medida que se desenrola o restante da história, veremos quão central foi a mudança que ocorreu com Judá. Os eventos de Gênesis 38 estenderam-se por vinte e dois anos, em um período de tempo igual ao que José passou no Egito, como visto nos capítulos 39–42. As duas histórias são essencialmente paralelas, de modo que a confissão de culpa de Judá a Tamar provavelmente tenha ocorrido pouco antes dos acontecimentos do capítulo 43. Nos eventos subsequentes, um Judá disciplinado demonstrou compaixão ao seu pai, entendendo a dor de Jacó, e jurou que ele mesmo tomaria sobre si a culpa, se deixasse de trazer Benjamim de volta e em segurança, para seu pai. Empregou suas habilidades naturais como líder para salvar a família.

A não ser que nossos olhos sejam abertos, permaneceremos tão cegos quanto foi Judá. Como escreve Volf:

Perpetradores geram incansavelmente a sua própria inocência, e o fazem por meio de uma estratégia dúplice, isto é, negar o erro cometido [eu não fiz isso!] e reinterpretar o significado moral das suas ações [Não pude evitar! Ela que pediu!] (...) Ao mesmo tempo, essa dupla negação é a matéria com a qual a mistura peculiar de fraude e autoengano é elaborada, e por meio da qual os indivíduos buscam se eximir das responsabilidades pelo mal perpetrado.⁴

Não é exatamente isso que nós fazemos? Proferimos mentiras descaradas ou então torcemos a verdade para vantagem própria, para manter a aparência do nosso direito e da nossa inocência. O que é realmente assustador é que quando isso é demonstrado, começamos a escutar a nós mesmos. É surpreendente o quanto lançar a culpa sobre outros e negar a nossa são coisas que vêm naturalmente aos nossos lábios. “Eu estava cansado. Não estava nos meus melhores dias. Se apenas você não tivesse falado desse jeito”. Estamos presos na armadilha da negação e do autoengano, e cegos quanto a tais coisas.

ABRINDO OS OLHOS

A história de Judá é também a história de “Enaim,” a abertura dos nossos olhos. Nos Evangelhos, vez após vez, Jesus dá visão aos cegos. Deus é aquele

que se nos revela e revela quem realmente somos. Quando saímos de uma sala escura para um dia ensolarado, os primeiros raios de luz poderão ser penetrantes e dolorosos; assim também, o confronto com nosso pecado nos poderá chocar e assustar. Não sabíamos que éramos capazes de algo assim em nós! Talvez fira nosso orgulho, e com certeza, deixa-nos envergonhados. Pense em como isso seria, para Judá. Fosse poucas semanas antes e ele desistiria de tentar recuperar seus pertences pessoais mais importantes, por medo de sofrer a zombaria dos residentes de Enaim. Teria sido muito mais vergonhoso parar com a fogueira pública em que Tamar seria queimada porque foi revelado que ele era o pai. No entanto, não existe outra maneira de aprender a humildade senão ser confrontado com as coisas embaraçosas, vergonhosas, tolas, perniciosas e pecaminosas que fazemos. É bom que nos acostumemos, porque a humildade é muito importante para Deus, e parece que ele está atento a desenvolver essa parte da mente de Cristo em nós.

Outra coisa surpreendente que nos aponta a vida de Judá, quebrantada e refeita, é que não precisamos ser esmagados por nosso pecado. Tendo aberto nossos olhos para ver o erro que cometemos e o sofrimento que causamos, poderá ser incrivelmente desmoralizante.

Minha esposa e eu muitas vezes nos sentimos exaustos e desanimados após ainda mais uma briga sobre uma questão totalmente insignificante. Por que não conseguimos resolver nossos problemas, enquanto somos bondosos um com o outro e mantendo as coisas na perspectiva certa? A resposta é que pode haver uma boa razão pela qual Deus quer que ambos reconheçamos nossa defensividade espinhenta, como o pavio de nossos temperamentos é curto e nosso arrogante desejo de completa afirmação. De fato, poderá ser que haja coisas que Deus quer que façamos as quais não poderíamos fazer sem essas experiências e reprovações.

A história de Judá lembra-nos das palavras de Jesus ao ousado e confiante Pedro, logo antes de ele cair: “quando te converteres, fortalece os teus irmãos” (Lc 22.32). Assim como Jesus teve um propósito para a negação e restauração de

Pedro, ele também teve propósito para os vinte anos de autoengano e cegueira de Judá. Deus teve algo positivo que propôs realizar em e por meio de Judá. Ele pode rachar o mais duro dos corações – e o faz. Ele pode regenerar o maior dos pecadores – e o faz. O arrependimento improvável de Judá é uma notícia incrivelmente boa, porque todos nós somos maiores pecadores do que imaginamos, com corações muito mais endurecidos do que percebemos.

UMA OPORTUNIDADE PARA TAMAR

O rompimento das barreiras, para Tamar, foi igualmente glorioso. Em um momento, tendo comprometido a sua inocência com uma proposta extremamente arriscada para reivindicar os seus direitos, ela foi tomada pelas chamadas de condenação como uma prostituta. No próximo momento, sua ficha foi limpa pela confissão de Judá: “Mais justa é ela do que eu!” Aquela que foi desgraçada pela família — a moça que trouxe azar para todo mundo com quem fazia contato — foi recebida com boas-vindas pela mesma família. Essa reversão foi antecipada por um jogo de palavras anterior nas conversas entre Judá e Hira. Quando viu primeiro a Tamar disfarçada, Judá presumiu que ela fosse prostituta (Gn 38.15). A mesma acusação foi feita contra ela mais tarde (38.24). Mas Hira e os residentes de Enaim presumiram que ela fosse “prostituta cultual”(38.21-22). Hira talvez tivesse tentando descrever a situação mais acuradamente, baseada no uso do véu por Tamar, ou abrandar a situação desairosa para seu amigo Judá. A prostituição ritual era, com certeza, um dos males intrínsecos que acabou trazendo a ira de Deus sobre os cananeus. Mas, nesta história, a inserção do termo diferencial, “prostituta cultual,” era um eufemismo hebraico que significava literalmente “mulher santa”, apontando para a transformação que sobreviria à posição judicial, social e espiritual de Tamar. A oportunidade também a colocou no meio dos propósitos salvíficos de Deus para toda a humanidade. O nascimento dos gêmeos de Tamar ecoou do nascimento anterior de gêmeos lá em Gênesis 25. Como Esaú, Zera foi lembrado por algo associado à vermelhidão, quando nasceu (Gn 38.30; 25.25). Perez, cujo nome significa “ruptura das linhas inimigas”, saiu de soslaio antes do seu irmão, algo

muito parecido com o que acontecera com seu avô Jacó. A bênção especial e divina de gêmeos é uma das dicas mais precoces de que a família de Judá seria a linha da promessa pelos filhos de Tamar. Mais adiante, na Escritura, Tamar aparece em dois pontos cruciais. No casamento de Rute e Boaz, os anciãos oraram: “Seja a tua casa como a casa de Perez, que Tamar teve de Judá,” (Rt 4.12). Uma vez foi por maldição, mas agora a memória de Tamar foi invocada como modelo da bênção de Deus. Por meio de Boaz, descendente de seu filho Perez, ela era, portanto, ancestral do Rei Davi. Séculos mais tarde, aparece novamente na genealogia de Mateus como mulher da linhagem de Jesus (Mt 1.3). Tamar havia enfrentado um futuro sem esperança na ralé da sociedade — uma viúva sem filhos, abusada, descartada. Porém, por intervenção de Deus, tornou-se mãe do Messias. Que retrato incrível é isto da interveniente graça de Deus. Somos todos bens estragados, profundamente quebrados. Contudo, foi por isso que Jesus veio! Ele é o filho que rompe as linhas inimigas, que veio buscar e salvar aquele que estava perdido. O Filho de Deus pessoalmente entrou na história e escolheu nascer na espécie de família que pegaria as manchetes dos tabloides. Por meio de Judá e Tamar, Jesus foi filho de um pecador e de uma prostituta. Na verdade, ele passou grande parte de seu tempo na terra com pecadores e prostitutas, falando-lhes com alegria a respeito do triunfo da graça sobre os merecimentos de nossas injustiças morais. Ele trouxe graça, aceitação, transformação, e esperança para sofredores pecadores e perpetradores de vítimas.

Jesus inverteu o que Judá fez contra Tamar. Conquanto Judá tivesse culpado a Tamar pelos seus pecados, a fim de manter sua própria inocência, Jesus tomou nossa culpa e vergonha para matá-las juntamente com ele, na cruz. Agora, Jesus nos cobre com a sua perfeição, declarando: “Você é justo,” perdando os nossos pecados e tornando-nos aceitáveis ao Pai. Dessa forma, ele remove nossa maldição para sempre e recebe-nos em segurança na família de Deus, onde somos amados e protegidos por ele.

PARA REFLETIR

1. Como foi o pecado cometido contra Judá? Como respondeu Judá aos pecados de outros cometidos contra ele?
2. Como foi o pecado cometido contra Tamar? Como respondeu Tamar aos pecados de outros cometidos contra ela?
3. Você tem lutado contra um pecado sexual? Você tem abusado sexualmente de outros ou tem sido sexualmente abusado? Como reage?
4. Como Deus quebrou o ciclo do pecado na família de Judá? Você tem dificuldade para crer que Deus possa quebrar o ciclo do pecado em sua vida?
5. Que graça Deus demonstrou a Judá? Que legado ele deu a Judá?
6. Que graça Deus demonstrou a Tamar? Que legado ele deu a Tamar?

¹ Gordon J. Wenham, *Genesis 16–50* (Dallas: Word Books, 1994), 366.

² *Preaching Christ from Genesis* (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), 369 [*Pregando Cristo a partir de Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008].

³ Miroslav Volf, *Exclusion and Embrace: A Theological Exploration of Identity, Otherness and Reconciliation* (Nashville: Abingdon, 1996), 80–81.

⁴ *Ibid.*

O MARAVILHOSO PLANO DE DEUS

(Gênesis 39)

É provável que todos já tenhamos ouvido a declaração: “Deus o ama e tem um plano maravilhoso para a sua vida.” Mas as realidades da vida pressionam sem trégua: doença, dor, relacionamentos quebrados, abuso, sonhos despedaçados, tentação, pecado, morte. Então, onde estaria esse maravilhoso plano para minha vida? O que, nessa terra bendita, Deus estaria planejando? Na verdade essa é uma grande questão. Quando examinamos o que Deus está fazendo em nossas vidas, descobrimos que seu *plano bom* não é um plano que necessariamente implique tranquilidade e conforto para nós, e sim, um plano para nossa morte e ressurreição — morte para o pecado e para nosso velho “eu”, e ressurreição para toda uma nova vida em Cristo. Ele o ama e ama a mim também, com amor tão grande que não poderia nos deixar sem transformação. Como José descobriu, esse processo é, muitas vezes, difícil e doloroso, e o caminho a que fomos chamados para trilhar poderá ser semelhantemente confuso e desalentador.

Ao longo desse difícil caminho, José descobriu que o Senhor estava com ele, mesmo quando ele se sentiu mais abandonado e sozinho. À luz da experiência de José no Egito, nós também poderemos descobrir que mesmo quando o maravilhoso plano de Deus nos leva às provações e à tentação, a sua graça é suficiente para nós.

O PLANO MARAVILHOSO DE DEUS PARA JOSÉ

José deve ter crescido ouvindo muito sobre o maravilhoso plano de Deus para sua vida. Ele era filho favorito em uma família favorecida. O Senhor havia chamado seu bisavô, Abraão, para ser pai de seu povo escolhido, aquele por

meio de quem viria a bênção a todas as nações (Gn 12.1-3). O seu próprio pai, Jacó, o tinha sido escolhido como herdeiro dessa bênção em um oráculo dado antes mesmo dele nascer (25.22-23). Contudo o caminho de Jacó para receber essa bênção foi longo e tortuoso, complicado por seu próprio pecado e pelo pecado de outros contra ele.

José agora era, por sua vez, o filho favorecido, nascido de Raquel, esposa predileta de Jacó, protegido e mimado pelo pai desde os primeiros dias. A túnica ricamente ornamentada que vestia era símbolo de sua alta posição na família. E esse não era apenas o plano maravilhoso do pai para a sua vida. Enquanto ainda bem jovem, o Senhor mandou a José dois sonhos em que ele era parte central. No primeiro sonho, os feixes dos irmãos se curvaram a ele enquanto faziam a colheita, e no segundo sonho, todo o universo — sol, lua e estrelas — veio se inclinar para ele. Se alguém tinha razão para dizer: “Deus me ama e tem um plano maravilhoso para minha vida,” certamente era José.

FOI DESVIADO O PLANO DE DEUS?

De repente, tudo na vida de José começou a dar errado de modo horrível. O seu pai mandou que visitasse os irmãos que vigiavam seus rebanhos (Gn 37.14). Quando os irmãos o viram vindo à distância, conspiraram matá-lo (37.18). Só quando por acaso apareceram uns mercadores midianitas foi que revisaram o plano com um esquema para ganhar algum dinheiro (37.28). Venderam José a esses mercadores, que o levaram ao Egito, onde ele foi comprado por um oficial egípcio de nome Potifar (37.36). O plano maravilhoso de Deus para a vida de José parecia despedaçado por uma combinação de ciúmes e avareza humana. Onde estava Deus nos momentos cruciais da vida de José, quando seus sonhos estavam sendo descarrilados? Com certeza, José teria ponderado essa questão muitas vezes descendo pelo caminho para o Egito e durante os dias em que viveu escravo em uma casa egípcia. Contudo, o narrador, surpreendentemente reticente quanto a identificar o papel de Deus no restante da história de José, interrompe para nos informar nada menos que cinco vezes nos primeiros cinco versículos de Gênesis 39, que o Senhor estava com ele no Egito, dando-lhe

sucesso, fazendo com que encontrasse favor com seu novo patrão. Ele quer certificar-se de que não percamos o ponto de que só porque a vida é dura e não acontece tudo conforme nós esperamos, isso não significa que Deus esteja contra nós, nem que seu maravilhoso plano para nossa vida tenha sido arruinado. Deus pode estar conosco no Egito, na escravidão e em um conjunto de circunstâncias frustrantes em que experimentamos as consequências dos pecados de outras pessoas contra nós, do mesmo modo que ele está conosco nos dias mais ensolarados em Canaã, onde tudo parecia ir de acordo com o (nosso) plano. De fato, José começou a incorporar a promessa abraâmica de ser uma bênção às nações, precisamente nessa situação de provação e perda: tudo que o seu mestre egípcio confiava a ele para fazer prosperava por amor de José (Gn 39.5). Conforme o versículo três, Potifar reconheceu o que estava acontecendo: vi que o Senhor estava com José. O doloroso “desvio” de José acabou sendo uma maravilhosa oportunidade para que esse egípcio específico pudesse ver o Senhor operar.

Talvez você consiga se relacionar a isso. Quem sabe esteja tratando de situação difícil e desafiadora em sua vida: experimenta dolorosas provações que mudaram radicalmente suas perspectivas para o futuro, condenando-o a uma vida que jamais teria escolhido para si. O que Deus está fazendo? Talvez ele use o seu sofrimento para levá-lo a contato com alguém que necessite ver o Senhor operar. Talvez seja um colega paciente ou enfermeiro ou médico na clínica de câncer, ou quem sabe, um vizinho ou amigo que observa como você suporta essa provação. Talvez haja alguém próximo a você que precise ver como parece “o Senhor está conosco” em meio ao sofrimento, à dor e às perdas. Uma coisa é declarar que “o Senhor está conosco” quando não há nuvens no seu céu. É outra bem diferente poder confessar que “o Senhor está conosco” no vale de profundas sombras.

A SUBIDA E QUEDA DE JOSÉ

Mas as viradas e torcidas nos planos do Senhor para José não acabaram. José tornou-se gerente da casa de Potifar, o que representou uma subida meteórica

para um escravo (Gn 39.4). Até aqui, tudo segue a linha da história na qual queremos crer: sirva a Deus e tudo vai dar certo para você. Você será abençoado — como também todos à sua volta. Mesmo que tenha de passar por dificuldades, as suas provações serão apenas temporárias e produzirão novas e empolgantes oportunidades de compartilhar o evangelho. Talvez você adoça, mas Deus vai curá-lo, fazendo com que tudo dê certo. Um relacionamento poderá ser quebrado ou destruído, mas algo novo e melhor o aguarda na virada da esquina. Não é isso que significa Deus estar conosco?

A história de José nos mostra uma visão diferente dessa realidade. Tão rapidamente quanto subiu o navio da sorte de José, igualmente bateu numa pedra e naufragou. Ele se encontrou de novo no degrau mais baixo do monturo, numa cadeia egípcia (Gn 39.20). Pior, essa virada da sorte não veio devido a uma falha moral da parte dele. Pelo contrário, foi por sua fiel obediência a Deus, exatamente aquilo que aparentemente causou a sua subida, que agora causava sua derrocada.

A história de como aconteceu é bastante conhecida. José era homem bem-apeado, característica da família que compartilhava com sua avó, Sara, e sua mãe, Raquel (Gn 12.11; 29.17). A mulher de Potifar observou como ele era atraente e o desejou (39.7). A tentação que se apresentou a José foi repentina, real e direta. Essa história é muito mais parecida com uma tentativa de estupro do que uma sedução. Afinal de contas, era José, o belo, não a mulher de Potifar, e ela não o atraiu com palavreado doce. Simplesmente ordenou a José: “Venha para a cama comigo!” (39.7, NVI). Não era um pedido; era uma ordem. Foi dito no mesmo tom de voz que ela daria para mandar que ele endireitasse as poltronas ou tirasse o pó dos móveis. Ele era o escravo; ela era a patroa. É a tentação que vem quando alguém que tem poder sobre você manda que negue sua fé ou sofra as consequências. Pode ser um chefe que ameaça despedi-lo, ou um membro abusivo da família que o sujeita a ferimentos físicos ou emocionais se não fizer o que ele manda. Numa situação dessas, teria sido fácil José racionalizar uma concordância pecaminosa como única opção viável.

Ceder seria fácil e protetor de si; recusar quase certamente teria repercussões negativas. Afinal de contas, o inferno não tem maior fúria do que a mulher rejeitada. Mas José não cedeu. Ele explicou à mulher de Potifar que essa traição seria abuso da confiança colocada sobre ele por Potifar, e continuou com a razão mais profunda e importante que não o poderia fazer: seria pecado contra Deus (Gn 39.9).

Levar Deus ao quadro mostra a consciência que José tinha da presença do Senhor com ele, mesmo nessa situação quase impossível. Ele não pôs sua fé de lado quando enfrentava os desafios de viver “no mundo real”. Em vez disso, quando calculou a folha de contabilidade, viu claramente que a escolha que enfrentara naquele instante seria entre satisfazer a mulher de seu patrão ofendendo a Deus, ou satisfazer a Deus ofendendo a mulher de seu patrão. Fez a escolha certa, não somente uma ou duas vezes, mas repetidamente, enquanto ela o confrontava dia após dia (Gn 39.10).

O SEGREDO DO SUCESSO DE JOSÉ

Como foi que José conseguiu, quando tantas vezes nós falhamos e caímos em diante de tentações muito menores? Às vezes dizemos não com sucesso uma ou duas vezes, mas mais cedo ou mais tarde, Satanás ganha pelo desgaste persistente. Não foi o caso de José. Porém, não existe grande segredo para vencer a tentação aqui. Com certeza, José se esforçou para evitar situações de tentação não ficando sozinho com a mulher de Potifar. Mas tal abordagem trata meramente dos fatores externos, não do coração. Por mais cuidadosos que sejamos, mais cedo ou mais tarde, a tentação nos vem de alguma ou de outra forma.

No fim, a única defesa de José contra o pecado foi um coração que desejava agradar a Deus mais do que experimentar prazer ou evitar a dor. É esse nosso problema verdadeiro. Minhas circunstâncias difíceis não são o que me levam a pecar. Outras pessoas não me forçam a pecar. As outras pessoas que me convidam a participar do mal com elas não me fazem pecar. Meu próprio coração me induz a pecar porque deseja algo mais do que agradar a Deus. Tiago

faz a pergunta: “De onde procedem guerras e contendas que há entre vós?” (Tg 4.1) A resposta não está nas pessoas impossíveis com as quais você tem de conviver, nem nas circunstâncias difíceis que nos cercam.¹ O problema é que queremos algo mais do que desejamos Deus. Por que eu me zango quando luto para escrever um sermão, e na sexta-feira à noite só tenho um monte de palavras vazias? Não seria porque me preocupo tanto com as necessidades espirituais de minha congregação e temo carinhosamente por suas almas. Quisera que fosse isso, mas não é. É porque não quero ter de me levantar cedo no sábado para reescrever tudo. Prefiro ficar na cama. É porque tenho medo de que ainda seja um monte de palavras vazias no domingo, e que ninguém saia bem impressionado com minha capacidade como pregador. Meu coração orgulhoso e autocentrado tem seu próprio plano maravilhoso para minha vida, plano esse que não envolve tentação, lutas e sofrimento — um plano em que todo mundo se curva para mim e me glorifica. Quero pensar que a pregação é uma habilidade pela qual posso receber todo o crédito. Eu me ressinto ao ser lembrado de que sou mero mensageiro (rapaz de recados) que depende totalmente de Deus por qualquer coisa que valha a pena dizer.

O mesmo acontece com você. Qualquer que seja o pecado que você enfrenta, quer seja orgulho, lascívia, mexericos, comer em excesso ou qualquer outra coisa, o seu poder vem do fato de que você quer algo mais do que deseja Deus, e esse pecado parece oferecer um jeito de conseguir isso. Se José tivesse valorizado sua segurança, seu conforto e sua posição na casa mais do que amava a Deus, teria cedido à mulher de Potifar. É simples assim.

RESISTIR AO PECADO

Pelo menos, ceder ao pecado é simples assim. Resistir ao pecado é uma história totalmente diferente. Se o problema for com nossos corações e não nossas circunstâncias, resisti-lo requer mais do que simplesmente manter distância, que é algo que conseguimos fazer por nós mesmos. Não podemos simplesmente decidir virar a folha e parar de pecar; precisamos receber um novo coração, com novos desejos.

Se houver apenas uma lição a aprender da experiência de Israel do Antigo Testamento, é esta: não basta ter a lei perfeita de Deus e uma poderosa experiência da sua libertação. Como o Senhor lembrou a Israel por meio dos profetas, eles careciam de novos corações (Jr 31.33; Ez 36.26). Finalmente, a razão pela qual José foi capaz de dizer não a uma tentação tão poderosa, foi pela obra de Deus. Assim como a sua presença com José o capacitou a prosperar em tudo o que fazia na casa de Potifar, assim também foi porque o Senhor estava com ele que ele pôde dizer: “Como eu poderia fazer isso e pecar contra Deus?” Tal ideia não veio dele mesmo — veio de Deus.

O Senhor era soberano sobre todos os aspectos da vida de José. O plano de Deus para a vida dele incluiu a tentação, assim, ele dirigiu as circunstâncias que expuseram-no a ela de modo poderoso. Poderia ter facilmente garantido que Potifar e sua mulher fossem um casal bem-casado, ou que José tivesse nascido feio. Mas não fez isso, porque uma parte da história de José incluiria enfrentar e resistir à tentação. Deus o levou a essa tentação e, neste caso, ele passou por ela ileso.

A ACUSAÇÃO CONTRA JOSÉ

No entanto, fazer o certo não resolveu o problema de José. Dia após dia, a mesma tentação o confrontava, e por mais que se esforçasse para evitá-la — recusando-se até mesmo a ficar sozinho com ela na casa (Gn 39.10) — a tentação estava sempre ali. Finalmente, a mulher de Potifar fez mais uma tentativa. Esperou pegá-lo a sós, agarrou a sua túnica, e mandou que ele fosse com ela para a cama! (39.12).

Com essa espécie de tentação na cara, só havia uma coisa a fazer — corra para sua vida. Assim, José fugiu, deixando sua roupa externa para trás (39.13). Não pela primeira vez na vida, descobriu sua própria roupa usada contra ele. Os seus irmãos tinham usado sua túnica talar para convencer o pai de que tinha sido morto por um animal selvagem. Agora sua capa foi usada pela mulher de Potifar como evidência de que ele a tinha atacado. Potifar ficou com a escolha indesejável de ficar do lado do escravo e expor sua esposa como mentirosa ou

livrar-se de José. Escolheu o último, embora o fato de apenas ter lançado-o na prisão sugere que não acreditou totalmente na história que sua mulher contara. O castigo normal para uma ofensa dessas seria a pena de morte, com execução imediata.²

Provavelmente esse seria consolo gelado para José, que estava na cadeia, mais uma vez no fundo do poço, falsamente acusado e julgado como culpado de crime terrível. Certamente, nessa altura, a segunda tentação, e mais difícil, veio a José: a tentação de sentir-se abandonado por Deus. Afinal de contas, ele havia agido corretamente, fazendo o que era certo. Havia resistido à tentação, mas o Senhor, longe de protegê-lo, ficou de lado e permitiu que se fizesse uma grande injustiça contra ele. Onde está Deus quando realmente precisamos dele? Claro, essas circunstâncias revelam a verdade sobre nossos corações. Se estivermos fazendo o que é certo por acharmos que ganharemos o seu favor por mérito, ou que o forçaremos a nos dar aquilo que realmente queremos, então, quando nossa “fidelidade” não parece estar dando certo, ficamos ressentidos, amargos e irados. Se estivermos obedecendo-lhe para obter algo em troca, esse “algo”, na verdade, controla nossos corações, e não Deus. Talvez você pense que, se der o dízimo fielmente, ele na verdade terá de fazer sua empresa prosperar, ou se você tem e cumpre o compromisso de manter a pureza sexual, Deus é obrigado a lhe dar um cônjuge.

Frequentemente, nossa obediência à lei de Deus não é para agradá-lo, mas trata da tentativa de usá-lo para obter aquilo que realmente queremos. A verdade é revelada sempre quando ele não nos dá aquilo que queremos: nossa ira e nossos ressentimentos revelam para que estamos realmente servindo a Deus. Como o irmão mais velho na história do Filho Pródigo (Lc 15.25-32), talvez tenhamos obedecido de modo escrupuloso, sem nunca ter realmente amado. Nossa obediência foi, na verdade, a respeito de servir nosso próprio orgulho e transmitir a imagem de nós mesmos como aquele que era o justo e obediente da família.

DEUS ESTÁ TRABALHANDO

Para José, contudo, parece não haver ressentimento e ira. Mesmo que mais uma vez ele se encontrasse na mais baixa situação, ele viu que o Senhor estava ali com ele em meio à lama e confusão da vida na prisão (Gn 39.21). Deus não rasgou os céus, descendo para explicar a José como esse episódio de sofrimento se encaixaria no plano do mestre divino.

Se bem que se encaixou perfeitamente. Se José não tivesse sido falsamente acusado pela mulher de Potifar, não teria acabado preso. Se não estivesse preso, nunca teria se encontrado com os servos de Faraó e jamais poderia ter salvado o Egito e a sua própria família ao vir o tempo de grande fome. Muito mais tarde, José poderia olhar para trás e traçar o intrincado modelo do que Deus estava fazendo através de seu sofrimento. Mas naquela hora, ele foi deixado na prisão sem respostas às suas perguntas. Ali na prisão, porém, nas profundezas de uma situação que poderia tê-lo lançado ao completo desespero, o Senhor estava com ele, abençoando-o e fazendo prosperar tudo o que ele fazia, abençoando também outros ao seu redor.

Não houve resposta às suas perguntas quanto ao curso de sua vida, exceto “Estou com você.” Foi o que Deus havia prometido a Abraão, Isaque e Jacó, e era isso que José experimentou: a fiel presença de Deus, junto com ele no calabouço, tanto quanto quando esteve nos momentos de grande sucesso e triunfo.

Existe mais uma coisa que precisamos observar a respeito da experiência de José: o sinal de Deus estar conosco não é nosso sucesso, nem mesmo em resistir à tentação. O perigo deste capítulo é que todos nós queremos emular o sucesso de José ao resistir à tentação, mas talvez sem ter de sofrer consequências semelhantes. Queremos também ser capazes de dizer não ao pecado nas circunstâncias mais difíceis, sob pressão de tentação repetida e insistente. Claro, o domínio próprio de José é mais impressionante ainda quando lembramos a falta de controle de si mesmo, que Judá demonstrou sob provocação muito menos extrema no capítulo anterior. Tamar não precisava se jogar repetidamente sobre o caminho de Judá para mandá-lo pecar. Só precisou vestir-

se como prostituta, sentar no lugar certo, e o resto seguiu naturalmente (Gn 38.14-18).

Ao lermos este capítulo, queremos saber como podemos ser, como José, capazes de resistir a uma tão notável tentação, quando em nossas vidas diárias frequentemente nos encontramos desviados muito mais facilmente, como Judá. O que deixamos de perceber neste processo é o fato de que Deus não estava operando na vida de José porque este lhe obedeceu e resistiu à tentação, enquanto ausente da vida de Judá porque este cedeu à tentação e caiu em pecado. Temos a tendência de achar que Deus com certeza amava mais a José por ele ser um herói tão digno, e deve ter sido grande a decepção com Judá porque ele foi tão pérfido perdedor. Transferimos essa ideia à nossa própria experiência: de que Deus realmente nos ama quando obedecemos e resistimos à tentação, e nos odeia, ou pelo menos está decepcionado conosco, quando pecamos. Verdade é que Deus odeia o pecado. Mas se existe uma lição central na história de José, é que Deus usa até as coisas que odeia para atingir alvos que ele ama. Não opera somente em e por meio de José, como também em e por meio de Judá. Afinal, o Messias viria pela linhagem de Judá.

O Senhor sabia exatamente o que haveria de acontecer quando soberanamente trouxe tanto Judá quanto José sob tentação. Sabia de sua graça, José se lembraria e ficaria de pé, enquanto Judá se esqueceria e cairia, e que ele usaria os dois acontecimentos para realizar seus santos propósitos. José permaneceria como um exemplo vivo e ativo de 1Coríntios 10.13: “Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar”.

Enquanto isso, Judá seria exemplo vivo, que respirava, de 2Coríntios 12.9: “A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza”. Sim, alguém que peca e cai de modo tão espetacular ainda pode ser incorporado ao povo e plano de Deus. Do mesmo modo, Deus usará o seu pecado para humilhá-lo e

fazê-lo apreciar a graça que ele derrama de modo que você jamais poderia conhecer se sempre fosse capaz de ficar firme em face da feroz tentação.

GRAÇA E MISERICÓRDIA

É essa experiência de graça e misericórdia que aumenta mais nosso amor pelo Senhor e por sua glória. Com certeza, podemos aprender através das lutas e êxitos dos outros, mas as nossas próprias provações e fracassos nas tentações com frequência têm o efeito de nos causar descanso no Senhor muito mais intensamente do que jamais aprenderíamos durante os bons tempos. Queremos viver vidas cristãs vitoriosas no meio de dificuldades, como fez José, mas muitas vezes o plano maravilhoso do Senhor para nós é mostrar-nos a confusa realidade que precisamos tão desesperadamente ver. Precisamos da surpreendente graça de Deus. Não necessitamos dele apenas como nosso copiloto — como alguém que nos assista a fim de que alcancemos todo nosso potencial. Precisamos de Deus como nosso Salvador, aquele que provê um dom gratuito de justiça, que jamais poderíamos atingir por nós mesmos, para os miseráveis pecadores culpados que somos.

O que Deus estava fazendo na vida de José? Seus sonhos nunca foram simplesmente a respeito de sucesso pessoal e proeminência na família. Eram a respeito de José tornar-se sinaleiro do evangelho, um meio, afinal, pelo qual a promessa de Deus a Abraão se tornasse realidade. O Senhor estava com ele, capacitando-o a ser bênção aos egípcios no meio de sofrimento, da traição e tentação imerecidos — não apenas para se tornar exemplo para que o imitássemos (embora ele seja isso), mas que fosse o exemplar que apontasse para Jesus. Este foi o único homem verdadeiramente justo, o único que sofreu inteiramente sem ter culpa própria. Ele experimentou tentação muito maior do que a que José enfrentou algum dia. O Espírito levou Jesus ao deserto para enfrentar toda a força dos ataques de Satanás, e aquele o fez perfeitamente (Mt 4). José pode ter resistido à tentação nesta situação, mas não estava isento de pecar. Sem dúvida, havia vezes em que perdia toda a esperança e se entregava à autopiedade ou ira. Certamente houve tempos quando José não afirmava: “Vós,

na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem”. Contudo, em seus momentos de brilhante fidelidade, José aponta além de si mesmo para Jesus. O propósito desta passagem não é fazer com que perguntemos nos tempos de tentação: “O que José faria?” Seu propósito é encorajar-nos a ponderar o que *Jesus já fez* em nosso lugar. Voluntariamente, Cristo veio para a escravidão e o sofrimento deste mundo para servir e abençoar a humanidade. O Pai estava com ele, e a sua presença foi uma bênção das boas-novas do reino de Deus (Lc 4.18). Ele enfrentou a poderosa tentação de escolher seu próprio caminho no mundo, ignorando a cruz em vez de submeter-se humildemente ao maravilhoso plano de Deus para sua vida. No entanto, rejeitou tal oferta, dizendo a Satanás: “Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto” (Mt 4.10). Ele o fez com o pleno conhecimento de que o maravilhoso plano do Senhor para sua vida o levaria até a profunda escuridão da cruz. Onde estava Deus no dia em que Jesus sofreu sobre a cruz?

A resposta é que nós — toda a humanidade pecadora — intentávamos para o mal. Queríamos acabar com aquele que era sem pecado, cujo crime único era ser o que os humanos foram feitos para ser desde o começo. Contudo, Deus intentou que nosso pecado fosse para o bem, como parte de seu maravilhoso e santo plano de redenção. O Pai permitiu que o Filho fosse falsamente acusado e falsamente condenado, pecaminosamente abusado e assassinado. Na verdade, na cruz, o próprio Pai tratou o Filho como um rejeitado condenado, maculado com as formas mais tenebrosas do pecado. Aquele que nunca fizera nada senão amar e servir a Deus foi condenado a experimentar as agonias do inferno, sozinho na escuridão, abandonado pelo próprio Pai.

Naquele terrível momento, o Pai não estava com Jesus, para que este pudesse estar conosco para sempre. Jesus carregava ali a nossa maldição. Como resultado, a penalidade por todas aquelas vezes em que nos juntamos a Judá, nos mergulhando de cara no pecado, em vez de ficar ao lado do fiel José – foi plenamente paga. No lugar dela, fomos agora creditados com a perfeita justiça de Cristo, que suportou toda tentação em nosso lugar. Por suas feridas, somos

sarados. Por sua justiça, nossa imundície é resolvida, plena e finalmente, para que o sorriso do Senhor repouse sobre nós para sempre, por seu amor.

Esta verdade nos dá segurança, dando-nos esperança quando enfrentamos as horas mais escuras do plano de Deus para nossas próprias vidas. É provável que tenhamos de sofrer nesta vida, e enquanto a sofremos, pode ser que sejamos tentados a acreditar que ele esteja zangado conosco ou tenha nos abandonado. Nada poderia estar mais longe da verdade. Deus derramou toda sua ira contra nosso pecado sobre Jesus, que quer dizer que nossos sofrimentos presentes só podem ter propósito redentivo, ensinando-nos a morrer para o pecado e conduzir os outros a ver e conhecer o Deus que conhecemos em Jesus Cristo. Conforme o Senhor nos permite, esta verdade também nos ajudará a dizer, em face da tentação, como José: “como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?” Mesmo quando deixamos de fazer isso e cedemos novamente ao pecado sob provocação muito menor do que a que José sofreu, este evangelho nos lembra de correr novamente para Jesus, o grande Pastor de todas as ovelhas que se desviaram, ali encontrando novo suprimento de graça e misericórdia. Deus nos ama mais vivamente, mais profundamente, do que poderíamos jamais imaginar. Ele está conosco e nunca nos deixará nem nos abandonará. Tem maravilhosos planos de estar conosco em meio aos nossos sucessos ou nossos fracassos, nas nossas alegrias e nas provações, santificando-nos até mesmo em nossos mais profundos infortúnios. Portanto, quaisquer provações e tentações que nos sobrevenham, podemos estar certos de que o soberano Senhor os intenta maravilhosamente para o bem e para a sua glória.

PARA REFLETIR

1. Como a situação de José continuou piorando cada vez mais? Como José respondeu às provações e tentações?
2. Quando você enfrenta provações e tentações, você põe sua esperança nas mudanças de circunstâncias ou na promessa dos bons propósitos de

Deus?

3. Em face da tentação, quando foi que você falhou em fazer o que era certo? Quando foi que sofreu por fazer o que era certo?
4. Você já esteve zangado ou decepcionado com Deus por ele não ter recompensado a sua fidelidade? O que isso revela sobre as suas motivações para a obediência?

¹ Ver, de Paul David Tripp, *Instruments in the Redeemer's Hands: People in Need of Change Helping People in Need of Change* (Phillipsburg, NJ: P&R, 2002), 77-78.

² Claus Westermann, *Genesis 37–50* (Minneapolis: Fortress, 2002), 67.

QUANDO A ESPERANÇA TEM DE AGUARDAR

(Gênesis 40)

A história de José é notável e singular. Provavelmente nenhum de nós tenha sido vendido pelos irmãos como escravos nem falsamente acusado de tentativa de estupro e preso por acusações falsas desse calibre. Porém, muitos de nós tivemos experiência de ser terrivelmente traídos e decepcionados por familiares ou colegas de trabalho. Este mundo está repleto de experiências difíceis e profundamente decepcionantes, e poucos escapam sem ser por elas feridos. O resultado é que facilmente nos identificamos com José nos sofrimentos, encontrando esperança na presença de Deus no meio de todas essas dores.

Gênesis não trata de algum novo sofrimento a que Deus tenha pedido que José se submetesse. Trata do mesmo velho sofrimento que continua, muito tempo depois que achávamos que deveria ter acabado. Isso é mais uma coisa que todos entendemos por experiência própria. Todos nós sabemos o que significa querer alguma coisa boa, ou desejar alívio de algo que nos é doloroso, e desejar essa mudança com enorme intensidade. Sabemos como é duro quando esse alvo bom parece estar quase em nosso alcance, para então ver nossas esperanças despedaçadas no último momento. Sabemos o que significa esperar o telefonema confirmando ter sido contratado para o emprego sonhado, ou que o relacionamento que tanto desejamos irá em frente. Mas nunca chega o telefonema. Qualquer que seja a razão para a falta de comunicação, as esperanças que alguns dias atrás eram tão fortes agora estão se apagando aos poucos. Talvez não tenha havido momento definitivo que explodisse a expectativa por um futuro diferente — apenas uma deflação vagarosa e

gradativa das esperanças no passar dos dias, meses e até mesmo anos, e você se descobre vazio.

O PONTO DE MUDANÇA ONDE NADA MUDA

Foi ali que José se encontrava em Gênesis 40. De algumas formas, este capítulo representa o ponto dramático da virada da sua história. Os eventos estão sendo descarrilados de modo que resultará em sua libertação da prisão e sua elevação a braço direito de Faraó, recebendo poder sobre todo o Egito. No entanto, José termina neste capítulo exatamente no mesmo lugar onde começara, sofrendo na cadeia, aparentemente sem perspectivas de sair de lá. O que Deus estaria fazendo quando ele nos faz esperar e ficar ainda esperando mais, sem que vejamos a sua libertação? Por que um Deus amoroso, soberano, nos deixaria emperrados em uma situação de sofrimento doloroso, quando poderia tão fácil e rapidamente resolver todos os nossos problemas?

Primeiro, note a maravilhosa ironia de que os sonhos fossem o meio usado por Deus para tirar José da sua fossa, pois foram eles que o levaram a essa condição em primeiro lugar. Mais do que se ressentir da bela túnica de José, os irmãos desprezaram o conjunto de sonhos em que exibia sua elevada condição sobre eles e toda a família (Gn. 37.5-11). Quando viram de longe José se aproximar, os sonhos dele estavam incomodando as suas cabeças acima de tudo. Disseram: “Vem lá o tal sonhador! Vinde, pois, agora, matemo-lo e lancemo-lo numa destas cisternas” (veja 37.20).

Agora, este capítulo nos introduz a outro par de sonhos, os sonhos do copeiro-mor e do padeiro-mor de Faraó. Esses homens não eram empregados humildes, mas pessoas que gozavam tremenda influência devido ao seu acesso pessoal a Faraó. Porém, eles o tinham ofendido -- literalmente, o texto diz que haviam pecado contra seu mestre (Gn 40.1). Isso também era irônico. Esses homens estavam na prisão por causa de seu pecado verdadeiro contra o mestre, enquanto José, que se recusara a pecar contra Deus e seu mestre (39.9), estava preso por sua justiça. Sendo o copeiro e o padeiro prisioneiros mais importantes, o capitão da guarda designou que José os servisse.

CUIDAR E CRER

Um dia, ao chegar para trabalhar, José viu que aqueles dos quais ele estava encarregado de cuidar estavam perturbados, e perguntou-lhes por que estavam descaídos seus semblantes. Essa simples pergunta mostra que José está à altura e vencendo a primeira tentação que todos nós enfrentamos quando as esperanças são frustradas e nosso sofrimento vai aumentando, ou seja, paramos de nos importar com o próximo. Esses homens eram egípcios, e José não tinha razão para se ligar a eles. O que é que eles tinham para se preocupar, em comparação ao que José já passara? Ele poderia facilmente tê-los deixado com suas preocupações e cuidado só de si mesmo. Não é isso que nós fazemos em meio ao sofrimento? O sofrimento nos torna muitas vezes egoístas; nossos próprios temores e preocupações consomem tudo e nos deixam com pouco tempo ou energia para pensar no próximo. Desejamos e esperamos que os outros inquiram sobre nossas tristezas, mas a última coisa que queremos é carregar o fardo dos problemas de outrem. Bastam nossos próprios problemas.

Mas José via esses homens como seres humanos, e se importou bastante com as preocupações deles, a ponto de perguntar-lhes o que havia acontecido. Quando ele perguntou a razão para seus rostos tristes, o copeiro e o padeiro lhe contaram que tiveram sonhos perturbadores e não havia ali vidente profissional que os pudesse interpretar. A interpretação dos sonhos era um grande negócio no antigo Egito. Afinal, ela poderia retratar um desastre prestes a acontecer; se entendêssemos o sonho, poderíamos tomar medidas para nos preparar para o destino ou mesmo evitá-lo. A resposta de José aos dois homens, porém, era simples. Eles não precisavam de um intérprete profissional de sonhos para explicar o futuro; a interpretação de sonhos era tarefa de Deus, porque ele é que tem o futuro em suas mãos. José, portanto, convidou os homens a contar-lhe seus sonhos, para que os pudesse interpretar.

Encontramos, aqui, José enfrentando e vencendo uma segunda tentação que enfrentamos quando nosso sofrimento vai se aumentando: a tentação de perder a fé em Deus. É fácil ver como isso acontece. Se Deus não está respondendo as

nossas orações, por que esperaríamos que ele respondesse as orações de outras pessoas? Poderíamos esperar que a interpretação de sonhos fosse assunto melindroso para José, dada sua própria experiência. No entanto, apesar de seus desapontamentos pessoais, ele tinha ainda notável fé na bondade e no poder de Deus. Cria confiantemente que o Senhor havia dado esses sonhos a esses homens por sua bondade, a fim de comunicar-se com eles, e que era bastante poderoso para realizar aquilo que fora profetizado por meio dos sonhos.

E nós, não lutamos contra isso quando os sofrimentos se alongam? Achamos difícil continuar crendo, esperando que a essa altura Deus realmente responda nossas orações ou as orações de outros. Talvez Deus na verdade não seja bom o bastante para se importar profundamente conosco... Ou talvez nós não sejamos suficientemente bons para merecer a intervenção de Deus. Ou, quem sabe, ele não seja suficientemente poderoso para realizar aquilo que lhe pedimos. Aos poucos, nossa fé e esperança minguam a ponto de não pedirmos e nem esperarmos mais nada dele. Sentimo-nos negligenciados e abandonados por Deus, lançados sobre os monturos da vida.

PERSISTINDO NA FÉ E ESPERANÇA

Se havia alguém com razão para sentir-se negligenciado e abandonado por Deus, com certeza era José. Vendido pelos irmãos, falsamente acusado e enfiado na prisão por um crime que não cometera, como também resistiu com hombridade, sob imensa tentação. Que perspectiva tinha de ver cumpridos os seus próprios sonhos? Que esperança terrena haveria de seus irmãos e pais virem e se curvarem diante dele, o prisioneiro egípcio? Mas essas experiências não fizeram de José um introvertido egoísta ou cínico amargo. Pelo contrário, embora não parecesse haver terrena de seus próprios sonhos se realizarem, ainda cria em um Deus que realiza coisas espantosas e cumpre as suas promessas. Ainda confiava na ação de Deus de trabalhar através dele, mantendo a fé de que Deus estava fazendo algo importante em sua vida.

Qual a explanação para a fé, esperança, e persistente amor de José sob circunstâncias tão desafiadoras? A única explicação está na consciência da

bênção de Deus sobre ele e de sua presença com ele, até mesmo no meio das provações. Essa bênção o deixou à procura de oportunidades de servir ao próximo que se encontrava a seu redor, conduzindo-o para Deus. Para José, as simples palavras “Deus estava com ele” eram uma realidade que mudava o jogo da sua vida. Sua fé, esperança e amor no meio de tais sofrimentos contínuos revelavam algo profundo a respeito de seu próprio coração.

Da mesma forma, nossa resposta ao sofrimento contínuo revela algo a respeito de nossos corações. Quando nossas esperanças foram frustradas, talvez tenhamos tendência de nos retrair. Entramos nos nossos cascos, com pena de nós mesmos, lutando para manter a fé e esperança em Deus. Sei que pelo menos eu sou assim. Quando minhas expectativas da vida são decepcionadas, eu me torno “frustrado” (uma palavra que uso para esconder o fato de que na verdade estou irado), volto a fita em minha cabeça sobre de quantas maneiras as pessoas ao meu redor deveriam me servir e amar. Se elas deixaram de fazê-lo, começo a ressentir-me delas. Além do mais, começo a ressentir-me de Deus por colocar-me em uma situação tão difícil e manter-me nela. É provável que a última coisa que eu faça seja perguntar o que ele está fazendo nessa frustrante situação e como posso servir e amar mais efetivamente o próximo devido às circunstâncias sofridas em que me encontro. A resposta a isso revela meu coração, assim como a de José revelava o dele. É uma declaração profunda do que creio sobre Deus e sobre o mundo. Demonstra quão profundo é o nível em que acredito que o mundo exista para cumprir meus sonhos e minhas aspirações. Acho que o próprio Deus existe para me glorificar e ter prazer em mim ao tornar realidade as minhas mais caras esperanças. Daí a razão de me sentir tão decepcionado e traído, pela qual respondo tipicamente me afastando da vida. Sinto que ele me deve mais que isso, ou pelo menos deve uma explicação de por que minha vida tem de ser assim. No processo, muitas vezes perco a mais preciosa realidade no meu sofrimento, que é a presença constante de Deus comigo.

OS SONHOS

Então, os dois homens relataram os seus sonhos. No sonho do copeiro, uma vinha brotou, floresceu e produziu fruto de repente (Gn 40.10). Era como se, sob a bênção de Deus, o ciclo agrícola normal tivesse sido dramaticamente acelerado. O copeiro tomou as uvas e as espremeu no cálice de Faraó, produzindo vinho instantâneo, que então deu a Faraó (40.11). José explicou o sonho em seguida: os três galhos representavam três dias, após os quais Faraó levantaria a cabeça do copeiro (40.13).

“Levantar a cabeça” de alguém é uma expressão idiomática tirada do tribunal do mundo antigo. Quando o rei fazia uma aparição pública, todo mundo se prostrava e abaixava a cabeça perante ele como marca de respeito. Porém, o rei podia notar alguém em especial e convidá-lo a erguer a cabeça e se aproximar dele. Esta expressão pode indicar também um perdão real que inclui soltura da prisão (2Rs 25.27).

Em seguida, Faraó chamaria o copeiro para sair da cadeia para a sua presença e o restauraria à sua posição exaltada. Encorajado por essa interpretação favorável, o padeiro também começou a relatar seu sonho, tentando fazer com que parecesse tanto quanto pôde com o outro sonho. Porém, em vez do seu sonho mostrar a volta para sua antiga tarefa sob a bênção de Deus, este apresentava sinal clássico de maldição pactual, ser atacado por animais ferozes (veja Deuteronômio 28.26).

Desenrolando como um filme de Hitchcock, o padeiro sonhou que andava pelo caminho com três cestos de pães assados sobre a cabeça, sem força para defender os bolos favoritos de Faraó das aves que os atacavam. A interpretação do seu sonho por José começou exatamente como a do sonho do copeiro: os três cestos representavam três dias, após os quais Faraó levantaria a cabeça do padeiro (Gn 40.19). Contudo, o padeiro certamente deveria suspeitar que o resultado final seria muito diferente. Conquanto o copeiro teria a cabeça levantada no sentido de ser restaurado à sua posição anterior, a cabeça do padeiro seria levantada para ser enforcada, com o corpo morto sendo exposto

em uma árvore — o horror máximo para os egípcios, obcecados por cuidar corretamente dos corpos dos que morrem.

LEMBRA-TE DE MIM

Depois de José prever a soltura do copeiro, ele lhe disse: “Porém lembra-te de mim, quando tudo te correr bem; e rogo-te que sejas bondoso para comigo, e faças menção de mim a Faraó, e me faças sair desta casa” (Gn 40.14). Literalmente, ele dizia: “Quando estiver tudo bem com você, lembre-se de mim e mostre-me fidelidade (*hesed*) ao pacto, para que eu seja liberto dessa cova”. *Hesed* é um conceito teologicamente rico que combina as noções de lealdade e amor. Normalmente *hesed* descreve algo que ocorre dentro de um relacionamento existente, quer entre dois seres humanos quer entre Deus e o homem. Nos relacionamentos humanos, *hesed* implica em amar o próximo, não meramente em termos de sentimentos calorosos de emoção, mas por meio de atos de amor e serviço devidos à outra pessoa simplesmente porque ela faz parte da comunidade da aliança. O povo de Deus deve promover justiça, amar *hesed*, e andar humildemente com o seu Deus (Mq 6.8).

Semelhantemente, *hesed* pode descrever lealdade para com as obrigações que se tem a Deus. Isso inclui ações de fidelidade para com outros membros da comunidade pactual, pois, como podemos dizer que amamos nosso senhor pactual se ignoramos seus mandamentos de amar os vassalos como somos nós (1Jo 4.20)? Contudo, o uso mais precioso da palavra *hesed* no Antigo Testamento é a descrição do que Deus faz. Tendo entrado em relacionamento pactual com seu povo, Deus se ateve a agir para com ele de certas maneiras. E é completamente fiel a esse compromisso. O salmo 136 explora o significado da *hesed* do Senhor em seus mais largos termos, pois cada linha conclui com as palavras, “Sua *hesed* dura para sempre.”

Mesmo quando o seu povo peca contra ele e enfrenta as consequências de seu pecado, podem ainda apelar para a *hesed* do Senhor, como faz o autor de Lamentações no meio da destruição de Jerusalém em 586 a.C. Cercado pelas evidências da fidelidade do Senhor em julgar a impiedade, rebeldia e o pecado,

ele se lança sobre o imutável caráter de Deus, afirmando: “As misericórdias [*hesed*] do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade” (Lm 3.22-23).

Ao apelar para o copeiro para que use de sua *hesed*, José exibe notável confiança no cumprimento fiel da predição recebida de Deus, dado o aparente fracasso de seus próprios sonhos anteriores. Coloque-se nas sandálias de José por um só momento: o que ele poderia ter sentido nos dias que seguiam imediatamente a soltura do copeiro? A princípio, deve ter aguardado ansioso cada passo que escutava vindo do corredor, pensando: “É agora. Finalmente alguém veio me tirar dessa cova!”

Não é coincidente que no versículo 15 José se refere à prisão como “a cova,” usando a mesma palavra que foi usada para seu lugar de confinamento do capítulo 37. Depois que os irmãos o pegaram, a sua vida inteira era uma sucessão de covas, das quais tantas vezes ele esperava ser libertado. Agora, deveria estar tonto de alegria com a perspectiva de o Senhor ter provido tão providencialmente o meio para sua libertação.

Mas depois, certamente houve a lenta percepção que raiou, de que o copeiro havia se esquecido completamente de José; para ele não haveria *hesed*, nenhuma lembrança fiel. As suas esperanças foram cruelmente despertadas, para então ser mais uma vez dolorosamente esmagadas — não apenas pelo copeiro, mas pelo próprio Deus. Não foi só aquele que parecia ter falhado em demonstrar fidelidade pactual a José; foi também o Senhor¹. Ele poderia ter facilmente trazido a lume a situação de José para a lembrança do copeiro. Apesar da fé, esperança e do amor de José, ele ainda teria mais um tempo passando pela fornalha da aflição. Com certeza clamou: “Quanto tempo mais, ó Senhor? Eu já não tenho suportado bastante? O Senhor vai se esquecer de mim para sempre?”

O TEMPO PERFEITO DE DEUS E SUA *HESED* QUE PERDURA

O tempo de Deus é absolutamente perfeito, é claro, como sempre é. Se o copeiro tivesse lembrado antes de José, teria se lembrado cedo demais. José teria

sido imediatamente liberto da prisão e perdido de vista quando o momento de Deus veio para ele. O propósito de Deus — que nessa altura era completamente invisível e misterioso para José — era que ele testemunhasse dele diante de reis e libertasse tanto o Egito quanto a sua própria família da fome iminente. Contudo, para que esse plano pudesse progredir, ele teria de experimentar ainda mais injustiça nas mãos dos homens. Teria de continuar sofrendo dor não merecida a fim de, finalmente, libertar outros da morte. Talvez o tempo tivesse acelerado no sonho do copeiro, mas deve ter ido mais devagar num lento arrastado para José, que suportava o pesadelo da prisão por mais dois anos até que o tempo de Deus finalmente chegasse. No entanto, Deus acabaria fazendo cooperar para o bem tudo de mal que José tivesse de suportar.

Talvez você esteja exatamente nesta situação agora. Ficou esperando, aguardando, orando e suportando por longo tempo. Está cansado de esperar que Deus traga à fruição os seus planos e propósitos em sua vida. Você sente que ele o colocou em uma cova e esqueceu-se de você. Talvez você também tenha suportado a dor de uma série de falsas alvoradas — momentos quando parecia que suas esperanças finalmente se tornassem verdadeiras e Deus o libertaria, para então ver mais uma vez despedaçadas essas esperanças. Talvez você também tenha de ser lembrado de que o tempo de Deus sempre é perfeito. Não existem acidentes com Deus. Talvez não entendamos por que ainda necessitamos permanecer na cova. Pode até não fazer sentido agora, neste exato momento. Contudo, o que vale é o fato de que para Deus, cuja sabedoria, amor e cuidado são infinitamente mais altos e profundos do que nossos, faz sentido perfeito. Os planos sábios e amorosos de Deus de nos levar por extensos períodos de sofrimento não são somente para o bem de outras pessoas, mas são também para nosso próprio bem. Em Romanos 5.3-5, Paulo diz o seguinte:

E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado.

Paulo não era alheio ao sofrimento e, como resultado, sabia também da colheita de bons frutos que o sofrimento poderia render. Para Paulo, o sofrimento não extingue a esperança, como também produz esperança ao nos treinar na perseverança. Não se pode aprender a correr em maratona lendo um livro; o único jeito de aprender a correr toda a distância é passando por longos meses de treinamento, em que suportamos tremendo e dolorido estresse, aos poucos subindo a níveis cada vez maiores de desconforto. Também não se pode obter caráter de um livro. Caráter vem precisamente de suportar aqueles tempos difíceis, andando com — e talvez, às vezes, tentando fugir de Deus, para então descobrir que ele consegue correr mais depressa em relação a nós do que nós conseguimos fugir dele. Aquele que prometeu estar conosco sempre não nos deixará ir embora. Como nos lembra do salmo 23.6 : a bondade e *hesed* do Senhor nos *perseguirão, caçarão* (a palavra geralmente traduzida por “seguirão” tem um significado oculto de caráter militar) todos os dias de nossas vidas. O caráter que advém de suportar o sofrimento produz esperança, porque começamos a desenvolver entendimento suficiente das nossas experiências dolorosas passadas e atuais para crer que a fidelidade de Deus nos acompanhará através de qualquer sofrimento que exista em nosso futuro. Ele nunca se esquece de seu povo nem jamais falha em mostrar-nos *hesed*, imutável amor. Ele é o Bom Pastor, aquele que prometeu nos guardar seguros em sua mão. Ele jamais nos deixará nem nos abandonará.

Onde encontrar a segurança do amor e cuidado de Deus enquanto lutamos para suportar as provações de hoje? Como saber que os seus braços amorosos estão realmente estendidos em nossa direção, e que ele de fato não nos esqueceu, mesmo quando parece que nos está deixando na mesma fossa, ano após ano? Paulo nos diz em Romanos 5.5 que é obra do Espírito Santo fazê-lo. Se clamarmos a Jesus, usando as palavras do ladrão, na cruz: “Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino” (Lc 23-42), o Espírito Santo toma esses clamores e os apresenta diante do trono da graça. Quando nos sentimos orfanados, “o próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de

Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados” (Rm 8.16-17).

Esta segurança nos capacita a dizer juntamente com Paulo: “os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (Rm 8.18). Nada podemos fazer para merecer tal lembrança. Nós merecemos ter o mesmo fim que teve o padeiro, e não o copeiro. Pecamos de verdade contra nosso Mestre, e o salário desse pecado é a morte. Contudo, na revirada máxima da providência, aquele a quem apelamos por tal lembrança não foi apenas vendido, abusado e aprisionado injustamente; o seu corpo foi pendurado em madeiro, sob maldição, ainda que não tivesse cometido crime algum. Por que meu Senhor deveria ser tratado tão cruelmente, quando demonstrou amor tão perfeito para aqueles que estavam ao seu redor, suportando fé e esperança em Deus? Por que ele teve de suportar tamanhos sofrimentos sem que os merecesse? Foi o meu pecado que o cravou naquela cruz; foi minha dívida que tinha de ser paga. Todas as vezes em que eu me retraí, cheio de ressentimentos, para dentro de mim, ignorando as necessidades do próximo, essas culpas tinham de ser expiadas. Todas as vezes em que insultei a bondade e o poder de Deus, afundando na lama da incredulidade e pena de mim mesmo, teriam de ser julgadas. Aquele a quem clamamos: “Lembra-te de mim!” é o mesmo que nós espetamos. Contudo, este Jesus não somente promete lembrar de nós e levantar nossas cabeças quando ele vier em seu reino, mas também promete estar conosco a cada passo de nossa peregrinação terrena, até que recebamos nossa gloriosa herança. Que espantosa graça é essa!

Mas não somente nós pedimos a Jesus que se lembre de nós; ele também pede que nos lembremos dele. Na instituição da Ceia do Senhor, Jesus disse: “fazei isto em memória de mim” (1Co 11.24-25). Jesus nos manda fazê-lo, porque sabe que é precisamente ao nos lembrar dele, especialmente ao lembrarmos de seu sofrimento e sua glória (“lembrar de sua morte até que ele volte”), que encontramos ajuda para aguardar em esperança, com plena

segurança de seu amor e cuidado por nós. Sofrimento — até mesmo sofrimento contínuo — não produz automaticamente perseverança, caráter e esperança. Existem muitas pessoas que sofrem e são azedadas pelo sofrimento, tornando-se amargas e cínicas. Mas, à medida que o Espírito Santo opera em nossos corações, relembrando-nos o maravilhoso amor de Deus que nos foi dado em Cristo, a mesma experiência que, de outra feita, nos tornaria azedos e amargos, aos poucos nos torna doces e ternos. Devagar, tornamo-nos mais compassivos para com o próximo nas suas fraquezas, mais cheios de alegria no meio de nossos desapontamentos e dores, cheios de esperança de que os bons propósitos de Deus produzirão frutos graciosos em nós e por nosso intermédio. No final, Deus deu a José a capacidade de reconhecer que os pecados que outras pessoas cometeram contra ele estavam sob o seu controle soberano e cooperariam para o bem de José, como também para o divino propósito de Deus. Que o Espírito instile também em cada um de nossos corações tal confiança no soberano amor e na graciosa fidelidade de Deus.

PARA REFLETIR

1. Como José respondeu ao prolongado sofrimento?
2. Mais adiante, Deus resgatará José das suas difíceis circunstâncias. Será que o imutável amor de Deus por seu povo sempre significa que ele mudará as suas circunstâncias?
3. Como a morte de Jesus confirma o firme amor de Deus por seu povo?
4. Leia Romanos 5.35. Como o evangelho torna possível que o sofrimento produza esperança, em vez de desespero?

¹ Bruce K. Waltke com Cathi J. Fredericks, *Genesis: A Commentary* (Grand Rapids: Zondervan, 2001), 526
[*Comentário de Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010].

TORNAR-SE FRUTÍFERO NA TERRA DA AFLIÇÃO

(Gênesis 41)

Que diferença um só dia pode fazer! Para José, esse dia certamente raiou como qualquer outro. Vestiu-se com a mesma roupa da prisão e começou a cumprir as mesmas obrigações de sempre. Haviam-se passado dois anos; o copeiro havia sido libertado e as esperanças de José de que fosse lembrado tinham, há muito, evaporado. De repente, no meio de seus deveres cotidianos, houve uma convocação urgente: “Corra! Faça a barba! Mude de roupa! Faraó o chamou para sua presença!” O período de José na cova acabou de forma ainda mais dramática e repentina do que começara. Passou da cova para o cume, da cela de cadeia para a mão direita do Faraó, no decurso de um só dia. Como você lida com mudanças tão drásticas em sua sorte? Pode pensar que seria fácil. Contudo, fluência e prosperidade têm suas próprias tentações e desafios. Lembranças dolorosas podem continuar a nos incomodar. Mesmo quando o presente parece bom, o passado ainda lança sua sombra escura. Toda vida possui suas próprias lutas.

No capítulo 41 de Gênesis, vemos José exibindo as mesmas qualidades em tempo de prosperidade que aprendera durante seu longo período de suportar o sofrimento no fundo do poço. Nos nomes que deu a seus filhos, vemo-lo também lutando com os demônios de seu passado. Ele pensou muito sobre a questão: “O que Deus está fazendo com os poços e os cumes de minha vida?” As suas respostas nos desafiam a pensar mais claramente sobre o significado de nossos próprios sofrimentos neste mundo disfuncional e perigoso.

UMA TRANSFORMAÇÃO DRAMÁTICA

Depois de dois anos, Faraó teve dois sonhos (pois todos os sonhos na história de José vêm aos pares). Em seus sonhos, viu-se em pé ao lado do Nilo, fonte de toda a prosperidade do Egito. Todo ano, quer chovesse quer não, no Egito, o rio Nilo transbordava de suas margens, depositando rico lodo, aguando as safras e provendo bons pastos. Não era, portanto, surpresa que as sete vacas que Faraó viu subir do Nilo fossem gordas. Porém, a seguir, sete outras vacas subiram do Nilo atrás das primeiras; estas eram magras e de aspecto muito mau, e elas prontamente comeram as sete vacas gordas sem que elas engordassem. Faraó acordou, sem dúvida suando frio.

Depois disso, Faraó dormiu e sonhou novamente. Desta vez, eram sete espigas gordas de grãos que cresciam em uma única haste, símbolo de espantosa prosperidade! Mas em seguida sete espigas magras, murchas pelo seco e escaldante vento leste vindo do deserto, surgiram e engoliram as espigas grandes. Não era de se admirar que Faraó tenha se perturbado ao acordar. Mas nenhum de seus adivinhadores e homens sábios foi capaz de interpretar seus sonhos de modo convincente. Faraó se encontrou exatamente na mesma situação que o copeiro e o padeiro enfrentaram na prisão: não havia quem interpretasse seus sonhos (Gn 41.8; cf. 40.8).

Finalmente, essa era a dica para o copeiro lembrar-se de José. Tendo enfrentado a mesma necessidade, o copeiro lembrou-se de como José havia interpretado o seu próprio sonho. Daí repetiu a convocação de José de sair da cova. Depois que José tinha esperado pacientemente ser lembrado por dois anos, agora os servos de Faraó correram para vê-lo barbeado e bem-vestido, tornando-o apresentável ao rei. Ao longo da óbvia reversão de sua fortuna, há também uma reversão mais sutil aqui. Cada um dos infortúnios anteriores de José envolvia que fosse despido de suas roupas: os irmãos levaram sua bela túnica, e a mulher de Potifar arrancou-lhe a roupa exterior. Aqui a sua restauração começou com a transformação de suas roupas.

CONFIANÇA EM DEUS

Quando José apareceu diante de Faraó, este o saudou dizendo: “Ouvi dizer, porém, a teu respeito que, quando ouves um sonho, podes interpretá-lo” (Gn 41.15). José poderia ser tentado a seguir a lisonjeira conversa para se tornar um herói indispensável. Em lugar disso, imediatamente ele corrigiu a Faraó: “Não está isso em mim; mas Deus dará resposta favorável a Faraó” (veja 41.16). José foi confiante em Deus e humildemente dependente dele. Não necessitava promover a si mesmo, mesmo após tantas decepções sofridas, porque a sua confiança permanecia somente em Deus para o proteger e prover por ele.

O que nossa ostentação revela sobre nossos corações? Mostra que na verdade não confiamos em Deus para proteger e prover por nós, e realmente não o consideramos aquele a quem somos chamados para agradar. Da minha parte, confesso que sempre sinto necessidade de certificar-me de que as pessoas saibam sobre minhas próprias realizações. Isso porque em nível mais profundo, meu desempenho é para as pessoas. Já que as pessoas são meu auditório, aquelas em quem confio para satisfazer minhas querências físicas e emocionais, eu preciso certificar-me de que elas me apreciam e reconhecem meu valor. Ao mesmo tempo, é por isso que fico zangado se a minha família não valoriza devidamente meu trabalho duro e meus diligentes esforços. Eles deveriam ver o que faço e ser gratos por quanto eu me esforço por eles.

Quem sabe, você se sinta da mesma forma. Isso explicaria por que está tão consumido por frustração quando o seu empregador não valoriza o seu trabalho, ou seu marido e filhos não agradecem a você como deveriam. Talvez seja a razão pela qual você sempre precisa ser o centro das atenções. Mas, se eu me lembro de que Deus é meu ouvinte e que ele é aquele por quem eu vivo, serei livre para dar a ele todo o crédito que ele merece. Eu me contentarei em viver à sua sombra, em vez de sempre buscar para mim as luzes de ribalta.

Assim, Faraó recontou o seu sonho, e José o interpretou: o sonho era antevisão de sete anos de prosperidade, seguido por sete anos de terrível fome. Dar uma interpretação dessas exigia muita ousadia da parte de José, porque no pensamento egípcio, o Faraó era, ele mesmo, encarnação de um deus.

Supostamente, o poder divino de Faraó equilibrava as forças naturais e garantia paz e prosperidade para o Egito. No entanto, em todo esse encontro, José não somente expôs a incapacidade de Faraó controlar o futuro e prover para seu povo, como também repetidamente apontava-lhe para Deus como o único que realmente tinha esse poder. Foi Deus que o revelara a Faraó (41.25), e ele que havia mostrado o que estava prestes a fazer (41.28).

José expressou uma fé notável ao dizer: “O sonho de Faraó foi dúplice, porque a coisa é estabelecida por Deus, e Deus se apressa a fazê-la” (41.32). Os sonhos do próprio José, treze anos antes, também eram dúplices, mas até esta manhã, ele estivera extenuado na prisão. Parecia haver poucas perspectivas dos seus sonhos serem realizados, quanto menos tão rapidamente. A definição de Deus de “rapidamente” às vezes é muito diferente daquilo que achamos que deveria ser, mas seu propósito soberano e bom em nossas vidas é certo, e ele fará cumprir dentro do seu tempo perfeito.

O EFEITO DO TESTEMUNHO DE JOSÉ

O testemunho de José fez com que as pessoas ao redor dele começassem a levar Deus em conta. Sua ousada solução, ao que fora previsto pelos sonhos de Faraó, foi de maiores impostos. Ele recomendou que Faraó designasse um homem confiável e sábio para supervisionar o programa de alívio da fome, que envolveria tomar e armazenar cerca de 20 por cento da boa colheita. Então, quando viesse a fome, o governo teria os recursos para vir de encontro às necessidades das pessoas. Tal abordagem pode ou não representar uma sabedoria universal quanto ao modo de tratar o ciclo econômico de fartura e escassez. O que José sugeria seria, sem dúvida, nada popular e um pesadelo para as relações públicas desde o começo. Contudo, a resposta de Faraó a esse plano audacioso foi imediata: “Acharíamos, porventura, homem como este, em quem há o Espírito de Deus?” (Gn 41.38). A fé em Deus que José mostrava era contagiosa e teve impacto até mesmo sobre Faraó.

Realmente notável, é claro, foi que encontrássemos surpreendente tal ideia. Somos pessoas de tão pouca fé que raramente acreditamos que aquilo que

dissermos fará diferença, particularmente quando falamos a descrentes endurecidos, ou dizemos às pessoas algo que achamos que elas não vão querer ouvir. Isso se aplica tanto às oportunidades que temos de compartilhar nossa fé quanto, mais amplamente, compartilhar sabedoria bíblica em nossa vocação de âmbito maior. Frequentemente, escolhemos ficar calados quanto à nossa fé nas situações em que deveríamos falar, porque não esperamos resposta positiva das pessoas a nossas palavras. Temos nos esquecido do papel de Deus na equação. Faraó não respondeu à força do argumento intelectual de José ou à sua retórica apaixonada. Deus estava operando soberanamente no coração de Faraó, confirmando a verdade das palavras de José, de modo que viu imediatamente que a sua proposta fazia perfeito sentido. Poderá Deus também estar operando nos corações e nas vidas de algumas das pessoas em nossa volta, preparando-as para ouvir nossas palavras, para que realmente elas recebam a verdade com inesperada alegria e felicidade? Com certeza não seria a primeira vez!

Assim como Potifar tinha colocado José sobre toda a sua casa porque viu que Deus estava com ele, agora Faraó colocou-o sobre todo o Egito, com as vestes e os adornos que acompanhavam seu novo *status*. Deu a José um novo nome egípcio, Zafenate Panea, que provavelmente significa “Deus vive e vê” — mais um reconhecimento do Deus de José. Deu também a ele uma esposa egípcia, Asenate, filha de Potifera, sacerdote de Om. As roupas da prisão foram substituídas por linho fino e correntes de ouro. A família que José perdera em Canaã foi substituída por uma nova família no Egito. As acusações falsas que tinham levado à sua humilhação pública foram agora substituídas por proclamações que levaram à aclamação pública. A sua posição de falta de poder na cadeia foi substituída por um papel de grande poder à destra de Faraó. Finalmente, o seu sonho impossível de pessoas vindo se inclinar diante dele começou a se cumprir quando Faraó decretou que alguém iria diante de José por onde ele andasse, clamando: “*Abrek!*” — uma palavra egípcia que significa algo como “Abram o caminho!” ou “Inclinem-se!”. Talvez José estivesse esperando muito tempo para seus sonhos começarem a virar realidade.

Tudo aconteceu exatamente conforme José havia dito. Sob sua direção, o Egito armazenou grãos durante os sete anos de ceifas excepcionalmente grandes, que se tornaram “como a areia do mar”, de modo que era impossível até mesmo contabilizar corretamente a quantidade total (Gn 41.49). Então, durante a escassez dos sete anos seguidos, os egípcios não somente tinham grãos suficientes para si mesmos como também para vender às nações à sua volta. À medida que representantes de muitas nações se juntaram aos egípcios ao se curvar diante de José, o palco estava preparado para os seus irmãos entrarem novamente em sua vida.

ESQUECEDOR E FRUTÍFERO

O que estaria passando pela cabeça de José durante o tempo de grande fartura? Será que ele parou para refletir sobre o que Deus estaria fazendo em sua vida, perguntando-se como as coisas estariam lá em sua casa de origem? O texto nos diz que José pensava nisso pelos nomes que deu aos dois filhos nascidos durante esse tempo. Em Gênesis 32, os nomes que Raquel e Lia deram aos filhos revelava o pensamento dos seus corações durante aquela fase de suas vidas. Aqui também, os nomes dados por José a seus meninos, bem como a razão por trás desses nomes revela o seu pensamento. Chamou o primogênito de Manassés porque “Deus me fez esquecer de todos os meus trabalhos e de toda a casa de meu pai” (Gn 1.51), e chamou o segundo Efraim, “Deus me fez próspero na terra da minha aflição” (41.52).

O que revelam esses nomes? Primeiro, os dois nomes afirmam que Deus estaria fazendo algo na vida de José: Deus o fez esquecer, e o tornou frutífero. Será que a falha em lembrar essa verdade não é um dos constantes problemas da vida? Estamos convencidos de que estamos realizando as coisas (quer boas ou más) e que outros estão fazendo coisas (quer a nosso favor quer contra nós), mas muitas vezes nos esquecemos da verdade que está sobre todas as coisas, de que Deus é ator principal de nossas vidas, dando-nos formas de modo particular de acordo com os seus próprios propósitos. Os dois filhos de José não eram acidentais, assim como não eram acidentais os dois sonhos de Faraó ou os dois

anos adicionais em que José permaneceu na prisão: foram o meio pelo qual Deus fazia alguma coisa em sua vida.

Da mesma maneira, em nossas vidas hoje em dia, Deus está dando forma a tudo: ao que é dor, assim como ao que é alegria, para realizar seus propósitos providenciais em nós e por nosso intermédio na vida dos outros. José entendia isso, e era crucial a sua paz e sua fé no meio de circunstâncias esmagadoras.

Segundo, não perca a ironia de ele ter chamado o filho de “Esquecido”. Entendemos por que José iria querer esquecer os seus sofrimentos, mas os nomes e seus significados são sempre lembrados. Chamar seu filho de Manassés, na verdade, assegurou a lembrança perpétua da sua declaração de esquecimento! Como se pode constantemente lembrar que tenha esquecido alguma coisa? Acho que isso nos dá uma perspectiva diferente do que significa realmente “esquecer-se” de lembranças doloridas. Talvez você esteja lutando com a realidade de acontecimentos que mudaram sua vida e que você não consegue esquecer. Essas podem ser lembranças de pecados terríveis que outras pessoas cometeram contra você. Alternadamente, os seus próprios pecados e suas decisões erradas podem estar assombrando continuamente, como um sonho mau. Além do mais, essas lembranças dolorosas do passado continuam a afetar o modo como respondemos aos acontecimentos e situações do presente. Vemos as pessoas e os relacionamentos que nos cercam atualmente através da lente dos eventos intensamente dolorosos de nosso passado, com o resultado de caos e tumulto em nossas emoções e reações. Amigos bem-intencionados dizem que simplesmente devemos deixar essas coisas para trás e ir adiante. Mas, como recuperar e “deixar para trás” traumas tão terríveis? Como nos esquecer? Não podemos simplesmente apagar o passado do banco de memórias por um ato da vontade como se reformatássemos o disco rígido de um computador. Nem José conseguiria.

O que José fez ao dar o nome de Manassés a seu filho foi reformular o significado do passado, colocando-o no contexto do que Deus estava fazendo em sua vida. O seu filho tornou-se testemunho permanente do poder de Deus

de redimir o passado. É claro que José não poderia jamais esquecer completamente sua experiência de sofrimentos nas mãos de seus irmãos ou no Egito. Porém, dali em diante ele lembraria através da lente da presença de Deus, com ele no meio de sua dor, e da fidelidade de Deus ao conduzi-lo finalmente desse sofrimento para a prosperidade. Utilizando uma imagem do profeta Joel, o Senhor cumprira sua promessa de “Restituir os anos que foram consumidos pelo gafanhoto migrador” (Jl 2.25). Na situação particular de José, as vacas magras da aflição foram consumidas pelas vacas gordas da providência de Deus.

Deus deu a José a graça de colocar suas provações e seus sofrimentos passados em um novo contexto redentivo. As marcas das feridas permaneceram em sua vida e nunca seriam esquecidas, mas essas cicatrizes haviam sido incorporadas de forma bela no modelo intrincado da graça de Deus na sua vida, e José estava decidido a não se esquecer disso. O mesmo acontece conosco. Não nos esquecemos simplesmente de uma experiência de sofrimento que muda a vida. Não podemos. As cicatrizes nos marcam indelévelmente, para o resto de nossa vida. No entanto, o que Deus faz por sua graça é tomar aquelas feias feridas e reformulá-las em uma bela parte da tapeçaria de propósito e bênção que está tecendo em sua vida. Ele pode sobrepujar as memórias doloridas do passado com a maravilhosa memória de sua maior fidelidade e graça para com você no meio de todas as suas dores, com a segurança de que até mesmo o pior sofrimento redunde em glorioso bem.

Como é que acontece essa reformulação de nossas lembranças dolorosas? O nome que José deu a seu segundo filho, Efraim, dá uma dica. José explica: “Deus me fez frutífero na terra da minha aflição.” Deus não promete necessariamente livrar-nos *para fora* da terra de nossa aflição, embora seja isso que queremos e por que geralmente oramos. Estou certo de que José tenha orado repetidamente pedindo ser tirado da cova e restaurado à sua família em Canaã. Em vez disso, o propósito de Deus para ele ser frutífero foi formado precisamente *na* terra da aflição, no Egito, onde Deus o usou para ser bênção aos que estavam à sua volta, finalmente salvando muitos da fome e da morte.

Do mesmo modo, muitas vezes é na terra de nossa aflição que o Senhor nos torna frutíferos, em nós mesmos e nas vidas de outros ao nosso redor. Tipicamente, queremos que Deus nos torne em fina porcelana decorativa, sentados confortavelmente em uma cristaleira e admirados por todos. Em vez disso, ele nos torna serviçais cântaros de água que levam lascadas e arranhões e amassados pelo uso repetido. É assim que nossos sofrimentos produzem perseverança, caráter e esperança em nós (Rm 5.3-5). É também a forma como ele nos torna úteis ao próximo que também tem seus sofrimentos e dificuldades para suportar.

AQUELE QUE É VERDADEIRAMENTE FRUTÍFERO

Contudo, José nunca é apenas um modelo do qual aprendemos com essas histórias. Nos seus sonhos originais, lá em Gênesis 37, Deus deu a ele uma visão na qual toda a criação vinha e dobrava o joelho diante dele. Em certo sentido, seus irmãos estavam corretos ao ver isso como expressão de uma realidade muito maior do que o irmãozinho jamais poderia cumprir. José foi uma sombra precursora de um libertador muito maior que viria. Antes que ele pudesse começar a cumprir o chamado para ser um salvador-sombra, teve de suportar sofrimentos repetidos e duradouros, que deixariam cicatrizes permanentes. Mas depois dessa dolorosa preparação, Deus o usou como bênção às nações. Neste capítulo, o ministério de José é descrito em termos que apontam de volta à promessa abraâmica: os montes de grãos “como as areias do mar” (Gn 41.49), uma clara alusão à bênção dada a Abraão em Gênesis 22.17 e repetida a Jacó em Gênesis 32.12. José foi frutífero e multiplicou na terra de sua aflição, com o resultado de ser bênção doadora de vida às nações, primeiro ao Egito e depois para toda a terra. Todos quantos abençoaram-no e se ajoelharam diante dele foram abençoados e receberam vida. Se recusassem-se a inclinar-se perante ele, inevitavelmente morreriam de fome.

Desta forma, José apontou para além dele mesmo, para o verdadeiro Messias, que ainda estava para vir. José apontou adiante para o Cristo, que seguiu o mesmo modelo de sofrimento e então exaltação e aclamação pública.

Jesus não era meramente segundo na linha por trás do Faraó egípcio. Ele era, e é, Rei dos reis e Senhor dos Senhores, aquele diante de quem todo joelho se dobrará e toda língua confessará que é o Senhor.

No entanto, este perante o qual todas as nações se curvarão aprendeu também a obediência por meio do que sofreu, e tornou-se frutífero, precisamente por meio de suas aflições, pois o seu sofrimento na cruz traz-nos vida, saúde e paz.

É impressionante que o corpo ressurreto e glorificado de Jesus ainda tenha as cicatrizes do sofrimento: ainda estão as marcas dos pregos e da ferida do seu lado. Por que o Pai não curou essas feridas na ressurreição, para que o corpo restaurado de Jesus estivesse sem cicatrizes? É porque estas cicatrizes que falam do sacrifício de dor se tornam mais belas pelo fruto que produzem para os propósitos redentivos de Deus. Jesus jamais esquece a cruz e seus profundos sofrimentos nas mãos de seus irmãos. Nem ele se esquecerá do fruto nascido desse sofrimento: uma nova família de homens e mulheres, de todas as tribos e nações, que agora recebem nova vida das suas mãos. Deus fez com que a terrível aflição produzisse maravilhosos frutos, e aquelas cicatrizes indeléveis falam agora permanentemente da indelével graça.

Assim como a exaltação de José não era somente para ele, a exaltação de Jesus conduz a bênção para todas as nações, se elas vierem e dobrarem o joelho perante ele. Ele mesmo é o verdadeiro pão do céu, aquele cujo corpo quebrado é fonte de toda a vida. Ele convida a todos os que têm fome para que venham e comam, e aos que estão sedentos, para que venham a ele e bebam. Jesus não vende o seu produto para quem dá mais: ele o dá livremente a todos os que não têm dinheiro para comprá-lo. A salvação que ele oferece não é baseada em desempenharmos determinado número de boas obras ou jurar deixar de todos nossos maus hábitos. É-nos dada livremente, gratuitamente. Apenas temos de vir a Jesus como um refugiado incapacitado, em busca de alimento. Aproximamo-nos com mãos vazias, nada tendo para oferecer, pedindo a Jesus que dê sua perfeita justiça, de que precisamos para nos apresentar diante de

Deus. Todos os que vêm a ele nesses termos serão bem-vindos a seu reino e jamais serão mandados embora. O Pai jamais se esquece daqueles por quem Cristo morreu.

Ainda mais, quando Deus entra em sua vida, ele o faz esquecer seus sofrimentos e o torna frutífero nesta terra de aflições. Ele nos capacita por nossas dores e dificuldades, passadas e presentes, no contexto da gloriosa herança que ele preparou para todos aqueles que o amam e foram chamados segundo seu propósito. Ele usará todas as provações e os desafios que traz à nossa vida para fazer crescer nosso amor, nossa esperança e fé. Também os utilizará para desenvolver o anseio por nossa verdadeira pátria, lugar onde todas as nossas lágrimas finalmente serão limpas e esquecidas, onde todos os nossos corações serão finalmente curados, e onde a plena colheita da obra redentiva de Deus em nossa vida será finalmente revelada. Este mundo não é nosso lar. Esta é a terra de nossa aflição. Deus pode nos tornar frutíferos aqui, e o fará por sua graça. Mas jamais deveremos nos esquecer de que há outra terra prometida por Deus para seu povo, terra sem aflição e dor, onde ele nos aguarda, mesmo agora, e nos receberá para sempre.

PARA REFLETIR

1. Como a elevação de José foi paralela à sua humilhação?
2. A despeito do sofrimento e dos sonhos ainda não realizados, José permaneceu confiante em Deus. Isto é verdade para você também? Ou você responde chamando atenção para a injustiça de seu sofrimento e do reconhecimento que você merecia receber?
3. Com base na revelação de Deus, José ousadamente propôs um plano para abençoar o governante e o povo do Egito. Será que Deus tem provido a você oportunidades e sabedoria para abençoar a outros, fazendo e sugerindo seus planos?

4. A vida de José, de doloroso preparo, o predispôs a estender bênçãos doadoras de vida. Como a vida e obra de José anteviram a vida e obra de Jesus? Como a preparação na dor o tem preparado para transmitir bênçãos ao próximo?
5. Como Cristo nos faz esquecer de nosso próprio sofrimento e frutíferos em nossa presente vida de aflição?

REUNIÃO OU RECONCILIAÇÃO?

(Gênesis 42)

Reuniões de famílias, amigos ou colegas de escola podem ser tempos de alegria e celebração incríveis. Existe uma empolgação maravilhosa ao comparar como os primos cresceram depressa e lembrar os bons tempos passados — até mesmo um perverso prazer em ver qual cintura expandiu mais rapidamente com o passar dos anos desde a última vez que nos vimos. Outras vezes, porém, a interação renovada com membros da família ou amigos há muito tempo afastados pode ser irritadiça, desajeitada e danosa, porque as reuniões não são o mesmo que a reconciliação. Podemos estar juntos sem realmente estar unidos. Essa é uma razão pelas quais as grandes festas de fim de ano muitas vezes provocam sentimentos de ansiedade, depressão e desespero, em vez de deleite. Gênesis 42 traça a história de uma reunião que está a caminho de tornar-se uma reconciliação.

Este ponto da virada na vida da família de José é realmente apenas a primeira porção de uma unidade muito maior que se estende desde o capítulo 42 até o final do capítulo 45. Mesmo nesse ato de abertura da história maior, porém, obtemos um retrato profundo de diversas facetas da reconciliação.

A FAMÍLIA

Nos vinte anos depois que os irmãos venderam José, as coisas em casa não melhoraram. Gênesis 42 abre com Jacó latindo para os filhos: “Vão arranjar comida, seus preguiçosos imprestáveis!” (veja os versículos 1-2). Os homens que foram tão engenhosos em se livrar do desprezado irmão mais novo não tinham nenhum plano para salvar as suas famílias do lento enfraquecimento devido à fome na terra.

Da sua parte, Jacó continuava no jogo de escolher favoritos, mantendo o único irmão por parte de pai e mãe de José, Benjamim, junto a ele enquanto os outros foram ao Egito, porque “temia que lhe acontecesse algum desastre” (42.4). Aquele maravilhoso cuidado paternal por Benjamim comunicava aos outros irmãos que eles eram consumíveis. É claro que outra coisa podia também estar no fundo do pensamento de Jacó. Tendo duas décadas para pensar nas circunstâncias do desaparecimento de José, Jacó talvez tivesse ficado bastante suspeito quanto à história contada pelos irmãos sobre o que exatamente acontecera em Dotã.

Não pode haver reconciliação a não ser que tenha havido relacionamento quebrado. Todos temos relacionamentos quebrados, portanto, estamos começando bem. Todos nós pecamos e ferimos a outros, e todos nós sofremos por outras pessoas pecarem contra nós e nos ferirem. A família de Jacó estava transbordando de relacionamentos quebrados. Existe muita matéria bruta a ser transformada pela graça de Deus. Jacó pecou contra seus filhos ao favorecer José em detrimento dos demais. José pecou contra seus irmãos por sua arrogância e falatório. Os irmãos pecaram contra Jacó e José fazendo com que este desaparecesse. Não existem partes inocentes na vida, porque todos nós pecamos contra o próximo, e todos nós sofremos pelo pecado de outros contra nós. A questão não é se nossos relacionamentos estão quebrados, mas o que fazer com esses relacionamentos quebrados.

Alguns lidam com relacionamentos quebrados como fez José. Quem sabe você esteja inteiramente contente em manter incontáveis quilômetros entre você e a pessoa de quem está desafeiçoada. José acabou muito longe de casa contra sua vontade, mas mesmo quando ele foi elevado à vice-presidência do Egito, não fez nenhum esforço para conectar-se novamente com sua família. Mesmo que não pudesse deixar o Egito, com certeza poderia ter mandado um mensageiro. Pelo contrário, José deu nome ao primeiro filho de Manassés, “Esquecido,” procurando esquecer as dores do passado na casa de seu pai. Para alguns, essa é a extensão dos nossos desejos: só queremos esquecer.

Porém, não podemos simplesmente nos esquecer de alguns de nossos relacionamentos quebrados. Em alguns casos, como o de Jacó e seus sediciosos filhos, não dá para fugir um do outro. Estamos presos na mesma repartição, no mesmo lar, no mesmo casamento. Uma delicada dança é feita para manter quanto for possível uma distância emocional da outra pessoa, enquanto fisicamente ainda ocupamos o mesmo espaço, enquanto os dias, meses e anos vão se moendo devagarzinho. Suas orações ecoam a velha canção dos Meatloaf: “[Eu estou] Orando pelo fim do tempo pra que eu consiga acabar meu tempo com você.”¹ Em qualquer caso, quer você esteja fisicamente distante da pessoa com a qual está desafeiçoado, quer preso no mesmo local que ela, há muito você perdeu toda esperança de verdadeira renovação do relacionamento. Parece impossível imaginar, totalmente fora de sua capacidade de realizar.

O ENCONTRO

Em muitos casos, essa é uma avaliação acurada: a reconciliação está completamente fora de nosso controle. De fato, o segundo grande ponto de virada em nossa história, o encontro de José e seus irmãos, acontece quase inteiramente por meio de forças de fora de si mesmo. Deus enviara a fome a Canaã e ao Egito, deixando os irmãos vir de longe procurar por alimentos (Gn 41.57). Além do mais, ele mandou avisos dessa fome que viria por meio dos sonhos de Faraó, para que José pudesse interpretá-los, ser promovido a mão direita de Faraó e desenvolver um plano de sobrevivência à fome armazenando os grãos (41.1-44). Assim, no versículo 6, vinte anos após a traição por parte dos irmãos, estes foram ao Egito e se curvaram diante de José, exatamente como os sonhos que desencadilharam a explosão em primeiro lugar. Sem dúvida veremos aqui um toque do humor de Deus. Lutar contra os planos de Deus nunca dá certo.

Contudo, fica também claro que Deus estava providenciando este encontro. Era uma oportunidade, não apenas para uma reunião, como também para reconciliação. Podemos facilmente ter um sem ter o outro. Precisamos apenas garantir que tia Susan e tio Edmundo fiquem sentados em lados opostos na

mesa do dia de ação de graças. Diferente de uma reunião, porém, a reconciliação só pode fluir de uma mudança de coração de todas as partes envolvidas. Há necessidade de perdão onde fomos feridos e arrependimento por aquilo em que ferimos outra pessoa. No desenrolar da reunião, começamos a ver os frutos dessas mudanças de coração tanto em José quanto em seus irmãos.

A BONDADE DE JOSÉ

Primeiro, note que José não disse aos irmãos “Eu não te disse! Deus me falou que eu seria o maioral, e aqui estou eu!” Depois de completar o programa de Deus de treinamento em humildade durante treze anos, José realmente aprendeu sua lição. Note também como o versículo 9 destaca o fato de que José *realmente* se lembrou de que havia sonhado e se gabado. Uma década mais tarde, no final de seus vinte anos, ele não se jactou, mas tentou virar sua interpretação favorável do sonho do copeiro para sua própria vantagem (Gn 40.14).

Ironicamente, foi no auge de sua elevação que José finalmente deu o pulo do interesse próprio para uma atitude de serviço. Após interpretar o sonho de Faraó, sugeriu um plano de ação para proteger as vidas dos outros da escassez que viria. Pouco antes de se tornar a segunda pessoa mais poderosa do Egito, ele finalmente aprendeu a pensar no próximo antes de pensar em si mesmo. Portanto, Deus o trouxe em círculo completo para uma segunda chance com aqueles primeiros sonhos fatídicos. Desta vez, José não se vangloriou; em vez disso, pôs em movimento um plano de ação para proteger as vidas de sua família da fome que estava para vir. Afinal, o segundo sonho ainda não tinha sido cumprido. Naquele sonho, o sol, a lua e *onze* estrelas se curvaram diante dele (37.9). Porém, nem seus pais (o sol e a lua do sonho) nem todos os onze irmãos estavam ainda ali.

Mesmo a prova que José deu a seus irmãos demonstrava incrível misericórdia. Ele amainou sua exigência de que os nove irmãos servissem como reféns enquanto trouxessem Benjamim de Canaã para um único irmão refém. O grupo maior retornaria a Canaã com a capacidade de levar significativamente maior quantidade de grãos para alimentar as suas famílias. Além dos grãos, José

deu-lhes provisões adicionais para a jornada e secretamente recolocou seu dinheiro de volta em seus sacos (Gn 42.25). Nessa altura, faltavam ainda mais de cinco anos para a prevista fome de sete anos. Os irmãos não sabiam disso, mas José estava generosamente provendo em segredo pelas necessidades das suas famílias.

A RUDEZ DE JOSÉ

José não teria sido também um tanto rude com seus irmãos? Os versículos 9-17 parecem cenário de interrogatório num filme sobre um crime, com ele no papel de policial mau. Quatro vezes José os acusa de serem espiões (42.9, 12, 14, 16). Tudo que foi necessário para completar a cena era um castiçal de velas bruxuleantes pendurado do teto do calabouço úmido. Em suas respostas, podemos ouvir os irmãos quebrar sob a pressão. Então, no verso 17, José manda que eles sejam jogados na prisão. Isso é um tratamento um tanto grosseiro. Será que José estaria resolvendo desferrando-se de velhas questões e se deliciando com um pouco de vingança? Já vimos que ele não era perfeito. No entanto, quaisquer que fossem os motivos sombrios que estavam em jogo na rudez com que os tratou, havia muito mais do que retribuição.

Uma parte do propósito da interrogação que José fez foi para obter informações. Onde estavam Jacó e Benjamim? Estariam ainda vivos? Não perca a ironia na resposta que deram quando proclamaram com desespero: “Somos homens honestos” (Gn 42.11). Se conhecessem a verdadeira identidade de José, teriam sabido que essa linha de argumentação não era sua mais forte defesa. Logo os irmãos entraram em pânico: “Somos uma família de doze irmãos... o caçula está com nosso pai, e, hã... o outro não existe mais. Não sabemos o que aconteceu com ele” (veja o versículo 13). Isso deve ter fechado completamente a cara de José. O irmão que eles achavam que “não existia mais” estava ali, bem na frente deles.

Além disso, os versículos 7 e 8 realmente enfatizam o abismo de conhecimento entre José e seus irmãos. José os reconheceu, mas os tratou como estranhos. Ele os reconheceu, mas eles não o reconheceram. Claro que isso não

era de surpreender. Quando viram-no pela última vez, ele contava 17 anos. A essa altura, ele teria uns 37. Naquela época, José teria o começo de barba adolescente e se vestia como seus irmãos. Agora ele estava de barba feita e vestia finas roupas egípcias.

Porém, estava acontecendo ali algo mais fundamental. “Reconhecer” e “tratar como estrangeiro” traduzem ambos o mesmo verbo no hebraico. Este verbo é empregado quatro vezes nos versículos 7 e 8. O grande ponto de virada em toda a sua vida até então tinha sido quando os irmãos se recusaram a reconhecê-lo como irmão, e em vez disso, o trataram não só como estranho, mas como inimigo.

O TESTE

A grande questão de José neste ponto era: “Será que meus irmãos realmente mudaram?” Romper falando em hebraico e perguntar de cara se estavam arrependidos pelo que fizeram não teria dado certo. Agora que José era a segunda pessoa mais importante do Egito, eles teriam respondido qualquer coisa que ele exigisse. Nessa altura, isso seria em seus melhores interesses, assim como a traição anterior tinha sido para os próprios interesses dos irmãos. Mas, o que se daria algum dia se tivessem de enfrentar outra situação quando fosse do interesse deles trair e abandonar um irmão? Será que desta vez reconheceriam um irmão com necessidades? Ou, quando a pressão estivesse mais forte, será que novamente tratariam o irmão como estrangeiro e inimigo? Nos próximos capítulos, José elabora três testes para descobrir se seus irmãos na verdade mudaram.

José entendia a diferença entre perdão e reconciliação. A razão pela qual alguns entre nós lutamos para perdoar a outros é que não entendemos que o perdão e a reconciliação não são a mesma coisa. Perdoar não significa fingir que nada aconteceu. Um exemplo extremo: se o seu pai o molestou, você pode perdoá-lo. Porém, isso não quer dizer que seria sábio da parte de quem foi molestado confiar nele. Com certeza os seus próprios filhos não deverão passar o final de semana sozinhos com o vovô. A verdadeira reconciliação envolve

uma reconstrução de confiança da parte de ambos os lados do relacionamento quebrado, quando os dois lados se aproximam um do outro com perdão e verdadeiro arrependimento. José podia ter perdoado seus irmãos, mas será que ele poderia confiar neles? O primeiro teste foi sua exigência de que um dos irmãos permanecesse na prisão no Egito enquanto os outros buscariam Benjamim, a fim de provar sua honestidade (42.18-20).

Quase imediatamente, o teste de José começou a dar evidência de mudança verdadeira nos irmãos. Eles disseram “Na verdade, somos culpados, no tocante a nosso irmão, pois lhe vimos a angústia da alma, quando nos rogava, e não lhe acudimos; por isso, nos vem esta ansiedade” (42.21). Note o paralelismo que os irmãos reconheceram. Por meio do seu sofrimento, eles finalmente passaram a entender o sofrimento que haviam infligido sobre José. No passado, José tinha sido diferente deles: ele era o favorecido, o sonhador, o talentoso. Agora, ao experimentar similar sofrimento, começaram a vê-lo como sofredor como eles. O sofrimento pode ter um efeito poderosamente humanizante sobre nossos mundos tão autocentrados.

Há limites ao paralelo, é claro: José não havia feito nada antes para merecer seu sofrimento senão que era um menino mal-educado e servil, enquanto agora Deus os estava punindo justamente por sua traição atroz ao seu irmão. À luz disto, o versículo 22 é um tanto dissonante. Enquanto os corações dos irmãos eram abatidos pelo sentimento de culpa, Rúben parecia isentar-se, porque não tinha sido sua ideia vender José — quem sabe, para evitar servir como refém. A essa altura, José teve de se ausentar da sala, pois não conseguia conter suas emoções. Junto à primeira confissão de pecado dos irmãos, esta era provavelmente a primeira dica a José de que Rúben, o primogênito, tinha originalmente se oposto à trama que os outros engendraram contra ele. A incapacidade de José de limitar o jorro de reações emocionais pode explicar tanto por que ele, quanto por que nós procuramos reconciliação com algumas pessoas. Muitos de nós não queremos rever velhas feridas depois de tentar tantas vezes, como José, esquecê-las e botá-las para trás. Há um preço a pagar

quando revemos velhas experiências: as feridas antigas são reabertas, velhas dores voltam a latejar, e muitas lágrimas serão derramadas. Não há reconciliação sem alto custo.

Recuperando sua compostura, porém, José voltou, pôs Simeão na cadeia como refém e mandou o resto dos irmãos a caminho de casa, cheio de grãos e provisões abundantes. Ele também restaurou-lhes secretamente sua prata (42.25). Essa bondade escalonou ainda mais a prova. Imagine o cenário no primeiro ponto de parada, quando reabasteciam seus jumentos, e um dos irmãos encontrou na sacola o seu dinheiro. Agora esses “homens honestos” estavam parecendo não ter pago pelo que compraram. No resto do caminho de volta a Canaã, eles estariam olhando o retrovisor para ver se uma carruagem não apareceria com luzes lampejantes de algum policial egípcio. Isso aumentou mais ainda o teste da lealdade desses irmãos. A fim de reconquistar a liberdade de Simeão, tinham necessidade de retornar com Benjamim, sabendo serem suspeitos de serem ladrões. José estava criando um teste que espelhava o comportamento traidor que tiveram com ele. Os irmãos haviam tratado José como estranho, trocando a vida dele por prata. Será que agora eles demonstrariam arrependimento e corações transformados, ou levariam o dinheiro e simplesmente fugiriam?

O OBSTÁCULO

Depois de descobrir o dinheiro nos sacos de cada um, a questão do que deveriam fazer em seguida ficou esperando até eles chegarem em casa. Quando os irmãos “... lhe contaram tudo o que lhes acontecera” (Gn 42.29), eles maquiaram os detalhes mais alarmantes do rude tratamento que sofreram, os três dias na prisão, e o fato de Simeão ter ficado preso. Até mesmo terminaram a história dando a impressão de que estavam prestes a negociar termos favoráveis de mercado (42.34). Porém, o quadro rosado foi rapidamente desenredado quando começaram a abrir a bagagem. Perceberam que não somente um, mas todos os irmãos, ainda tinham o seu dinheiro. Talvez compreensivelmente, as piores suspeitas de Jacó foram confirmadas. Aqui estavam eles, mais uma vez

faltando um irmão, com uma história incrível, cheios de dinheiro vivo. Será que seus filhos estariam jogando, como em algum *show* deturpado de realidade da televisão em que cada semana um novo irmão é votado a sair da ilha e vendido como escravo? As suspeitas de Jacó não eram mais veladas, quando os acusou no versículo 36: “Vocês me privaram de meus filhos: José não existe mais e Simeão também não está mais aqui.”

O que quer que tenha acontecido lá no Egito, Jacó estava cada vez mais confiante de que sabia quem eram os responsáveis. Portanto, ele decidiu cortar as perdas, abandonando qualquer esperança de recuperar Simeão, e recusando-se a deixar que Benjamim fosse. Ao fechar o capítulo, voltamos a uma situação muito conhecida, desta vez tendo Jacó como obstáculo à reconciliação da família. Ainda estamos esperando e indagando o que vai acontecer. José está esperando e indagando se seus irmãos realmente mudaram. Simeão aguardava na prisão, perguntando a si mesmo se alguém viria resgatá-lo. Os irmãos estavam esperando e se perguntando se conseguiriam voltar para buscar Simeão. Vez após vez na história de José, encontramos a dolorosa realidade da esperança deferida.

Talvez seja apropriado enfrentar aqui a dolorosa realidade, enquanto Deus começa a fazer acontecer a reconciliação desta família dentro do próprio cronograma. A verdade é que muitos de nós vivemos, às vezes anos a fio, com as esperanças de reconciliação constantemente deferidas. Pode haver muitas razões. Algumas dessas razões podem até ser boas, enquanto outras estão erradas. Algumas razões são sábias, e outras tolas. Alguns fatores estão sob nosso controle, enquanto outros não estão.

AS BOAS-NOVAS

Somos pessoas profundamente falhas, contra quem as pessoas pecaram, e nós mesmos temos ferido uns aos outros. Ansiamos desesperadamente vencer a vergonha de nossos pecados contra o próximo e a dor dos pecados de outros contra nós. Ao mesmo tempo, frequentemente vemos apenas uma reconciliação horizontal, olhando para as outras pessoas. Quando nossa visão se

limita a nossas interações uns com os outros inevitavelmente acabamos enfrentando o grande abismo do pecado — nosso e de outros — que se põem entre nós.

Porém, percorrendo a história da família de José — como também de toda a Bíblia e de toda a história — está a profunda verdade do evangelho. A verdade é que nossa situação é bem pior e muito melhor do que podíamos imaginar. É muito pior do que pensávamos porque as coisas que fazemos uns aos outros evidenciam nosso relacionamento quebrado com Aquele que nos criou, que cuida de nós e sustenta nossa própria vida. O grande ponto de virada na autoconsciência desses irmãos veio quando começaram a ver que o mal que fizeram contra José era primeiramente e acima de tudo um pecado contra Deus e merecedor de sério castigo. Ao mesmo tempo, nossa situação é muito melhor do que poderíamos imaginar porque o Deus a quem ofendemos já nos reconciliou a si mesmo.

Se Deus estivesse primariamente interessado em pagar de volta os irmãos de José pelo pecado que cometeram, por que não deixá-los em Canaã para morrer de fome? Mas não era este o seu plano. Muito antes de eles terem reconhecido a culpa, o Senhor já havia posto em andamento o plano para salvar suas vidas. Mais impressionante, sua salvação estava ligada ao fato de Deus usar o pior pecado que haviam cometido para realizar os seus propósitos de salvação. A traição do mais amado filho do seu pai, que levou a sua escravatura, sofrimento, humilhação e prisão injusta, tornou-se meio pelo qual Deus o levantou a uma posição de poder e influência para a salvação de muitas vidas.

Como um cômodo pode ser aceso para que se veja pela porta a sombra de alguém sobre a parede antes mesmo dela entrar, assim José foi sombra para a vinda, muitas gerações mais tarde, de seu sobrinho distante, Jesus. O Filho, raio de fulgor amado do Pai, tornou-se nosso irmão a fim de sofrer injustiça, humilhação e morte por nossas mãos, por nosso pecado. Então Jesus ressuscitou da morte e foi exaltado à mais alta posição. De lá ele nos concede vida nova, o Espírito, e a esperança da ressurreição.

Diferente de José, Jesus não esperou até ser instigado pelas circunstâncias a procurar a reconciliação conosco. Jesus, o Pai, e o Espírito Santo agora e desde o começo de todo o tempo sabiam exatamente como endireitariam o que tínhamos de erro e desfariam nossa maldade. Sobre a cruz, Jesus sofreu a pena por nosso pecado e a vergonha de nosso sofrimento, enquanto o Espírito agora aplica a todos nós os benefícios de sua unidade absoluta com o Pai. Sendo assim, quando Jesus nos chama a crer nele, é o chamado para reconhecê-lo como nosso irmão, em tudo semelhante a nós, mas sem pecar, e como nosso Senhor, que reina sobre nós para nossa proteção, nosso bem e nossa alegria. O Espírito nos dá a própria fé para crer. E quando Jesus prova nossos corações mediante as provações e decepções da vida, não é para descobrir uma resposta a nosso respeito que ele não conheça, mas para revelar a nós o crescente fruto da nova vida que ele plantou em nós.

RECONCILIAÇÃO

O que isso tem a ver com todas essas pessoas com as quais não consigo me dar bem? Como isso fala a meu relacionamento com a pessoa que não consigo suportar, que não consegue endireitar, com a qual não posso renovar a amizade, a despeito de todos os meus melhores esforços? Por Cristo, acessamos os blocos para edificar a reconciliação: a confissão do nosso pecado, arrependimento e perdão dos pecados de outros. Porque meu pecado foi pago por Cristo, posso confessá-lo livremente e não ser mais esmagado por ele. Não preciso negar meu pecado ou minimizá-lo. Porque Cristo me deu seu Espírito que transforma o coração, posso começar a me arrepender, abandonando meus pecados habituais que sempre acabam ferindo meu próximo. Porque Cristo é o Senhor e Juiz, posso confiar a ele o juízo certo daqueles que pecaram contra mim e me feriram.

Jesus não somente nos deu os blocos de construção da reconciliação, como também um lugar onde aprender a usá-los: a comunidade dos crentes, a igreja. Esta é como a pré-escola no processo de reconciliação. Não é sempre lugar tranquilo e confortável em que estar. Um dos blocos pode ser jogado pelo outro

lado da sala, ou uma criança pode usar um desses blocos para bater a cabeça de outra. Podemos virar até mesmo a confissão, o arrependimento e o perdão para finalidades autosservidoras. Mas aos trancos e barrancos que acontecem no percurso, estamos aprendendo as habilidades de que tanto precisamos, para que saíamos ao mundo curando, construindo e renovando o próximo.

Mas, talvez você diga, é exatamente esse o problema. Algumas dessas pessoas com quem desejo mais crescer em afeto são crentes como eu. São outros cristãos com os quais ainda luto para reconstruir confiança, amizade e comunhão. *Exatamente!* Todos nós estamos no meio da história. Todos nós, de certo modo, em alguns relacionamentos, estamos vivendo no hiato do final do capítulo 42. Todos nós estamos esperando clímax e resolução, não somente de nossas próprias histórias pessoais, como também da grande história da reconciliação que Deus fará de todas as coisas em Cristo. Podemos sentir nesta vida ocasionalmente o doce gosto daquele dia que virá mediante a renovação dos relacionamentos outrora quebrados. Mas a plenitude permanece diante de nós como nossa última esperança.

Vi essa esperança demonstrada no relacionamento às vezes frustrante entre a minha esposa e a sua avó. Mama foi crente a vida inteira, que amava a todos os netos. Apesar de muitas semelhanças entre elas, a minha esposa jamais parecia gozar a aprovação de Mama e nunca realmente entendeu por quê. Alguns anos atrás, Mama faleceu. Para surpresa minha, a reação de Rebecca foi de alívio. Ela não se alegrou por sua avó ter morrido; contudo, entendeu que da próxima vez que visse Mama, as duas estariam na glória, livres do pecado, finalmente aptas para comunicar-se sem desentendimentos, capazes de realmente amar e ter prazer na companhia uma da outra. Elas não somente serão reconciliadas uma à outra, como também, juntas, gozarão da comunhão não interrompida com Jesus, curvando-se diante dele e confessando-o juntas como Senhor na grande reunião da família reconciliada de Deus.

PARA REFLETIR

1. Como esta passagem destaca a ação de Deus na reunião dos irmãos?
2. José demonstrou bondade aos seus irmãos antes mesmo de ocorrer plena reconciliação. Quais bondades você poderá demonstrar à sua família ou aos seus amigos, quer estejam quer não estejam reconciliados?
3. Nos seus relacionamentos, você está disposto a pagar o preço da reunião, do perdão e da reconstrução da confiança? De que formas você precisa demonstrar um coração arrependido e transformado?
4. Diferente de José, Jesus nos buscou, a despeito de nós termos traído o Pai, e carregou sobre si o preço de nossa falta de amor para com Deus e o próximo. Como a obra de Jesus nos liberta para estender perdão e expressar arrependimento?
5. Conquanto Deus não prometa reconciliação em todos os nossos relacionamentos terrenos, que outra esperança o evangelho oferece?

¹ “Paradise by the Dashboard Light,” palavras e música de Jim Steinman, © CBS 1977.

FAZENDO A PAZ

(Gênesis 43)

Como se restaura um relacionamento quebrado e se vence a profunda ruptura causada pelo pecado? Pequenos pecados podem ser facilmente perdoados. Se alguém concorda em encontrá-lo para o jantar numa certa hora e se atrasa dez minutos, podemos facilmente deixar passar a sua ofensa. Porém, os grandes crimes são outra história. As pessoas sentem-se apropriadamente afrontadas quando um abusador de criança recebe sentença trivial que não se equipara ao crime. É a mesma coisa nos relacionamentos pessoais. Quando alguém peca contra você de modo traumático, que impacta e altera a vida, só pedir desculpas não basta. Perdoar alguém que pecou profundamente contra nós não é necessariamente o mesmo que ser reconciliado a ele e restaurado em novo relacionamento. Não podemos fingir que nada aconteceu, ou que não era sério o pecado que ele cometeu. Para haver verdadeira reconciliação, tem de haver arrependimento e remorso quanto ao pecado, a espécie de arrependimento autêntico que flui de uma vida transformada.

RESTAURANDO SHALOM

Foi isso que Deus fez nesta parte da história de José. Ele não estava meramente usando-o como uma família conveniente que precisava sobreviver a uma grande crise alimentar. Seu objetivo era restaurar e renovar os relacionamentos profundamente estremecidos da família, e para que isso

acontecesse, José precisava ver que seus irmãos tinham mudado. A palavra-chave deste capítulo é *shalom*, “paz,” que ocorre quatro vezes no hebraico, mesmo que nem sempre apareça como a mesma palavra em nossas traduções. O mordomo saudou os nervosos irmãos com palavras de *shalom* no versículo 23, quando eles entraram na casa de José. Depois, o próprio José perguntou-lhes sobre seu *shalom* e o *shalom* de seu pai no versículo 27, e os irmãos responderam assegurando a ele do *shalom* de Jacó no verso 28. A fim de ver a significância deste tema, temos de lembrar que o *shalom* desta família foi despedaçado muito antes de os irmãos de José o terem vendido como escravo. Em Gênesis 37.4, os irmãos nem conseguiam dizer *shalom* a José devido ao relato negativo que ele fizera contra eles. Foi na busca por *shalom* que Jacó mandou José sair para visitar seus irmãos no dia fatídico em que foi sequestrado; era para José ter inquirido sobre o seu *shalom* e o *shalom* do rebanho (37.14). Agora o próprio Deus estaria reconstruindo o *shalom* da família, restaurando relacionamentos há muito tempo quebrados, para uma condição melhor que nunca.

Nosso Deus está na obra de fazer paz mesmo quando essa é improvável em famílias dilaceradas. É claro, esta não era uma família comum. Em Gênesis 35.11, Deus prometeu a Jacó que sua família se tornaria uma “multidão” (*qahal*, grande agrupamento, igreja) de nações — um bando harmonioso de irmãos habitando juntos em união. Porém, entre o favoritismo tóxico de Jacó, o relato calunioso de José e a inveja assassina dos irmãos que ainda negociavam sua escravidão, tal promessa parecia impossivelmente quebrada pelo pecado humano. Não é de se admirar que quando José foi emancipado e entronizado, ele não fizera nenhum esforço de contatar seu pai ou irmãos. Pensou ter acabado com aquele doloroso capítulo de sua vida. É revelador que ele tenha dado o nome de Manassés (“Esquecido”) a seu filho mais velho. Queria virar a página e ir em frente, esquecido da casa de seu pai e dos sofrimentos que eles tinham-lhe infligido.

Contudo, os planos de Deus para José e seus irmãos eram diferentes e mais gratiosos. O Senhor iniciou a próxima fase da história enviando grande fome

que se tornou meio de levantar José à sua posição de poder no Egito como também as circunstâncias que requereram que os irmãos viajassem até lá em busca de alimento. Deus foi quem capacitou José, quando este reconheceu seus irmãos, a resistir à tentação de imediatamente aprisioná-los e mandar executá-los. Ele planejou outro capítulo na história desta família, em que finalmente José estaria reunido com seu pai e reconciliado com seus irmãos. O seu *shalom* seria restaurado, e a promessa de Deus de uma família unida de fé seria cumprida.

Esta é uma palavra de esperança para nós também. Quem sabe, no presente, não haja *shalom* em sua família. As pessoas pecam umas contra as outras em pequenas e grandes coisas, e é evidente a todos o fracionamento. Talvez você esteja tentado a virar a página e ir em frente, simplesmente procurando se esquecer de sua família e da dor que esta lhe causou. O *shalom* de sua família não será necessariamente curado deste lado do céu. Deus não trata toda família de modo igual, nem cura toda a ferida dos corações aqui e agora. Contudo, esta história nos lembra de que Deus tem o poder de curar até mesmo a sua família. Às vezes ele restaura nossas fraturas de modo surpreendente no presente. O final de nossa história — e da história de nossa família — não está, contudo, escrito, e assim, não desista da esperança de notável reconciliação. Claro, ainda que a sua família permaneça não reconciliada aqui na terra, Deus tem um plano final para a completa *shalom* de todo seu povo no céu. Ali, todas as nossas famílias finalmente serão integradas e íntegras, todas as quebras do pecado que agora nos causam tanta dor serão plenamente curadas, e todas as lágrimas que derramamos sobre nossa família serão limpas, pois estaremos feitos plenamente um em Cristo.

Neste capítulo, vamos olhar mais de perto o modo como Deus curou o *shalom* de cada membro desta família específica. Examinaremos também as maiores implicações desta restauração para o mundo assombrado, carregado de discórdias em que vivemos, mundo onde não existe *shalom* duradouro na família humana ou entre a humanidade e o Pai-Deus que nos criou.

JACÓ E SEUS IRMÃOS

Primeiro, vejamos a história da perspectiva dos irmãos de José. Quando eles desceram ao Egito da primeira vez, José os tratou asperamente, acusando-os de serem espiões. Insistiu que Simeão permanecesse no Egito como refém, até que eles trouxessem de volta seu irmão caçula, Benjamim. Ao mesmo tempo, secretamente, José os tratou com generosidade, devolvendo seu dinheiro no saco de cada um dos irmãos.

Surpreendentemente, foi a bondade de José, e não sua severidade, que levou os irmãos a falar, cheios de temor e indagações, sobre Deus, perguntando: “Que é isto que Deus nos fez?” (Gn 42.28). Esta é a primeira vez que ouvimos o nome de Deus pelos lábios dos irmãos, e isso representa um sinal da mudança que já estava acontecendo. Suas consciências cheias de culpa estavam preparadas para uma mudança. Contudo, a bondade de José também (deliberadamente?) pôs os irmãos numa situação difícil. Se eles voltassem ao Egito, seriam tratados como ladrões que evadiram sem pagar por grãos que compraram? Como explicariam ao pai uma vez que voltassem para casa sem um irmão, mas com abundância de dinheiro vivo? No mínimo parecia suspeito. Perder um irmão era um infortúnio, mas perder dois soava como descuido ou mesmo algo pior.

Isso, claro, era como Jacó via a questão, e estava decidido a não permitir que Benjamim descesse ao Egito, ainda que significasse perder a esperança do retorno de Simeão (42.38). Havia um impasse. Porém, o plano de Deus não seria facilmente frustrado. A fome tornou-se mais severa, forçando Jacó e seus filhos a rever a questão de uma volta ao Egito. Quando ele sugeriu que os filhos voltassem ao Egito sem Benjamim, Judá deixou claro que esta não era opção viável. Estava disposto a penhorar a própria honra e fortuna pessoal como garantia da segurança de seu irmão, mas não poderiam descer ao Egito sem levar Benjamim. Se falhasse em trazer de volta Benjamim, ele seria culpado para sempre (43.9). Desta vez, com relutância, Jacó aceitou a oferta de Judá, abriu mão de Benjamim aos seus cuidados. “Que é isto que Deus nos fez?”

É surpreendente que Judá, o mesmo irmão que formulara o plano de vender José em Gênesis 37, proveu a liderança nesta nova missão. A menção de um

penhor no versículo 9 liga a história também com Gênesis 38 e o penhor oferecido por Judá a Tamar em troca de sua breve diversão. Essas semelhanças nos convidam a observar também as diferenças entre as duas histórias. Em Gênesis 37 e 38, plano bem-sucedido de Judá e o oferecimento de seu penhor foram projetados para servir a si mesmo e promover os próprios interesses, enquanto aqui foram feitos para servir ao próximo a qualquer custo para ele.

Deus estava operando, transformando-o mesmo antes de ele fazer a viagem de volta ao Egito. Ainda não era uma mudança completa, claro. Aqui não havia a confissão por Judá do modo como ele e seus irmãos haviam pecado contra o pai no caso de José. Porém, frequentemente, a mudança substantiva não é repentina virada de 180 graus. Em geral, isso acontece com pequenos passos incrementais.

Talvez isso seja algo que você deverá estar procurando nos seus relacionamentos melindrosos ou abalados: pequenos passos em direção a mudanças.

Às vezes exigimos níveis nada realistas de transformação das pessoas, recusando fazer concessões até que a outra pessoa tenha mudado completamente. Mas a mudança é um processo, e muitas vezes podemos reconhecer e celebrar passos de bebê na direção certa, enquanto ainda admitimos que o processo tenha ainda um bom caminho a trilhar. Às vezes, somos nós que precisamos mudar. Reconhecemos que sofremos pelo pecado de outros contra nós e estamos pecando contra os que estão ao nosso redor, contudo, não temos o poder de nos transformar a nós mesmos. A obra de Deus de santificação em nossos corações é frequentemente um processo vagaroso, em que é certo reconhecer e celebrar cada passo dado na direção correta.

O RETORNO AO EGITO

Assim, os irmãos retornaram para visitar o homem misterioso que governava sobre todo o Egito, desta vez levando a reboque Benjamim (Gn 43.15). Mas seu tratamento ao chegar foi completamente inesperado. Mais uma vez, não foram tratados como as outras pessoas. Foram convidados para uma

refeição na casa do não reconhecido irmão, José (43.16). Esse convite incomum causou-lhes considerável preocupação; imediatamente se lembraram da estranha ocorrência da primeira viagem, quando acharam o dinheiro devolvido em suas sacolas. Eles conjecturaram, também, que talvez seu anfitrião quisesse pegar os seus jumentos — uma ideia um tanto forçada, já que o governador tinha à sua disposição todo o poder e as riquezas do Egito. Se ele estivesse interessado nos seus animais, poderia ter sido mais direto.

Na verdade, José tinha alvo mais delicado em mente do que jumentos. Estava em busca de seus corações. Assim, o banquete a que foram convidados se desenvolveu como o clímax de um livro de mistério de assassinato, em que o detetive junta os suspeitos e arranja uma simulação do crime a fim de obter uma confissão da consciência culpada do assassino. Quando os irmãos expressaram ao mordomo os seus temores quanto à misteriosa devolução do dinheiro, ele explicou que fora um ato de Deus — especificamente “o Deus do seu pai,” uma virada de frase surpreendentemente israelita para vir de um egípcio (43.23). O *script* dessa fala presumivelmente foi feito pelo próprio José, a fim de lembrar os irmãos do poder onipotente do seu Deus, capaz de operar até mesmo no longínquo Egito. Enquanto isso, ele aumentou o senso de que misteriosas forças estavam operando, organizando os irmãos na ordem exata de idade quando traçou o plano de onde assentar-se à mesa para a refeição. Não é de espantar que eles olharam maravilhados uns para os outros (43.33). Finalmente, quando servida a refeição, José certificou-se de que, embora todos tivessem o bastante para comer, Benjamim recebesse cinco vezes mais que seus irmãos (43.34). Ficou claro a todos qual dos irmãos era o favorito neste cenário aparentemente divinamente ordenado. Se ainda houvesse inveja e inimizade entre os irmãos, com certeza isso o remexeria. No dia seguinte, ele daria aos irmãos perfeita oportunidade de dar fim a esse não amado favorito sem atrelar a eles qualquer culpa. Eles poderiam ir para casa com a comida de que necessitavam, sem o irmão que odiavam, com uma desculpa impossível de ser contestada. Para dar credibilidade máxima à história do copo roubado, José fez

com que eles bebessem e se regaliassem (43.34). Em outro lugar na Bíblia, isso significa claramente embebedar-se (e.g., Jr 25.27). Ele queria que os irmãos tivessem apenas lembranças nebulosas sobre a celebração daquela noite, para fazer crer que fosse possível que Benjamim realmente tivesse roubado o copo.

Observe o preço para José desse esquema elaborado de extrair evidências de arrependimento. Os narradores bíblicos não mostram frequentemente as emoções internas das personagens, mas aqui ele nos diz que José foi tomado de tanta emoção que teve de ir para outro aposento para chorar (43.30), como fizera em sua visita anterior. Ele não estava orquestrando os eventos de modo estoico a uma distância segura; ele ansiava ser reunido a seus irmãos. Porém, para que ocorresse uma real reconciliação, seria necessário ver se houve verdadeira transformação nos irmãos.

Naturalmente, esse é também o caso para que nossos próprios relacionamentos quebrados sejam restaurados. Não é apenas a parte culpada que deverá pagar o preço para a reconciliação. A pessoa contra quem pecaram também deve estar disposta a pagar o preço. Geralmente haverá muitas lágrimas dos dois lados da equação antes que *shalom* possa ser restaurado. Às vezes pode parecer mais fácil esquecer-se do empenho todo e voltar a viver vidas não reconciliadas; outras vezes, pode haver a tentação de passar por cima do pecado e correr para a reconciliação antes que a verdadeira mudança tenha ocorrido. A busca por verdadeira reconciliação é um processo duro e custoso, que exige muito da parte de todos os que estão nele envolvidos.

OS TEMORES DE JACÓ

Enquanto isso, o que acontecia com o pai Jacó? Ele permaneceu sentado sozinho em casa, esperando por notícias. De alguma maneira, essa era uma consequência que se encaixava em seu favoritismo tóxico, que ainda estava em exibição. Ele persistia em se agarrar a Benjamim, mesmo que isso significasse que Simeão jamais voltaria. Essa avaliação falava volumes sobre o valor relativo dos filhos aos olhos de seu pai. Na verdade, em tudo isso, Jacó estava preocupado principalmente consigo mesmo. Enfrentando a perda de Simeão e a

perda potencial de Benjamim ele disse: “Tendes-me privado de filhos: José já não existe, Simeão não está aqui, e ides levar a Benjamim! Todas estas coisas me sobrevêm” (Gn 42.36). Quando enviou os irmãos ao Egito, seu clamor final era cheio de zangada resignação e pena de si mesmo: “Quanto a mim, se eu perder os filhos, sem filhos ficarei” (43.14). Não importa o fato de que, se Jacó estivesse enlutado, os seus filhos estariam, por definição, mortos. Apesar de tudo que ele passou, continuava sendo um velho orgulhoso e egocêntrico. Desde seus primeiros esforços falhos em roubar o direito de primogenitura com a própria força, passando por todos os seus conflitos com Labão, até sua luta com Deus no vau de Jaboque, Deus havia impressionado sobre Jacó a lição de que suas tentativas de viver com os próprios recursos jamais lhe dariam a paz. Mesmo agora, porém, parece que a mensagem da irresistível graça de Deus e seu amável favor que operavam soberanamente em sua vida ainda não penetrara o seu coração. A ironia estava em que o destino que Jacó mais temia, de perder o filho amado, era a última coisa que Deus tinha em mente. Ele não quis esmigalhar seu *shalom*, mas sim restaurá-lo a um estado novo e muito melhor. Em vez de lamentar a perda de Benjamim, Jacó receberia de volta José, como se voltasse da morte. Mas primeiramente, Deus teria de quebrar a garra tóxica sobre a vida de Jacó que se mantinha por ele idolatrar os filhos de Raquel. Essa idolatria foi evidente na sua resposta quando José desaparecera. Ele não simplesmente entrou em luto, mas lamentou como quem não queria ser consolado: “Chorando, descerei a meu filho até à sepultura.” (Gn 37.35). Quando os irmãos primeiro sugeriram levar Benjamim ao Egito para resgatar a Simeão, a resposta de Jacó foi: “Meu filho não descera convosco; seu irmão é morto, e ele ficou só; se lhe sucede algum desastre no caminho por onde fordes, fareis descer minhas cãs com tristeza à sepultura” (42.38). Para Jacó, a vida sem José e Benjamim seria um Sheol em vida, uma existência sem esperança, sombria, sem significado ou propósito.

Deus queria que Jacó enterrasse os ídolos do seu coração, como ele havia enterrado os ídolos físicos do lar em Siquém na sua volta à Terra Prometida (Gn

35.4). A fim de alcançar tal objetivo, Deus teve de levar dele o seu amado José, e depois a Benjamim, para que ele os recebesse de volta a ambos, purificado. Jacó teve de ser deixado completamente só, privado de todos os seus filhos, a fim de mais uma vez ser forçado a confiar somente em Deus para cumprir a promessa abraâmica de que teria descendentes como a areia do mar. O Senhor colocou Jacó em uma situação em que teria de andar pela fé na promessa divina por muitos meses antes de rever seus filhos. Ele era velho, e a jornada era longa e perigosa. Ele nada tinha para confortá-lo nessa situação exceto a simples palavra da promessa de Deus.

Quais são os ídolos a que você e eu nos agarramos com força, a ponto de não conseguir imaginar a vida com sentido e valor sem eles? Onde você se encontra dizendo a Deus, “Dá-me isso ou não valerá a pena viver minha vida”? É um relacionamento específico? A bênção de ter uma família? A sua necessidade de emprego? Seu desejo por saúde? Ou talvez seja seu anseio por um relacionamento melhor, ou se livrar de seu trabalho sem futuro, ou uma família que não o machuca desse jeito que fazem. Note que todas essas são coisas boas. Não há nada de errado em querer saúde, ou um trabalho realizador, ou relacionamentos que cantam de alegria, assim como não era errado Jacó amar os filhos. Foi o desejo excessivo o problema de Jacó; ele se agarrava a eles com punho mortal que não cedia à sabedoria de Deus, maior e mais amável. Essa é a marca de um ídolo, e Deus, com seu gracioso ciúme, não o compartilhará com um ídolo qualquer. Ele deseja o seu coração por inteiro. Como resultado, às vezes ele desvencilhara, em amor, os dedos que você segura tão apertado sobre aquilo que você mais ama, para que ele o devolva a você depois — purificado, enriquecido e melhor do que você podia imaginar.

OS LIMITES DE NOSSA IMAGINAÇÃO

Um problema que partilhamos com Jacó é que nossas imaginações são extremamente limitadas. Por que ele se agarrava a José e Benjamim com tanta força? Acho que era mais que simples ligação emocional a Raquel, sua amada mãe. Em algum nível, Jacó estava pensando na promessa abraâmica, e por trás

disso, na promessa adâmica, de um Filho mediante o qual todas as famílias da terra seriam abençoadas, que finalmente esmagaria a cabeça da Serpente (Gn 3.15; 12.1-3).

Parecia óbvio para ele que a linha da promessa viria de sua união com a amada Raquel e assim, por meio de José, ou, isso falhando, Benjamim. Por esta razão ele honrou José com a maravilhosa capa; foi por isso que ele entesourava os sonhos de José; por isso sua agonia com a morte de José e tão desesperadora a perspectiva da perda de Benjamim. Para Jacó, sua morte significava o fim inevitável da linha da promessa abraâmica: nada mais de um Messias. Quão pouco ele entendia os caminhos de Deus! Este o havia escolhido soberanamente em lugar de seu irmão Esaú, e a linha messiânica não passaria por Raquel. Em vez disso, Deus escolheu a mal-amada Lia como mãe de Judá, o filho de cuja linha viria o Messias. Judá não somente seria o pai da promessa, como também a mãe seria Tamar, a cananeia, a própria nora de Judá. Em outras palavras, Deus tomou um dos maiores pecados da vida de Judá e o transformou no meio de prover a maior bênção que o mundo jamais viu. Da mesma forma, ele tomaria o maior pecado cometido pelos irmãos e o usaria como o meio para salvar a vida de todos e manter viva a linha da promessa. Jacó não estaria enlutado para sempre, como temia quando disse adeus a Benjamim. O propósito de Deus para ele foi muito melhor — muito além de tudo que pudesse imaginar. Em vez de perder para sempre a Benjamim, ele o recebeu de volta, junto com Simeão e José. Jacó não pode fazer nada para proteger o plano de Deus de abençoá-lo sem a sua ajuda.

A que você está agarrado com todas as suas forças? O que você tem medo de perder, ou de jamais conseguir? Talvez você justifique a força com que agarra o seu ídolo dizendo: “Mas esta é uma boa coisa! Com certeza deve ser vontade de Deus para mim!” Bem, se é com tanta certeza a vontade de Deus para sua vida, você pode afrouxar os dedos um pouquinho e confiar tudo ao controle dele. O propósito divino para você é melhor que suas mais loucas imaginações. Na procura por esses bons propósitos, ele graciosamente o levará a situações

dolorosas e desafiadoras que expõem as idolatrias do seu coração. O alvo de Deus ao fazer isso não é destruir o seu *shalom* e deixá-lo enlutado, ainda que possa parecer isso. Em lugar disso, seu alvo é libertá-lo das suas idolatrias e dar-lhe novo e mais profundo *shalom* arraigado no evangelho, por meio do qual você foi reconciliado a ele.

A semente prometida, o verdadeiro descendente de Judá e Tamar, foi o próprio Filho amado de Deus, Jesus Cristo. Longe de agarrar-se a ele com medo, o Pai o enviou a este mundo quebrado e cheio de dor a fim de restaurar nosso *shalom* que estava quebrado.

Onde instintivamente nós nos afastamos do sofrimento e fugimos da dor, Deus escolhe entrar em nosso mundo e abraçar a dor e o sofrimento advindos dessa escolha. O Pai sabia o preço que Jesus pagaria por nossa reconciliação e qual o custo que seria para ele mesmo. Não foi somente Jesus que chorou sobre Jerusalém, desolado pela dureza dos corações que impedia que as pessoas viessem a ele para buscar o perdão (Lc 19.41). O Pai sabia também que o seu povo escolhido o rejeitaria e desprezaria, preferindo as trevas à luz que Jesus veio trazer (Jo 3.19). Ele sabia que os irmãos terrenos de Jesus o tomariam e venderiam por prata, antes de torturar e matá-lo. Como deve ter ficado o coração do Pai ao ver o Filho amado sofrer tão terrível agonia? Contudo, a dolorosa jornada por um mundo despedaçado de sofrimento foi necessária para que Jesus curasse nosso *shalom* despedaçado, a fim de nos reconciliar com Deus a preço do seu próprio sangue. O próprio Deus pagou preço total por nossa reconciliação a ele. Só temos de inclinar nossos corações diante dele, reconhecendo que nós nos desviamos para bem distante, pedindo que ele nos receba de volta em seu favor. A salvação que recebemos em Cristo é muito maior que qualquer coisa que pudéssemos imaginar ou sonhar por nós mesmos: o próprio Deus pagou a dívida de desespero que devemos, a fim de que recebamos a gloriosa herança que Cristo mereceu.

Nessa realidade existe uma paz que nenhuma circunstância do mundo poderá abalar ou destruir. Se Deus é por nós, quem será contra nós? E se ele é

por nós, podemos agora começar a buscar a paz dos que estão a nosso redor, sendo reconciliados a eles apesar do preço que nós mesmos sofremos.

PARA REFLETIR

1. O que é *shalom*? Como o *shalom* da família de José foi despedaçado?
2. Como normalmente respondemos à paz quebrada em nossas famílias, igrejas, ou comunidades?
3. Jacó transformou as boas dádivas da promessa de Deus e o seu filho em ídolos. Quais as coisas boas que nós temos transformado em ídolos?
4. Qual mudança verdadeira precisa ocorrer para nos levar à restauração do *shalom* em nossos relacionamentos? Se for grande essa mudança, quais os pequenos passos que podemos tomar na direção certa?
5. Jesus nos deu a paz (Jo 14.27) deixando o *shalom* do céu e suportando o abandono do *shalom* quebrado com o Pai que nós merecíamos. Como isso muda nossa abordagem de nossos relacionamentos fraturados?

FINALMENTE RECONCILIADOS

(Gênesis 44.1-45.15)

Muitos livros e filmes clássicos exploram o modo como a culpa não resolvida pode corroer a alma da pessoa. Pense em Lady Macbeth, esfregando sem fim as suas mãos, tentando remover a mancha escarlate de seu pecado de ter assassinado o velho rei. Não é fácil encontrar paz neste mundo quebrado e caído, pois somos tanto pecadores quanto sofrendores pelo pecado que cometem contra nós, vítimas e vitimizadores. Isso quer dizer que todos temos de lidar constantemente com os efeitos amargos dos pecados de outras pessoas contra nós, bem como nossa própria culpa quanto aos nossos pecados contra o próximo.

Para muitos de nós, essa realidade é um zumbido de fundo, baixinho, no ambiente de nossa existência. Contudo, de tempos em tempos, rompe à frente de nosso pensamento quando cometemos um pecado público ou quando pecam contra nós de forma dramática. Em tais estações da vida, a questão de como lidar com nosso próprio pecado e como responder aos pecados de outros contra nós torna-se a grande pergunta com a qual temos de lidar.

Porém, a resposta nesses momentos de crise, não é diferente da resposta que precisamos aplicar a nossos corações diariamente a fim de tratar do latejar constante, sofrido da vida comum e disfuncional de todo dia. Todos nós carecemos de um substituto disposto e capaz de pagar o preço por nosso pecado e suportar a alienação que ele trouxe a nossas vidas, e precisamos de um Deus disposto e capaz de trazer profundo e glorioso bem até mesmo das experiências

mais desditosas e terríveis de nossas vidas. Este trecho de Gênesis aponta para esta maravilhosa boa-nova.

A CULPA DESCOBERTA

No fim de Gênesis 43, deixamos os irmãos em sua segunda viagem ao Egito para comprar grãos, com José deixando-os tão embebedados que só teriam lembranças confusas dos acontecimentos daquela noite. Quando carregaram seus jumentos e se dirigiram de volta a Canaã, talvez Simeão estivesse se perguntando: “Será que eu realmente fiquei de pé sobre a mesa e gritei uma versão karaokê de ‘Você pode sentir o amor de hoje à noite?’” Quem sabe Levi estivesse lembrando que vomitou sobre um dos vasos de plantas. Sobretudo, porém, eles deviam estar se sentindo intensamente felizes com a bem-sucedida conclusão de uma perigosa missão. Tinham chegado ao Egito em segurança, estavam levando de volta comida em abundância, e pela primeira vez tinham mais irmãos na viagem de volta do que na jornada de saída.

Nada deixa a pessoa sóbria mais depressa do que o som de sirenes e a visão de fortes luzes piscando. Antes que os irmãos percebessem, foram metaforicamente pegos e parados no acostamento da estrada e investigados sobre o sumiço do copo de prata do anfitrião. Eles estavam cheios de inocência ofendida. “Por que você pensaria uma coisa dessas?” disseram. “Devolvemos o dinheiro que achamos nos sacos da primeira vez. Por que roubaríamos mais alguma coisa agora? Se você encontrar o copo, a pessoa que o roubou deverá morrer e o resto de nós seremos os seus servos” (veja Gn 44.8-9).

Interessante observar como somos todos legalistas sempre que sentimo-nos inocentes. Os irmãos exigiam pena máxima para a pessoa que fizera tal ofensa, quebrando a sagrada confiança da hospitalidade oriental, ao roubar o cálice do anfitrião. O que, então, deveria ser a pena apropriada para alguém que roubou a vida do irmão e o condenou a uma vida toda de escravidão? Não são as pessoas de maior valor do que copos ou cálices? No entanto, se esse cenário tivesse sido apresentado aos irmãos, eles teriam encontrado muitas razões pelas quais o seu caso era uma exceção. Estamos todos prontos a condenar as pessoas que

cometem pecados que não conseguimos conceber que nós mesmos possamos cometer. Contudo, quando são nossos próprios pecados, somos muito menos afoitos em buscar uma justiça veloz. Sempre existem circunstâncias extenuantes no nosso caso, razões pelas quais não somos totalmente responsáveis por nossas ações, ou razões pelas quais a misericórdia deverá nos ser oferecida. Quando dizemos palavras ásperas ao próximo, ou somos críticos e rudes, ou realmente nós não o fizemos de propósito, ou não tivemos como evitar. As desculpas e negações jorram rapidamente para nós mesmos, mas quando se trata dos outros, insistimos que a justiça exata seja cumprida.

É provável que essa seja uma das razões pelas quais achamos tão difícil a reconciliação: falta-nos imaginação para nos colocar nos sapatos da pessoa que pecou contra nós e achamos difícil imaginar que nós mesmos pudéssemos estar nessa situação. Pensamos que jamais nós pecaríamos desse jeito — ignorando todas as formas paralelas em que pecamos a cada dia. Porque conseguimos nos distanciar da outra pessoa, é fácil exigirmos dela o quilo de carne que a justiça requer. Se pudermos nos ver como pecadores iguais a ela, porém — povo igualmente capaz de pecados merecedores, com toda justiça, da morte, carentes de compaixão e perdão tanto quanto qualquer outro — então se tornamais fácil mostrar compaixão e perdão aos outros quando eles pecam contra nós.

Nada impressionado pelos protestos de inocência dos irmãos (não menos por ele mesmo ter plantado o copo alegadamente roubado no saco de Benjamim), o mordomo começou a abrir os sacos de cada um, um por um. Como foi com a posição dos assentos no banquete, ele começou com o mais velho, Rúben, e foi descendo em ordem até Benjamim (Gn 44.12). Ao ver abertos os sacos e os irmãos verem que seu dinheiro tinha novamente sido devolvido, com certeza eles se sentiam muito desolados. Talvez se sentissem fadados a ser para sempre assombrados pela prata que receberam em troca do seu irmão. Esse sentimento arrasador deve ter se transformado em pânico profundo quando o mordomo chegou ao saco de Benjamim e encontrou ali o copo que faltava. É claro que todos sabiam que fora plantado ali, assim como foi o dinheiro. Mas quais as

chances de convencer um juiz desse fato, especialmente quando seriam julgados pelo homem que parecia ter planejado a sua queda?

Não haveria evidentemente uma mão mais alta operando em tudo isso — uma conexão que o mordomo havia insistido desde o começo, quando asseverou que seu Deus tinha devolvido o dinheiro na viagem anterior (43.23)? A conclusão lógica era que desta vez seu Deus não somente tinha devolvido o seu dinheiro como também milagrosamente havia plantado o cálice para que eles recebessem de volta a paga de seus malfeitos antigos.

Isso foi precisamente a conclusão a que Judá chegou quando apareceram diante de José. Ele disse: “Que responderemos a meu senhor? Que falaremos? E como nos justificaremos? Achou Deus a iniquidade de teus servos; eis que somos escravos de meu senhor, tanto nós como aquele em cuja mão se achou o copo.” (Gn 44.16), referindo-se não ao copo, que somente Benjamim pudesse plausivelmente ser acusado de roubar, mas o seu pecado de tempos atrás de roubar a José. Ele reconheceu uma espécie de “carma cósmico” em operação, em que seu pecado secreto voltara a assombrá-los. Mas Judá reconheceu também que essa circunstância não era obra da cega sorte. Na verdade, era o juízo de um Deus pessoal, que orquestrara os eventos a fim de fazer justiça. Os irmãos todos teriam de se tornar escravos como justa pena pelo pecado de vender a José como escravo.

Enquanto isso, José fingiu não entender as palavras de Judá, insistindo que somente Benjamim era culpado e só ele precisava pagar. Em vez da punição de morte para o transgressor, Benjamim seria escravo no Egito por toda sua vida, enquanto os irmãos podiam voltar para casa em paz (*shalom*, versículo 17).

PROVIDENCIADO UM SUBSTITUTO

A situação foi engendrada de maneira muito bela para oferecer um paralelo perfeito ao pecado anterior dos irmãos. O irmão favorecido, Benjamim, ficaria no Egito como escravo, enquanto os outros irmãos iam para casa felizes, com seu pai, seus sacos mais uma vez repletos também de prata como dos grãos necessários para sua sobrevivência. Mas estas semelhanças projetaram também

o final divergente desta história. No momento crítico, Judá deu um passo para a frente e cumpriu o juramento que fizera a seu pai (Gn 43.9). O irmão que de início engendrou o plano de vender José como escravo tinha dado a volta completa. Ele mesmo ficaria no lugar de Benjamim porque não suportaria ver a tristeza do velho se ele perdesse também a Benjamim, como foi com José. Antes, os irmãos não haviam pensado nos sentimentos de seu pai quando venderam-no e mandaram para casa a sua túnica ensanguentada (37.32). Mas agora, eram homens transformados, e Judá não conseguia imaginar voltar para casa sem Benjamim. Onde haveria paz (*shalom*) em tal volta?

Não é de surpreender que José não conseguisse mais se conter. Rompeu em prantos e revelou-se aos irmãos: “Eu sou José; vive ainda meu pai?” (Gn 45.3). O arrependimento dos irmãos preparou o caminho para a restauração e a reconciliação. Porque Judá estava disposto a sofrer por um crime que não cometeu, foram todos perdoados pelo crime que realmente cometeram. Foi uma grande mudança para Judá, que poucos anos antes teve de confessar que sua nora cananita, imitadora de prostituta, fora mais justa que ele (38.26)! José não somente chorou no pescoço de Benjamim; agora ele beijou e chorou sobre todos os seus irmãos (45.15). Todos foram incluídos na grande reconciliação, pois a harmoniosa comunidade de irmãos que Deus anteriormente prometera ser estabelecida finalmente estava sendo realizada.

A capacidade de José perdoar aos irmãos talvez não seja igualada no Antigo Testamento. Pela sua impiedade, os irmãos causaram que fosse vendido como escravo, e seus melhores anos da vida foram passados em diversas formas de servidão e aprisionamento. Essa experiência carregada de sofrimento não seria facilmente esquecida, como os nomes que deu aos filhos davam vívido testemunho (Gn 41.51-52). Contudo, quando Deus apresentou a José dourada oportunidade de forçar os irmãos a pagar pelo crime que cometeram, ele abriu mão. Poderia ter posto os irmãos na prisão deixando que ali eles apodrecessem. Em vez disso, engendrou um plano complicado e de alto custo para a redenção deles, capacitando-os a fazer uma espécie de restituição da única forma possível

para o seu crime. Foi um plano de alto preço para ele, mas no final da jornada ele pode recebê-los de volta à sua presença — não como escravos, mas como sua família. Estavam reconciliados.

APRENDENDO A PERDOAR

Como José pôde perdoar assim, quando tantas vezes nós somos incapazes de fazê-lo? Um elemento-chave era sua capacidade de ver claramente o propósito de Deus que está sobre tudo como um arco: “para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós” (Gn 45.5). Ele reconheceu que mesmo quando outros pecavam contra ele, Deus ainda estava fazendo algo bom em sua vida e na vida deles. O pecado dos irmãos acabou sendo parte essencial do plano de Deus de prover alimento para seu povo durante o tempo de fome, como também de levá-los até o Egito, onde o capítulo seguinte de suas vidas se desenrolaria. Se formos capazes de reconhecer que a obra graciosa de Deus continua mesmo através dos pecados de outros, aprenderemos melhor como perdoar.

Talvez alguém tenha pecado contra você de modo profundamente dolorido. Você vê que, como Deus sempre faz a sua vontade, e como ele sempre opera para o bem, isto também deverá ser algo que ele fará operar para o seu bem? Talvez a sua situação o torne capaz de ver mais claramente o próprio coração. Sua provação pode mostrar-lhe a necessidade desesperada de outros crentes e a sua necessidade do próprio Deus. Tal verdade poderá encorajá-lo ao longo do caminho custoso da reconciliação.

Colocado desse jeito, porém, todo o processo do perdão poderá parecer fácil e banal: lembrar que Deus sempre está fazendo algo bom quando as pessoas pecam contra você, e você conseguirá perdoá-los como José, com um sorriso alegre.

Na vida real, claro, raramente é tão simples assim. Por vinte anos, José não pôde ver um único pedacinho de evidência de que Deus fosse transformar seu sofrimento em bem. Pelo contrário, pode ter parecido que qualquer esperança de reconciliação com seus irmãos fosse impensável. Assim também, pode

demorar longo tempo para que enxerguemos o que o Senhor está fazendo através dos dolorosos pecados de outros contra nós. Os planos de Deus para nosso bem nem sempre serão simples e transparentes. Talvez precisemos que outros venham a nosso lado para nos ajudar a discernir o fruto que ele está produzindo em nossa vida na terra da aflição.

Não podemos perder de vista o fato de que o plano maravilhoso de Deus de alimentar seu povo no Egito também incluía o próximo passo, que envolvia sua experiência de servidão opressiva debaixo de um Faraó que esqueceu (e não conheceu) José (Êx 1.8). Ironicamente, a escravidão que este não exigiu para os irmãos veio sobre uma geração subsequente, que, por sua vez, tornou-se meio pelo qual veriam o poder de Deus operando de modo novo e surpreendente no Êxodo! Longe de evitar o sofrimento e a vitimização, o maravilhoso plano de Deus para nossa vida muitas vezes nos leva a atravessar a dor e as perdas, assim como foi com Jesus. A aflição é o solo sobre o qual o fruto da paciência, resistência, perseverança, e esperança crescem mais abundantemente.

APRENDENDO A SER PERDOADO

Contudo, existe mais nessa história do que apenas aprender a perdoar. Ela nos mostra também algo profundo sobre aprender a ser perdoado. Instintivamente, queremos nos identificar com José, o heroico perdoador daqueles que pecaram contra ele. Porém, de muitas formas, somos mais parecidos com os irmãos de José; somos os traidores que usaram as outras pessoas para alcançar nossos próprios fins. Nosso ciúme nos leva a matar os outros em nossos pensamentos e palavras, por meio de fofocas maldosas e ira explosiva. Nossa luxúria comprou e vendeu irmãs e irmãos em nossa cabeça, usando-os para satisfazer nossas fantasias. Nosso *shalom* foi profundamente quebrado, nossos relacionamentos são fraturados, e nossas almas são torturadas por raízes profundas de culpa que não nos larga, uma mancha escarlate que nunca desaparece de nossa consciência, por mais que tentemos esfregar e apagar.

Talvez você tenha cometido pecados hoje que pressionam as acusações contra você, deixando-o sentir constantemente sua sujeira e corrupção. Quem se colocará à frente em nosso lugar como nosso Judá, reconciliando-nos uns aos outros e com o nosso Pai?

Esta pergunta nos lembra de que na história de José existe um quadro profundo do amor de Deus por nós. Adão e Eva pecaram contra Deus e destruíram a harmonia que antes existia entre o Senhor e o homem. O Criador teria sido inteiramente justificado ao destruí-los naquela mesma hora e naquele mesmo local, ou reduzi-los à forma mais vil de escravidão. Não somos em nada diferentes de Adão. Todos pecamos contra Deus e uns contra os outros em pensamento, palavra e ação, e diariamente continuamos fazendo isso. A justiça exige corretamente a morte por nossas transgressões. Mas Deus não busca simples justiça contra nós. Em vez disso, ele promulga um complicado e caro plano por nossa redenção, plano este que satisfaça as reivindicações da justiça *e ao mesmo tempo* permite que recebamos a misericórdia e graça de que precisamos, a fim de sermos reconciliados com Deus. Ele enviou seu único Filho, Jesus, a esse mundo de aflição e dor por nós. O amor de Jesus por nós é muito maior do que o amor de Judá por seu pai. Cristo não somente teve de suportar voluntariamente a punição do pecado de outro, como também carregar essa disposição até o fim. Talvez Judá tenha se oferecido a José como escravo, mas o maior Filho de Judá na verdade carregou a culpa que nós merecíamos. Ele veio suportar uma vida de limitações, doença, rejeição e abuso. O Criador de todas as coisas foi rejeitado e desprezado pelo seu próprio povo. O eterno Senhor dos Exércitos se encarnou e habitou entre nós (Jo 1.14), sujeito a todas as dores e fraquezas que vêm junto a esse estado. Voluntariamente ele tornou-se servo, a fim de nos libertar de nossa servidão ao pecado, morte e inferno. Por último, levou essa obediência até a cruz, onde suportou o peso da rejeição e do tormento divinos que nossos pecados mereciam. Jesus nasceu, sofreu, morreu e ressurgiu como parte do grande plano de Deus, tanto de salvar as vidas do seu povo mediante grande libertação quanto de criar uma

comunidade harmoniosa de irmãos e irmãs mediante o sofrimento de um substituto. Aqui, também, o bom propósito de Deus foi alcançado mediante seu soberano controle sobre as ações pecaminosas dos homens.

Pedro declarou em seu sermão do dia de Pentecostes: sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos; ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela (At 2.23-24).

Aquilo que intencionamos para o mal, Deus intentou para o bem. Não é surpresa que as notícias de que foram perdoados foram tão estupefacientes para os irmãos de José, que no começo não conseguiam acreditar nelas. Permaneceram aterrorizados em sua presença, esperando o machado cair sobre suas cabeças a qualquer momento. Porém, José graciosamente disse a seus irmãos, “Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui; porque, para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós” (Gn 45.5). Ele viu nos seus rostos o desalento, e sabia que ainda que ele os tivesse perdoado livremente, eles lutariam para sentirem-se perdoados por ele.

Pode ser que você e eu também lutemos para sentir-nos perdoados por Deus, ainda que sejamos verdadeiramente perdoados de todo pecado — passado, presente, e futuro. Grande parte de nossa falta de paz na vida cristã flui dessa luta. Porque não nos sentimos perdoados, buscamos a paz procurando alguma maneira de provar que realmente somos dignos do amor de Deus. Procuramos paz por meio de atos, de serviço ou um ciclo infundo de disciplinas cristãs, mas é uma batalha em que sempre perdemos. Tais coisas podem ser em si mesmas boas, mas não são nossa paz. Nossa paz repousa em saber que Deus nos perdoou por amor de nosso substituto, Jesus Cristo.

Ele, portanto, diz a nós também: “não sejam entristecidos nem irritados contra vocês mesmos porque pecaram.” A voz da condenação vem de Satanás, não de Deus. Sim, o seu pecado é grande e profundo, e tem importância. É maior e mais profundo do que você consegue conceber, tão grande que nada

menos que a morte do perfeito Filho de Deus poderia pagar por ele. Mas, por meio de sua morte, a penalidade é plena e finalmente paga. Ele foi condenado em nosso lugar e executado por este pecado específico que cada um de nós cometeu. Então, por que tentar tomar de volta o lugar de condenação que Jesus tomou por você? Se Deus não nos condena, por que continuar constantemente condenando a nós mesmos? Não sejamos lerdos em crer na boa-nova sobre Jesus, ainda que ela pareça boa demais para ser verdade.

VIVER SOB O GOVERNO DE JOSÉ

O teste que os irmãos de José agora enfrentavam era se estavam dispostos a viver sob seu comando. Tinham de escolher entre a independência contínua, que significaria contínua destituição em Canaã, ou submeter-se a uma vida de dependência na boa provisão de José, no Egito. A perspectiva de curvar-se diante de seu irmão, conforme descrito nos antigos sonhos de José, agora tinham se tornado realidade. No entanto, deve ter sido muito mais fácil se submeterem a José, que agora demonstrava seu amor e cuidado por eles com tamanha riqueza e profundidade, do que teria sido se submeter ao impudente e obnoxio jovem que proclamou a eles de primeiro os seus sonhos.

O mesmo acontece conosco. Temos de escolher entre viver vidas espiritualmente desamparadas e dilaceradas aqui neste mundo, separados de Deus, ou nos submeter a ele e aceitar a sua provisão para nossas vidas. Contudo, faz toda a diferença saber que o Deus que nos chama a nos submetermos a ele é o mesmo Deus que é rico em misericórdia e graça, que nos perdoou abundantemente pela nossa rebeldia contra ele. Por que continuaríamos resistindo aquele que nos ama a ponto de enviar Cristo como nosso Salvador? O que temos a ganhar ao resistir o bondoso e gracioso rei?

Essa decisão de submeter nossos corações ao Senhor não é simplesmente uma decisão de uma vez para sempre. É uma batalha diária crer que aquele a quem maltratamos e continuamos a tratar mal nos ame tanto que se dispõe a perdoar nossos pecados e prover-nos tudo que precisamos. Além do mais, é

uma batalha diária nós estendermos a outros a mesma misericórdia e perdão que temos recebido.

Onde poderiam os irmãos de José achar a certeza de que ele realmente desejava o seu bem? Certamente a segurança estava no complicado plano da sua salvação: se José quisesse ter-lhes feito mal, poderia facilmente ter mandado prendê-los ou matá-los logo que eles chegaram. Ele não precisava suportar a dor emocional meramente para torná-los escravos ou tomar seus jumentos. Ele tinha poder para impor rápida justiça sobre eles. Ninguém teria discutido que tal ação fosse incorreta ou injusta.

Em vez disso, José lançou seu complexo plano de ação para fazer com que eles demonstrassem arrependimento e fossem reconciliados a ele. Alguém que passara tantos esforços para ganhá-los de volta certamente teria seus interesses melhores no coração.

O mesmo ocorre conosco, sempre que somos tentados a duvidar se Deus realmente está operando neste mundo para nosso bem. Ao enfrentarmos as provações e tentações, e nos achar indagando se ele estaria simplesmente tratando todos os nossos pecados conforme merecemos, o Pai nos aponta de volta ao seu complexo plano de salvação. Ele demonstrou amor sacrificial em um plano que se desenrolou durante séculos e culminou no dom de seu próprio Filho. Este dom nos assegura de seus bons planos para nosso futuro. Conforme expõe Paulo em Romanos 8.31-32: “Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?”.

Paradoxalmente, quando reconhecemos que nós somos os irmãos desta história, não José, na verdade começamos a aprender a perdoar como este. O que seria possível motivar-nos a estender amor e perdão e buscar reconciliação que custe caro com pessoas que nos feriram e prejudicaram tão profundamente? É ao ponderarmos o quanto nós mesmos fomos perdoados e que grande preço ele pagou por nossa reconciliação que nossos corações começam a derreter para

com aqueles que tanto pecaram contra nós. Sim, a justiça exige que eles paguem, assim como exige que nós paguemos. Contudo, não recebemos justiça de Deus, e sim, misericórdia — misericórdia profunda e larga, cujo alcance é tão profundo e amplo quanto nosso pecado. Nossas manchas de escarlate do pecado foram lavadas, mais alvas do que a neve, pelo substituto que carregou as reivindicações da justiça em nosso lugar. Jesus nos reconciliou para si, e agora nos pede com ternura que sejamos reconciliados uns aos outros em uma harmoniosa família de irmãos e irmãs, perdando-nos uns aos outros na mesma medida do perdão que nós recebemos. Além do mais, ele nos chama para erguer os olhos para nosso lar celestial, lugar onde todos os nossos relacionamentos quebrados serão finalmente e plenamente reconciliados, assim como agora mesmo somos reconciliados com o próprio Deus.

PARA REFLETIR

1. Como foi revelada a culpa dos irmãos? O que esse confronto com a culpa revela sobre os irmãos?
2. Jesus ofereceu como substituto a si mesmo, tanto para salvar as pessoas de sua culpa quanto para criar uma harmoniosa comunidade. Como esta história demonstra a conexão entre a renovação pessoal e relacional? Você tende a enfatizar um desses elementos à custa do outro? Como e por quê?
3. Ao viverem sob a autoridade de José, que segurança os irmãos tiveram do seu favor? Como você resiste à autoridade de Deus? Que segurança você tem de seu favor?

DA FOME PARA A FARTURA

(Gênesis 45.16 - 46.27)

Quantas vezes e com qual intensidade você passa fome? Para a maioria de nós, a combinação da revolução agrônômica, sistemas eficientes de distribuição e uma rede de segurança social quase eliminam severa fome e escassez de alimentos. De fato, a atenção agora mudou para uma crise nacional de obesidade. Mas em cantos esquecidos das sociedades desenvolvidas bem como nas más condições amplamente difundidas em nações emergentes, a dor da fome permanece. Outros de nós temos a ideia de fome não pelo sentimento vazio da boca do estômago, mas no roer vazio de nossa alma. Podemos ter atendidas todas as necessidades físicas de alimento, abrigo e vestuário, e até mesmo gozar sucesso e uma boa reputação. Contudo, existe um vazio e uma inquietação. Podemos olhar para fora de nós mesmos e observar que o mundo está todo errado, ou para dentro de nós e perceber uma chocante feiúra. O que Jesus quis dizer ao afirmar: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.” (Mt 5.6)? Quer você esteja escalando a escada do sucesso, quer lutando para sobreviver, Gênesis 45 e 46 nos apontam para um Deus que cumpre as promessas feitas ao seu povo e o conduz da fome para a fartura.

A SOMBRA

Até aqui nessa história, a família de Jacó tinha enfrentado dois problemas distintos, mas igualmente perigosos. Qualquer um deles poderia ter solapado a promessa de Deus a Abraão de abençoar não somente a sua família como também todas as nações do mundo por seu intermédio (Gn 12.3). O primeiro problema foi interno. Embora Deus tivesse repetidamente prometido fazer uma

grande nação da família de Abraão, havia uma disfunção doméstica entre Jacó, José e os seus irmãos, que quase chegou a afundar de vez todo o projeto. Ao longo desse período, havia uma segunda ameaça externa: a fome de sete anos por toda a região do Egito e de Canaã.

No segundo ano da fome, os filhos de Jacó já se encontravam em desespero a ponto de embarcar em duas jornadas separadas desde Canaã até o Egito. Jacó não queria mandar seu novo filho favorito, Benjamim, na primeira viagem devido aos perigos que acarretava. O desespero foi ainda maior na segunda viagem. O “senhor da terra” havia lhes solicitado a presença do irmão mais novo como prova de que estivessem dizendo a verdade, além de terem sido forçados a deixar Simeão no Egito como refém (Gn 42.19-20). Que espécie de recepção poderiam esperar, tendo fracassado em voltar até agora? Não tinham escolha senão correr o risco, porque enfrentavam uma situação literal de vida ou morte. Como Jacó dissera antes da primeira jornada, “descei até lá e comprai-nos deles, para que vivamos e não morramos” (42.2).

José os mandou de volta para casa com grãos para suas famílias: “ide, levai cereal para suprir a fome das vossas casas... e não morrereis” (42.19-20). Quando Judá insistiu com Jacó para deixar Benjamim ir com eles na segunda jornada era para que “vivamos e não morramos, nem nós, nem tu, nem os nossos filhinhos” (43.8). A família de Jacó estivera vivendo à sombra da morte.

Quer tenhamos experimentado ou não a fome severa, somos todos mais ou menos conhecedores do que é a vida sob a sombra da morte. O encontro de uma pessoa com a morte pode ser profundo e prolongado: “Existe uma massa. Pode ser câncer.” Seu encontro pode ser menos agudo, mas ainda chama atenção. Em uma consulta antes de cirurgia para a remoção de dentes do siso, o dentista de minha esposa mencionou casualmente que, por mais segura que fosse a anestesia, não importa muito se você for o um em dez mil que morre. Essa observação a incomodou menos do que me incomodou quando eu mesmo tive de extrair meus dentes de siso alguns meses mais tarde. Nosso confronto com a morte pode ter vindo de uma doença dolorosa ou da perda de um amigo,

filho ou cônjuge. Apesar de todos os nossos esforços como indivíduo e como cultura, de evitar pensar na morte, ela está sempre presente. Talvez fosse próprio que o seminário que cursei tinha vista para um cemitério, e há duas casas funerárias na vizinhança em que vivemos. Todo mundo sabe o que é viver à sombra da morte, quer por fome, doença ou acidente de veneta.

Enquanto a fome tomava conta da terra de Canaã, essa sombra da morte pairava sobre a família de Jacó. Tal perigo fez com que o reverso de sua sorte, conforme documentado neste capítulo, fosse de tirar o fôlego ainda mais. Lemos em Gênesis 42.5: “Entre os que iam, pois, para lá, foram também os filhos de Israel; porque havia fome na terra de Canaã.” A família escolhida por Deus tinha sido reduzida a apenas mais um grupo de refugiados perambulantes, buscando comida para sua sobrevivência. Mas agora, após a revelação da identidade de José, essa mesma família foi rapidamente elevada da pobreza para as riquezas. Os vagueadores famintos gozavam favor real, riquezas e boas-vindas.

O CONVITE

Nossa passagem se abre com Faraó ouvindo dizer que os irmãos e a família de José tinham chegado. O seu favor repousava sobre José porque por meio dele ainda havia alimentos no Egito. Haviam sido armazenados sob a sugestão de José durante os sete anos de fartura. Em gratidão por Deus ter abençoado o seu reino através dele, Faraó convidou toda a família extensa de José a viver no amparo do Egito pelo restante do tempo de escassez. Faraó prometeu “o melhor da terra” e “a gordura da terra” (Gn 45.18). Encorajou a família a deixar para trás seus velhos pertences, pois o melhor da terra do Egito agora seria deles. Suas casas novas seriam totalmente fornecidas com tudo o que precisavam. Era como se tivesse ganho o máximo de transformação.

O próprio José deu-lhes abundantes provisões para a jornada. Anteriormente, eles tiveram medo irracional de que José pudesse roubar os seus jumentos (Gn 43.18); em lugar disso, José deu-lhes vinte jumentos *extras* para a viagem para sua casa (45.23). Benjamim recebeu o valor de dinheiro de aniversário de 22

anos deferidos, na forma de 300 peças de prata, enquanto cada um dos irmãos recebeu um terno novo (45.22). Note como tudo volta ao círculo inteiro. Vinte anos antes, as roupas elegantes de José tinham incitado a inveja e amargura dos irmãos. Uma vez que se livraram dele, utilizaram aquela mesma roupa para convencer o pai que José estava morto, dilacerado em pedaços por um animal feroz. Quando Jacó rasgou suas vestes em luto, os irmãos ficaram olhando, completamente sem se comover. Mas todos esses anos mais tarde, os irmãos demonstraram corações transformados.

A despeito de Benjamim ser o novo favorito, eles não tiraram vantagem de uma oportunidade conveniente de acabar com ele. Em vez disso, rasgaram *as suas vestes* (44.13). Lamentaram por Deus ter exposto a sua culpa, e temiam que seu pai sentisse haver mais uma vez causa de perder o filho amado.

O presente de José lembrava como ele havia coberto de forma compreensiva o pecado que eles cometeram originalmente contra ele. Agora ele cobria o preço de *sua* prova e do arrependimento *deles*. Ele substituiu as vestimentas velhas e rotas dos irmãos por roupas novas. Assim foram eles de volta para casa, ricamente abastecidos, com todos os novos pertences empacotados sobre as carroças do próprio Faraó. Aparentemente, eram carros extremamente impressionantes, pois foram mencionados quatro vezes (Gn 45:19, 21, 27; 46:5) — o equivalente antigo a luxuosas vans de vidros escurecidos. Os irmãos que estiveram à beira da penúria e morte por fome agora se tornaram parte do séquito de Faraó.

O ANÚNCIO

O reverter de sua fortuna ao retornar a Canaã preparou o palco para uma reversão ainda mais surpreendente para Jacó. Lembre-se, ele esperava em casa por notícias, enquanto esses eventos todos se desenrolavam. Como ele deveria se sentir ao ouvir o anúncio: “José ainda vive e é governador de toda a terra do Egito” (Gn 45.26)?! Essa notícia era tão espantosa que, a princípio, Jacó não podia acreditar. Ele temia que sua tristeza o levasse ao túmulo, contudo, foi o choque de uma notícia incrivelmente boa que quase acabou com ele. Toda essa

troca destaca a transformação que Deus faz dessa família outrora dilacerada. Mas havia ainda muito que não fora dito. Não houve nenhuma discussão quanto à traição original que perpetraram contra José, provavelmente em resposta às instruções de José: “Não briguem pelo caminho” (Gn 45.24). Eles haviam se arrependido; José os tinha perdoado. Acabou e estava feito.¹

Mas falta algo mais nesta conversa: a promessa de Faraó de maravilhosas novas posses. Isso parecia que seria uma peça de informação digna de nota: “Pai, estávamos quebrados, mas agora estamos ricos!” Em vez disso, tanto o relato dos irmãos quanto a resposta de Jacó estavam focados em uma só coisa: a vida e o bem-estar do antes perdido José. Isso representou uma mudança imensa, não somente nos irmãos, como também em Jacó.

A história pessoal de Jacó estava repleta de esforços por baixo do pano para conseguir a bênção à custa de outros. Em duas ocasiões separadas, ele enganou seu irmão gêmeo ligeiramente mais novo, Esaú: primeiro do *direito* de primogenitura e depois da *bênção* da primogenitura (Gn 25.29-34; 27.1-41). Jacó enganou seu tio Labão quanto aos seus rebanhos (30.25-43). Tentou extrair uma bênção até mesmo do próprio Deus (32.22-32). Os poderes de engano de Jacó eram espantosos, ainda que apropriados em vista do fato de que seu nome, Jacó, quer dizer “enganador.” Uma das mais negras manchas do seu caráter estava em seu foco dominador sobre bênçãos tangíveis e físicas: a linda esposa, filhos abundantes, *status* e riquezas. Mesmo quando ele tinha essas coisas, não era marido ou pai muito bom. No entanto, com a recuperação de José, vemos evidência de que Deus finalmente começara a reorientar as prioridades distorcidas de Jacó.

Os abundantes sinais do novo status da família serviram agora para outro e diferente propósito. Por que José daria uma carga tão grande de riquezas se ele simplesmente quisesse levar Jacó de volta ao Egito? Por que não estacionar esses jumentos extras na garagem *multibaias* da nova propriedade da família? Ele enviou esses presentes como sinal confirmando a verdade do relato incrível dos irmãos. Por si, a notícia: “José ainda vive e é governador de toda a terra do

Egito” era uma incrível história, boa demais para ser verdade. Mas essas carroças reais eram evidência visível, tangível de que essa história impossível *tinha* de ser de verdade (Gn 45.27). Mesmo assim, o coração de Jacó permaneceu fixo, não nos presentes tangíveis e reais, mas sobre aquilo para que estes apontavam — a vida de seu filho. “Basta; ainda vive meu filho José; irei e o verei antes que eu morra” (45.28).

Deus reverteu completamente as expectativas de Jacó de mais de vinte anos antes quando ele dissera: “Chorando, descerei a meu filho até à sepultura. E de fato o chorou seu pai” (37.35). Contrário às expectativas, Jacó e José seriam reunidos, não na terra dos mortos, mas na terra dos vivos!

Existe mais nessa narrativa do que apenas uma boa história “dos trapos para os tesouros”. A história da família de José na trajetória da fome para a fartura aponta para nossa própria história futura de fome para fartura. No evangelho de Lucas, Jesus diz a todos quantos querem escutá-lo: “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus. Bem-aventurados vós, os que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, os que agora chorais, porque haveis de rir” (Lc 6.20-21).

Por Cristo, a boa-nova para Jacó ecoa em cada vida que luta sob a sombra da morte. O Filho que estava morto agora vive. Ele é o Senhor da terra, o Príncipe Herdeiro de toda a criação! Jesus absorveu o preço de nosso pecado que estava contra ele. Se pertencemos a ele, ele nos perdoou, cobrindo-nos e vestindo-nos da sua justiça. Jesus nos libertou do ciclo infundo de acusações, culpa e autodefesa, de pecado, vergonha e sofrimento. Porque o Pai se agradou de Jesus, somos bem-vindos ao seu reino. Deus Pai e Jesus, o Senhor, nos conclamam a uma herança de riqueza real, da qual nem a morte poderá nos separar. Enquanto aguardamos nossa herança, nos é dado tudo de que precisamos para que cheguemos, em segurança, até lá. Como os carros de Faraó, o Espírito confirma a verdade desse convite e nos conduz à vida de ressurreição de Jesus que fomos convidados a partilhar.

A resposta de Jacó ao anúncio da “ressurreição” de José foi marcadamente similar à resposta dos apóstolos aos relatos da ressurreição de Jesus: um misto de incredulidade e crença, dúvida e fé. Para nos auxiliar em nossa fé, Jesus nos cerca de sinais da sua realidade e sua graça, indícios que testificam que, porque Jesus rompeu as cadeias da morte, um dia nós o veremos face a face na verdadeira “terra dos viventes.”

Por mais terríveis que pareçam as suas circunstâncias atuais, elas não são a última palavra. São uma realidade apenas passageira.

A CONFIRMAÇÃO

Ao abrir o capítulo 46, Deus confirma a Jacó que ele é digno de confiança. Deus é fiel às suas promessas. No caminho para o Egito, Jacó parou em Berseba para adorá-lo. Berseba está na borda mais ao sul da Terra Prometida.

No filme *The Fellowship of the Ring*, há um ponto em que Samwise Gamgee para e diz a Frodo: “É aqui. Se eu der mais um passo, será o mais longe que já estive de minha casa.”² Passar aquele lugar específico marcava para Sam uma quebra decisiva com o passado e um salto para um futuro desconhecido. Igualmente, Jacó estava prestes a romper com o passado. Da fome para a fartura soava como história fabulosa, exceto que envolvia a ida da família para o que aparentava ser a direção errada — fora da Terra Prometida para viver no Egito. Deus havia dito a Jacó, quando lhe deu o novo nome de Israel: “A terra que dei a Abraão e a Isaque dar-te-ei a ti e, depois de ti, à tua descendência” (Gn 35.12).

Aqui, após décadas de silêncio, Deus graciosamente confirmou a Jacó que o seu plano ainda estava em pauta. Ali em Gênesis 15.13-14, o Senhor havia dito a Abraão que os seus descendentes habitariam uma terra distante e seriam afligidos por quatrocentos anos, após os quais ele os levaria para fora com grandes posses. A reiteração dessa promessa a Jacó não era apenas encorajamento para ele, como foi também aos primeiros leitores desta história. A nação de Israel, depois do êxodo e antes da conquista da terra, precisava ouvir essa lembrança da fidelidade de Deus. Sentia que estava indo na direção errada,

com frequência eles também sentiram que não iam a lugar nenhum, ao vagar pelo deserto.

Pode ser que isso soe familiar a muitos leitores subsequentes, incluindo nós. Pode ser que sintamos estar indo no rumo errado, ou simplesmente não estamos caminhando. Às vezes, como Jacó, encontramos-nos enfrentando uma forquilha na estrada e temos de escolher ou o caminho da obediência ou o caminho da bênção e felicidade. Por que é tão circular nossa jornada para receber aquilo que Deus nos prometeu? O que Deus tem contra o fato de nós tomarmos o caminho mais fácil?

Em tempos como estes, temos de manter claramente em mente duas coisas. Já vimos o plano de Deus de dar alívio contra as ameaças tangíveis e físicas a seu povo, como a fome, mas ele também tem em mente outros alvos. Alguns desses objetivos sobre o futuro de Israel virão à tona no próximo capítulo. Contudo, em retrospectiva no livro de Gênesis, vemos como cada avanço do povo de Deus sobretudo tece também mudanças importantes em suas vidas como indivíduos. A viagem ao Egito, em especial, traz a complexidade dos planos de Deus à frente.

Lembra o que aconteceu com Abraão quase imediatamente após ele ter recebido a promessa de Deus pela primeira vez? Em resposta à fome, ele desceu ao Egito e agiu de modo totalmente antiético para com essa promessa (Gn 12.10-20). Em vez de abençoar a nação anfitriã, Abraão representou erradamente o seu relacionamento a Sara, por medo de ele mesmo sofrer. Permitiu a enganosa aquisição da já casada Sara por parte de Faraó, que levou ao enriquecimento de Abraão, bem como uma maldição sobre aquele, o seu anfitrião. Não foi um grande começo de ser uma bênção a todas as nações! Mais tarde, durante outro tempo de escassez, Deus disse claramente a Isaque: “não desças ao Egito. Fica na terra que eu te disser” (26.2). Então Isaque viajou até a cidade filisteia de Gerar — onde, porém, copiou o exemplo do pai de dizer que sua esposa era a sua irmã. Para Abraão e Isaque, essas experiências revelaram

que o temor de homens e amor por segurança eram mais fortes do que a confiança em Deus e amor por suas esposas, bem como por seus hospedeiros.

Jacó, por outro lado, ficou tentando forçar a mão de Deus para adquirir as bênçãos prometidas por meio dos próprios esforços. Mas Deus o transformou de modo que ele estava disposto a deixar a Terra Prometida e confiar que eventualmente o Senhor traria sua família de volta à sua terra. Quer estejamos indo ou vindo, o Egito geralmente revela mais a respeito da condição espiritual e das idolatrias pessoais de cada indivíduo ou geração do que qualquer outra coisa. Semelhantemente, dependendo da pessoa em vista, Deus usa exatamente as mesmas circunstâncias para ensinar a duas pessoas coisas completamente diferentes. Ele pode também desafiar a mesma idolatria em dois corações diferentes, em situações completamente diferentes umas das outras.

Quando enfrentamos os mais difíceis dilemas, a questão mais urgente em nossos lábios geralmente é: “O que Deus quer que eu faça?” Em vez disso, provavelmente deveríamos perguntar: “O que Deus está me revelando a respeito de meu coração? Como ele está usando isso para desvendar a distância entre os meus valores e os valores dele?”

Por exemplo, minha esposa e eu, tendo filhos pequenos, teremos de fazer escolhas importantes quanto à sua educação. Devemos escolher: mandá-los para a escola pública, escola particular, ou ensiná-los em casa? Ao considerarmos essa decisão, Deus revela algo a respeito de nossos próprios corações. Eu luto contra o ídolo de êxito educacional como veículo de sucesso no mundo. Existe também minha arrogante tendência a ser contraditório e querer fazer algo diferente do que outras pessoas pensam ser a “óbvia” resposta certa. Existem ainda minhas conflitantes idolatrias de conveniência (existe uma escola cristã logo atravessando a rua da nossa casa) e liberdade financeira (a escola pública é de graça). Muitas coisas estão embutidas nessa decisão além de simplesmente a própria decisão!

A forma diversificada de Deus tratar as diferentes idolatrias de Abraão, Isaque e Jacó apontam outra tendência que podemos ter. Uma vez convencidos do que

Deus nos chamou a fazer, talvez tentemos impor a resposta na nossa situação sobre todas as outras pessoas, não obstante a situação em que elas se encontram. Contudo, as circunstâncias podem ser muito distintas, e talvez ele esteja fazendo algo completamente diferente na vida delas. Para outra pessoa, a mesma decisão pode revelar idolatrias variadas e sugerir que escolhas diferentes devam ser tomadas.

Outro aspecto a ser considerado, quando lutamos com os planos circulares de Deus para nossas vidas, é que ele não se ausenta dessa luta. Quando Satanás ofereceu dar a Jesus todos os reinos deste mundo, este poderia ter facilmente sentido que enfrentava a escolha entre o caminho da obediência e o caminho da felicidade. Ele não viera para reinar sobre os reinos deste mundo? Satanás apareceu oferecendo uma rota para receber o reino sem a dor da cruz. Mas Jesus não tomou o caminho sem sofrimento, porque um reino sem a cruz seria também reino sem perdão e sem salvação. A missão de Jesus não era somente de receber um reinado, mas também de salvar pecadores e trazer glória ao Pai criando uma nova humanidade.

A MIGRAÇÃO

Essa nova humanidade é antevista na seção final desta passagem, que faz uma lista de todos os indivíduos que migraram de Canaã para o Egito. A não ser que você seja membro da Sociedade Genealógica Americana, uma extensa lista de nomes pode parecer tão interessante quanto ler a lista telefônica. No entanto, estão ali por uma razão. Como as outras genealogias de Gênesis, essa lista é o ponto da virada no livro neste livro, como um todo. Temos aqui a história da família de Jacó na Palestina chegando a um fim, e o restante do livro estará enfocando os primeiros dias da estada de Israel no Egito.

Contudo, essa lista da família também destaca o primeiro desdobramento da promessa de Deus, de tornar os filhos de Abraão em uma grande nação. Quem teria pensado, anos antes, que Abraão e Sara, casal idoso e estéril, daria origem ao surgimento de *qualquer* família, quanto mais, a setenta pessoas? Além disso, na história que cobre todo o livro de Gênesis, não é acidental que haja setenta.

Os setenta membros da família de Israel fazem eco às setenta nações do mundo que descenderam de Noé (veja Gênesis 10). No meio dessas nações, Deus está preparando um novo povo que cumprirá suas promessas.

É claro, seguir após a árvore genealógica de outra pessoa pode ser ainda mais entediante que a leitura da lista telefônica. Mas se for a sua própria família, a questão é bem diferente. Israelitas que vivessem tempos depois podiam olhar esta lista e ver o que Deus continuou fazendo. A partir de um casal estéril para uma família de setenta membros pode parecer milagroso, mas ele continuou realizando maravilhas. Mesmo quando o Faraó tentou exterminar a família de Deus no Egito (veja Êxodo 1), eles continuaram crescendo e se multiplicando. A primeira edição de Gênesis foi lida a centenas de milhares de pessoas que puderam dizer: “Vejam o que Deus tem feito!”

Podemos dizer o mesmo, porque esta é também a história de nossa família. Em Jesus, os cristãos foram enxertados na árvore genealógica, adotados na família de Abraão. Olhe o que Deus tem feito! Agora são centenas de milhões de cristãos, talvez bilhões, que são irmãos e irmãs em Jesus. Em cada família de nossas igrejas locais, temos privilégio de ser comitê de boas-vindas de Deus em nosso cantinho do mundo, enquanto ele continua fazendo crescer essa família, quer por meio de conversões, reconsagrações, quer por filhos recém-nascidos.

A lista da família de Jacó também destaca a diversidade de pessoas a quem Deus chama para sua família. Quando todos chegaram ao Egito, seria uma reunião de família um tanto esquisita. Alguns eram ricos e influentes, como José. Outros eram João-ninguém: gente como Jaziel, Guni, Jezer, e Silém — ou qualquer das muitas outras pessoas que sequer são nomeadas novamente na Escritura. Havia pessoas desajustadas, como Rúben, eficientes enganadores como Jacó, e aqueles que tinham um histórico de pecado sexual como Judá, mas Deus estava operando em cada um. O mesmo acontece na igreja. Na providência de Deus, você pode ser proveniente de uma família congênita de caipiras como Perez e Zerá, ou um dos meninos de um casamento birracial da cidade grande, como Efraim e Manassés. Não importa.

Todos quantos amam a Jesus são bem-vindos à família de Deus. Por todo o mundo, o Senhor usa sua nova família para trazer homens, mulheres e crianças da fome para a fortuna. Como José, somos chamados a refletir um pouco do que Deus fez por nós em Jesus. Como José, alguns poderão aliviar a sombra da morte por meio de sábia política pública. Outros poderão enviar ajuda financeira por todo o mundo até onde as pessoas estão famintas, feridas e fragilizadas pelo sofrimento. Alguns poderão ir, eles mesmos, para servir, quer a curto prazo, quer por toda uma vida. Alguns têm a oportunidade de abrir suas próprias casas, demonstrando hospitalidade a pessoas necessitadas de nossas famílias, nossa igreja e comunidade. Quase toda igreja tem gente necessitada, como também pessoas ansiosas por vir de encontro aos famintos e sofredos, provendo ajuda prática, emocional e espiritual. Ainda mais, todo crente, desde o mais rico ao mais pobre, tem a oportunidade e alegria de compartilhar a boa-nova de que Jesus vive. Ele é Senhor de toda a criação, que nos convida a deixar nossa fome e carência e entrar no glorioso lugar que ele mesmo preparou para nós! Quando a sombra da morte finalmente tiver passado, nós estaremos ali com ele para sempre.

PARA REFLETIR

1. Quais problemas externos e internos ameaçavam solapar as promessas de Deus à família de José? O plano tortuoso de Deus para a família de José tratou dessas ameaças? Como preparou a Israel para o futuro?
2. José enviou evidência tangível para confirmar a Jacó que ele realmente estava vivo. De que maneira palpável Deus nos relembra de que Jesus realmente vive?
3. Como você tem visto Deus usar as mesmas decisões difíceis de ensinar coisas diferentes a pessoas diferentes? Você espera que outras pessoas aprendam as mesmas lições que você em experiências similares?

4. A grande companhia que migrou para o Egito nos lembra de que Deus cumpre suas promessas à família de Abraão a despeito da disfunção da família de Jacó. Como Deus tem sido fiel às suas promessas a despeito da presença do pecado na sua vida, na vida de sua família, igreja ou comunidade?

¹ As lacunas de sua conversa são destacadas por Bruce Waltke com Cathi J. Fredericks, *Genesis: A Commentary* (Grand Rapids: Zondervan, 2001), 569–70 [*Comentário de Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010].

² “The Passing of the Elves,” *The Fellowship of the Ring*, direção de Peter Jackson (2001; New Line Home Video, 2002), DVD.

MELHOR DO QUE MERECEMOS

(Gênesis 46.28 - 47.31)

“Como vai você?” É essa espécie de saudação que às vezes fazemos uns aos outros sem esperar uma resposta profunda. Com frequência eu respondo com um ambíguo “Ótimo”. Em alguns dias, isso quer dizer “Estou muito bem hoje”; noutros dias, são outras palavras para “Desvairado, inseguro, neurótico e exausto.” Simplesmente não tenho forças para entrar nos detalhes dos meus problemas, e provavelmente você nem queria mesmo saber. Na minha antiga igreja na Califórnia, havia um jovem que, quando alguém perguntava como ele estava, dizia “Melhor do que mereço.” Com certeza essa é uma descrição acertada de como iam Jacó e seus filhos nessa altura da história. Os irmãos de José tinham feito a segunda viagem ao Egito em desespero, esperando apenas conseguir comprar cereal suficiente para sobreviver até que a fome tivesse acabado.

Talvez ainda conseguissem que seu irmão preso, Simeão, fosse solto. Mas não obtiveram aquilo pelo qual fizeram acordo — receberam muito, muito mais! Em vez de meramente obter grãos suficientes para se manter vivos, mandaram que eles trouxessem toda a família para o Egito, para que vivessem da fartura (comereis a fartura da terra, Gn 45.18). Não simplesmente conseguiram recuperar Simeão e devolver Benjamim em segurança a seu pai; receberam também a notícia de que José estava vivo — e era governador de todo o Egito! Os irmãos foram tratados muito melhor do que mereciam. Jacó também. Ele havia deixado Simeão apodrecer no calabouço egípcio, em vez de arriscar seu amado Benjamim. Após a saída de Benjamim para o Egito, Jacó vivia sob o fio da navalha do medo, perguntando se um dia ele o veria novamente. Benjamim não somente voltou em segurança, como também Jacó

recebeu de volta a José, como se tivesse sido morto. Os jumentos que saíram, levando um pequeno presente para esse misterioso governador do Egito, voltaram puxando carroças abarrotadas das melhores coisas do Egito — prova de que as notícias incríveis dos irmãos eram verdadeiras.

Isto é um retrato maravilhoso de como Deus trata conosco. Quando nos aproximamos dele por meio de Cristo, não recebemos o que merecemos. Recebemos muito mais do que podíamos imaginar. Somos perdoados de todos os nossos pecados e transgressões, adotados na família de Deus como filhos e filhas, feitos coerdeiros com Jesus Cristo de uma gloriosa herança eterna (Rm 8.17), e assim, tornamo-nos mais que vencedores, na vida e na morte (Rm 8.37). Mesmo aqui na terra, às vezes experimentamos a rica abundância da provisão de Deus, para que digamos com o salmista: “Caem-me as divisas em lugares amenos, é mui linda a minha herança.” (Sl 16.6).

Temos muito por que ser gratos. Contudo, nossos corações muitas vezes estão cegos à misericórdia e graça de Deus. Gememos e reclamamos sobre qualquer coisa que pareça não estar dando certo em nossa vida, em vez de celebrar e ser cheio de gratidão pelo que está certo. Com certeza é o que faço. Eu tomo como certo as muitas ricas bênçãos que o Senhor me deu e tendo a fixar sobre qualquer aspecto de minha vida que não esteja correndo conforme eu quero. No trabalho, ignoro tudo o que amo sobre o local onde Deus me colocou e reclamo sobre os elementos negativos que são relativamente poucos (como ter de dar notas em trabalhos e provas). Em casa, eu me esqueço dos grandes aspectos da vida com minha esposa e filhos e resmungo no coração quanto às pequenas coisas que eles fazem que me irritam. Regularmente, eu me esqueço de quantas vezes e de quantas maneiras Deus tem me colocado em lugares aprazíveis e murmuro quanto a algumas pequenas coisas que ele não me deu.

Nossos corações resmungões levam-nos a ponderar o elemento central desta passagem: o encontro de Jacó com o Faraó. Quando perguntado sobre sua idade, Jacó provavelmente imaginou que fosse apenas um início de conversa

polida, um antigo “Como você tem passado?” Em uma sociedade que venerava o idoso, era um convite para que Jacó se gabasse um pouco. Porém, a sua resposta foi: “Os dias dos anos das minhas peregrinações são cento e trinta anos; poucos e maus foram os dias dos anos da minha vida e não chegaram aos dias dos anos da vida de meus pais, nos dias das suas peregrinações.” (Gn 47.9).

Dada a oportunidade de testemunhar sobre o poder e graça do Senhor ao homem mais poderoso do mundo, parece que tudo o que Jacó conseguiu afirmar foi: “Minha vida tem sido desagradável, bruta e curta”. Bem, não exatamente. Há uma verdade a mais nessa declaração do que os olhos veem, e quando examinamos o modo como Jacó estava profundamente certo, bem como as maneiras em que estava profundamente errado, podemos ver como essas perspectivas deverão dar forma a ambos, os bons tempos e os tempos difíceis de nossa própria vida.

COMO JACÓ ESTAVA ERRADO

Primeiro, vamos pensar em algumas formas em que Jacó estava profundamente errado. Para início de conversa, ele ainda não estava morto, nem era tempo de morrer para ele. No entanto, sua morte iminente estava na cabeça já há algum tempo. Quando ele viu a túnica de José manchada de sangue, ele estava certo de que desceria ao Sheol em profunda tristeza (Gn 37.35). Quando os irmãos quiseram levar Benjamim ao Egito na segunda viagem, a preocupação de Jacó era que se algo acontecesse a seu filho nessa viagem, isso o mataria (42.38). Quando Jacó ouviu dizer que José ainda vivia, ele declarou que iria até ele antes de morrer (45.28). Mesmo quando finalmente o viu, ele disse: “já posso morrer, pois já vi o teu rosto, e ainda vives.” (46.30). Contudo, Jacó tinha ainda mais dezessete anos para viver na companhia de José (47.28), a mesma quantidade de tempo que passara com José durante os primeiros anos da sua vida.

Como Mark Twain poderia ter dito, os relatos da iminente morte de Jacó foram grandemente exagerados. Interessante é especular se a descrição que Jacó fez de sua vida teria sido diferente se tivesse encontrado o Faraó depois daqueles

últimos dezessete anos de paz, em vez de antes deles. As suas palavras no leito de morte, nos capítulos 48 e 49, sugerem que sim. De qualquer modo, sua declaração demonstra alguém tão virado para dentro de si por um acontecimento que devastou o coração, que ele perdera a capacidade de reconhecer qualquer outra coisa que Deus tivesse dado a ele. O Senhor interveio na situação de Jacó e a virou de modo dramático, embora ainda parecesse que Jacó estava determinado a definir a vida pela dor, em vez de defini-la pela redenção que Deus deu a partir dessa dor. Ele havia sofrido profunda e dolorosamente pelo pecado de outros contra ele, e isso se tornou a história definidora da sua vida.

Também não parece que Jacó assumia qualquer responsabilidade pelo próprio pecado em tornar miserável a sua própria vida. Com certeza, outras pessoas pecaram contra ele de modo significativo. Seu pai, Isaque, favorecia seu irmão ligeiramente mais velho, Esaú, criando uma profunda rivalidade na família. Esaú queria matar Jacó, forçando-o a fugir de sua casa e família. O seu tio Labão o enganou e abusou de sua confiança, dando em casamento primeiro à desprezada Lia e então usando-o como trabalhador barato para cuidar dos seus rebanhos. Finalmente, os próprios filhos de Jacó o enganaram e arrebataram a José. Contudo, ele não tinha sido exatamente um espectador curioso em sua própria vida, meramente observando o mal que acontecia a ele, mas fora participante ativo em cada uma dessas situações, errando tanto quanto fora também vítima de pecados alheios, pecando e criando grande parte dos problemas que retornariam sobre sua própria cabeça. À luz dessa realidade, parece que uma avaliação mais sóbria é que a vida de Jacó na verdade tinha sido muito melhor do que ele merecia. Olhe de quantas maneiras Deus cumpriu suas promessas a ele: de errante em Betel, fugindo de casa levando apenas uma vara para a caminhada, Jacó agora se tornara patriarca de uma família de setenta pessoas. O Senhor cumpria a sua promessa de fazer dele uma grande nação. Ainda mais, ele estava protegendo e provendo ricamente para essa nação, pois enviou José adiante deles ao Egito e o levantou a essa posição de liderança, para

que Israel continuasse vivo e não morresse. A provisão incrivelmente generosa de Deus por seu povo é um tema-chave dessa passagem. Quando os irmãos de José apareceram diante de Faraó, ele mandou José estabelecer sua família na melhor terra do Egito (Gn 47.6) — uma ordem que ele cumpriu fielmente (47.11). Eles receberam um lugar aprazível em que morar, na terra de Gósen, onde podiam criar seus rebanhos e suas famílias com segurança e conforto.

A vida no Egito durante esse tempo também foi significativamente melhor do que a da população nativa. Durante a fome, o resto do Egito estava desesperado por comida, a ponto de vender suas terras, gado e a si mesmos a Faraó, tornando-se servos escravizados (Gn 47.20-21). Acabaram trabalhando a terra que originalmente fora deles, agora com a exigência de mandar um quinto da produção para Faraó como sinal de que ele era o proprietário. Os egípcios eram gratos por esse acordo, pois por ele José preservou suas vidas, assim como preservou as vidas de sua própria família (47.25). Na verdade, segundo antigos padrões, era uma taxa modesta de imposto; o índice médio era mais ou menos um terço.¹ Mas essa escravidão e servidão para os egípcios em sua própria terra contrastavam fortemente com a liberdade e prosperidade da família de Jacó. Embora fossem estrangeiros e forasteiros na terra do Egito, receberam uma herança ali, por meio de José (47.11) e não parece que tiveram de vir repetidamente ao irmão mendigar por comida. Para os israelitas dos dias de Moisés, deve ter parecido estranho lembrar de um tempo quando eram a classe próspera do Egito e os egípcios estavam em servidão, e não o contrário.

Antes de Jacó deixar a Terra Prometida, Deus prometeu estar com ele, acompanhando-o ao Egito (Gn 46.4). Sem, isso, todas as outras bênçãos não seriam suficientes. A bênção da presença e do favor de Deus, a bênção para a qual Jacó lutara a vida inteira, continuava a repousar sobre ele, apesar de sua contínua pecaminosidade e seu egocentrismo. De fato, o Senhor prometeu que a mão de José fecharia os olhos de Jacó (46.4). Apesar do foco idólatra de Jacó sobre José, Deus não roubou o objeto da sua idolatria. Em vez disso, com misericórdia ele prometeu-lhe o consolo de ter seu filho favorito junto dele no

final. O Senhor certamente tratou muito melhor a Jacó do que ele merecia. Será que ele não pôde ver algo da bondade de Deus em tudo isso? José podia dizer aos irmãos: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem” (veja Gn 50.20), mas Jacó só chegou a afirmar “Vocês intentaram o mal.”

Não somos nós, porém, muitas vezes como Jacó? É fácil olhar à nossa volta as circunstâncias da vida e ver todas as maneiras em que não são o que planejávamos ou esperávamos. Quem sabe, você ansiava por ser casada, ou ter filhos, ou ter um casamento melhor, ou filhos mais tranquilos. Talvez você desejasse mais dinheiro para pagar suas contas, ou mais tempo para gastar com a família, ou menos tempo a gastar sozinho. Talvez você esteja orando por ser liberto de uma luta que define sua vida, ou um pecado que aflige constantemente. A lista de coisas que queremos vai longe, e não é necessariamente uma lista de desejos triviais ou maus. Nossa lista é muitas vezes povoada de coisas boas que desejamos e males autênticos dos quais queremos ser liberados. Talvez você tenha orado sobre essa lista há anos, pedindo que Deus lhe dê essas bênçãos particulares e o livre desses sofrimentos constantes. Contudo, no processo de pensar em todos os aspectos da sua situação que não deram certo conforme você queria, será que não deixou de ver as coisas boas que o Senhor está fazendo em você, como também todas as bênçãos para as quais você não dá atenção porque julga como óbvias? Isso é verdade para nós tanto quanto foi para José e Jacó, que as coisas que outros fizeram de mal, Deus tornou em bem. Nenhuma das nossas dores, provações, esperanças frustradas ou dificuldades são desperdiçadas na sabedoria de Deus. Se fosse bom que você tivesse as coisas que tanto almeja, nosso Senhor misericordioso e generoso as daria livremente a você. Talvez as dê no futuro, de maneira que ficará ainda mais evidente que eles são dons dados por ele. Quem sabe, em sua inacreditável graça, o seu José será aquele que fechará os seus olhos quando Deus lhe conceder o último anseio de seu coração. Ou talvez ele o fortaleça para que você tenha condições de viver com essas boas dádivas e testificar no meio dessa

ausência que somente Deus é suficiente para você. Talvez ele lhe dê a graça de suportar uma luta de toda a vida em busca de contentamento, ao batalhar um coração teimoso que não se submete facilmente à sabedoria de Deus, descobrindo que a sua incrível graça é mais uma vez estendida a você no meio de seus constantes resmungos e queixas. Talvez hoje mesmo ele o capacite a olhar à sua volta e ver alguns sinais de seu amor por você, o qual não merecemos, nas pessoas que ele trouxe à sua vida e as boas dádivas que ele nos deu. Mesmo quando reconhecemos os profundos desafios de nossas vidas, ainda poderemos confessar que, na verdade, Deus nos tratou muito melhor do que merecemos.

COMO JACÓ ESTAVA CERTO

Contudo, essa não é toda a história. Jacó não estava completamente errado em sua avaliação de sua vida como sendo vexatória, brutal e curta. Sempre há algumas maneiras em que tal caracterização fosse profundamente correta. Ele tinha sofrido muito em sua vida. José não foi o único a lidar com uma vida de intensa dor nos últimos vinte anos; Jacó também foi profundamente enlutado. Nem era a vida um passeio tranquilo antes disso tudo. De algumas maneiras, a jornada de Jacó foi muito mais dura do que o caminho que Deus dera para seu pai, Isaque, e talvez mesmo de seu avô, Abraão. Ele ainda não estava morto, mas a sua vida seria mais curta do que a dos outros patriarcas: 147 anos, comparados a 175 de Abraão e 180 de Isaque.

Quem sabe, por causa do que ele sofrera, Jacó tenha caracterizado corretamente a sua experiência de vida aqui na terra como uma peregrinação. Houve uma mudança-chave entre a pergunta de Faraó e a resposta de Jacó. Faraó perguntou: “Quantos são os dias dos anos de sua *vida*?” Mas Jacó respondeu, “Os dias dos anos de minha *peregrinação* são 130 anos” (Gn 47.8-9). Jacó sabia que seu tempo sobre a terra não era sua vida; era meramente uma jornada, uma estada temporária em algum lugar, não uma residência permanente. Ele tinha pulado da Terra Prometida a Padã-Arã, voltando para a Terra Prometida e agora descendo para o Egito. Ainda que o Egito

provavelmente tivesse provido, no decorrer dos próximos dezessete anos, a melhor situação de vida que Jacó tinha experimentado, ali jamais seria seu lar. O Senhor que prometeu descer com ele ao Egito também prometeu levá-lo de volta a Canaã (46.4). A saída de Jacó e sua família da Terra Prometida era apenas temporária, razão pela qual ele fez José jurar que depois de sua morte não seria enterrado no Egito, mas seu corpo seria levado de volta para o jazigo familiar de Macpela (47.29-31).

José também reconheceu que o tempo da família no Egito seria uma residência passageira, não chegando a ser destino permanente. Foi por isso que ele detalhou cuidadosamente o encontro dos irmãos com Faraó, certificando-se de que eles estariam acomodados com segurança em Gósen, na berlinda da vida egípcia, onde pudessem seguir seu meio de sustento como pastores de ovelhas, algo que era abominação para os egípcios (Gn 47.1-4). Ele não queria que eles fossem atraídos para o estilo de vida egípcio, mas que permanecessem à margem, prontos a sair quando Deus os chamasse. Melhor de tudo, Gósen estava na orla oriental do Egito, convenientemente situado para quando finalmente eles fizessem seu êxodo.

Isso nos desafia a refletir como consideramos os dias dos anos de nossas vidas. Se nosso tempo aqui na terra for tudo que existe, e este mundo for nosso verdadeiro lar, faz perfeito sentido que sejamos arrasados quando não conseguimos aquilo que queremos. Se este mundo é toda nossa vida, e nossos dias são poucos e maus, então perdemos no único jogo que realmente conta. Porém, se este mundo não for nosso verdadeiro lar, mas apenas uma parada temporária na jornada para nosso lar celestial, então isso põe em perspectiva totalmente diferente tanto os nossos sofrimentos presentes quanto as nossas glórias atuais. Compreendemos isso quando se trata de viagens terrenas. Se uma nevasca desce enquanto estamos viajando e ficamos forçados a buscar refúgio em um hotel barato, nós não reclamamos quanto à combinação de cores do quarto nem corremos até a loja local para substituir a cortina do chuveiro e as cortinas antiquadas do quarto. Nós lembramos apenas que estaremos por lá só

por uma ou duas noites. Aturamos quase qualquer coisa por duas noites, sabendo que depois conseguiremos voltar para casa e riremos da experiência que passamos. Alternadamente, se estivermos viajando a negócios e nos é dado uma suíte cinco estrelas num hotel de luxo, podemos nos deleitar com isso por uma ou duas noites sem nos enganar pensando que amenidades maravilhosas são permanentemente nossas agora por direito. Banheiros de mármore, roupões de pelúcia e serviço diário de empregada particular podem ser belos, mas são apenas temporários.

Assim também, este mundo não é nosso verdadeiro lar; é uma parada transitória em nossa jornada maior. Nossas alegrias daqui podem nos dar razões para sermos gratos ao Deus de quem provém toda boa dádiva, mas elas não são o que nos define. Nossos sofrimentos e as decepções que passamos aqui podem causar lágrimas aos olhos e tristeza aos corações, mas nos lembramos de que a alegria virá pela manhã (Sl 30.5). Quando chegarmos a nosso verdadeiro destino, essas lágrimas serão limpas e as tristezas serão consoladas. No tempo em que estamos aqui, esses sofrimentos e desapontamentos nos vêm da mesma mão que nos dá as bênçãos, como expressão da sabedoria paterna que conhece exatamente aquilo de que precisamos para crescer no conhecimento de nosso próprio Coração, de nossa fé nele e dependência dele.

Uma segunda coisa sobre a qual Jacó estava certo era quanto ao seu desejo de ver cumprida a promessa de Deus. Podemos ouvir esse anseio naquilo que ele disse ao ver finalmente José: “Já posso morrer, pois já vi o teu rosto, e ainda vives” (Gn 46.30). Isso é quase exatamente o que o idoso Simeão disse quando colocaram o bebê Jesus em seus braços:

Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo,
segundo a tua palavra;
porque os meus olhos já viram a tua salvação,
a qual preparaste diante de todos os povos:
luz para revelação aos gentios,
e para glória do teu povo de Israel (Lc 2.29-32).

Há aqui a mesma espécie de toada messiânica no que Jacó estava dizendo, reforçando a impressão de que o que via em José era produto de mais que um simples afeto paternal. Ele havia colocado sobre José todas as suas esperanças de ver o cumprimento da promessa de Deus a Abraão. A ideia era natural, sendo que José era o primogênito filho da esposa favorita de Jacó, Raquel. Por isso é que ele destacou José em primeiro lugar para receber a túnica especialmente enfeitada (Gn 37.3). Isso deve ter sido reforçado pelos sonhos de José que mostravam-no recebendo honrarias, não somente dos irmãos e pais, como até mesmo de todo o universo — sol, lua e estrelas. Esses sonhos provocaram inveja nos irmãos, mas Jacó “considerava o caso consigo mesmo.” (37.11).

Certamente foi por isso que Jacó tomou a aparente morte de José como sendo tão trágica, recusando ser consolado pelos outros filhos. Lamentar a perda de um filho é natural; porém, o luto irrestrito e inconsolável significa que algo mais esteja em operação.

Mas agora Jacó e José foram reunidos. Eles se abraçaram e choraram, e Jacó declarou: “Já posso morrer, pois já vi o teu rosto, e ainda vives” (46.30). Por que Jacó teria estado tão pronto a morrer, não fossem suas esperanças pelo cumprimento restaurado da bênção de Deus a Abraão?

A expectativa de Jacó de que a promessa seria passada adiante através de José era totalmente razoável e sensata — e estava completamente errada. Este é o herói da história, a personagem mais incólume que encontramos no livro de Gênesis, e o primogênito filho da esposa amada; certamente ele seria o homem ideal para portar a bênção abraâmica. Contudo, Deus determinou que a linha da promessa descendesse, não de acordo com o merecimento humano, mas de acordo com a graça. A linha por meio da qual o Messias viria não consistiria de heróis imaculados; pelo contrário, passaria pela união imoral de Judá e Tamar, sua nora canaanita, a quem Judá confundira com uma prostituta (Gn. 38). Deus queria deixar claro que a sua escolha dos que ele chama para ser seus servos não é baseada no desempenho. Ele pode usar igualmente os bons e os maus. A entrada em seu reino não se limita a personagens exemplares como José; está

aberta para cobradores de impostos e pecadores, prostitutas, viciados em drogas e membros de gangues. Está aberta até mesmo para gente como eu: um arrogante empreendedor que muitas vezes se impressiona demais com o seu próprio desempenho. A promessa do Espírito Santo se estende a “para quantos o Senhor nosso Deus, chamar” (At 2.39). Não há, portanto, lugar para orgulho. Deus não o escolheu por você ser mais inteligente ou mais moral que seu vizinho; é tudo uma questão de graça. Conforme Paulo observa:

pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus. (1Co 1.27-29)

O reverso disso é que não existe lugar para favoritismo. A mensagem do reino é para ser pregada livremente a todos: ricos e pobres, morais e imorais, influentes e desprovidos de poder. Em nossa sabedoria limitada, nós talvez favoreçamos a José, enquanto Deus, em sua sabedoria infinita, escolhe salvar Judá.

TRANSMITINDO A BÊNÇÃO

Mesmo enquanto Jacó estava completamente errado ao pensar que a bênção passaria pela linha de José, ele estava inteiramente certo na confiança que tinha de que havia uma bênção a ser transmitida. Temos aqui um homem que se tinha tornado paupérrimo pela escassez de alimentos, o “cabeça” de uma família de pastores seminômades. No entanto, quando ele encontrou com Faraó, o homem mais poderoso do mundo da época, foi Jacó quem abençoou a Faraó e não o contrário. Que ousadia! No mundo antigo, a pessoa de maior importância sempre abençoava a menor. Como foi audacioso, portanto, que Jacó abençoasse a Faraó! Teria sido um ato insuportavelmente arrogante, a não ser que viesse de um homem que lembrava a promessa do Senhor a seu avô, Abraão, de abençoar todas as famílias da terra por seu intermédio (Gn 12.1-3). Deus havia abençoado a Jacó para que ele pudesse ser uma bênção às nações. Assim, quando ele encontrou-se com Faraó, pronunciou uma bênção sobre ele pela fé. Jacó

entendeu que possuía algo valioso a dar ao poderoso Faraó: a bênção do Deus Todo-Poderoso.

No final, essa bênção para todas as nações é encontrada na pessoa de Jesus Cristo, o verdadeiro filho de Abraão. Qualquer outra coisa que tenhamos ou não a oferecer ao povo a nosso redor, o maior tesouro que possuímos é Jesus. A maior bênção que podemos transmitir aos nossos amigos, à nossa família e aos nossos filhos é Jesus Cristo.

Ele experimentou a dor e o sofrimento que acompanham toda peregrinação aqui na terra. Os dias de sua jornada terrena foram muito mais curtos que os de Jacó — menos ainda que metade da norma bíblica para o tempo de vida, setenta anos. Aqueles poucos dias foram cheios de profundo sofrimento e dor. Ele conhecia bem o que era doença e tristeza, em luto por amigos que morrem, com a traição e o abandono da parte de seus discípulos e, finalmente, com a profunda separação do seu amado Pai quando sobre a cruz. Se alguém no mundo tinha direito de classificar os dias dos anos de sua jornada como sendo horríveis, brutais e curtos, foi Jesus. Contudo, não vemos nada da amargura de Jacó em Jesus, e sim, um espírito de gratidão constante pelas boas dádivas do Pai, submissão aos amargos aspectos da vontade de seu Pai, e perdão para aqueles que pecaram contra ele. Ele tomou sobre si essas grandes e duradouras aflições em nosso lugar, para que nós, sua família, pudéssemos receber a bênção que havíamos perdido mediante nosso pecado, e pudéssemos gozar a vida além desta vida, um verdadeiro lar ao final de nossa jornada terrena. Ele também tomou esses sofrimentos sobre si pela alegria que estava diante dele, a alegria de ganhar de volta um povo que se tornasse a possessão especial e preciosa de Deus (Hb 12.2). Por meio de Cristo, a misericórdia do Senhor agora repousa sobre alienados e estrangeiros de todas as nações, que ao virem a Deus recebem nele o descanso eterno para suas almas.

Em Cristo, não recebemos o que merecemos. Em vez disso, recebemos aquilo que é tão maravilhoso que jamais poderíamos merecer: a sobrepujante graça de Deus. Essa graça toma nossa dor e nosso sofrimento e a entretece

como parte do glorioso propósito redentivo de Deus. Nossos pecados são pregados sobre a cruz com Jesus, para que não mais tenhamos as suas consequências, e a justiça perfeita de Cristo é dada a nós, a fim de que agora recebamos o favor do Pai, ganho pelo Filho por seu obediente sofrimento. Essa graça abre agora o caminho para o lar celestial e nos assegura que, quaisquer que sejam as circunstâncias de nossa jornada terrena, quer boas quer más, há uma gloriosa herança guardada para nós, que não poderá ser roubada por ladrões nem destruída pela traça, e da qual nenhum poder no céu, na terra, ou debaixo da terra poderão nos separar. Nossa bênção é uma herança prometida, guardada segura para nós por Deus, um verdadeiro lar onde a glória nos aguarda nos braços de Jesus.

PARA REFLETIR

1. Como foi equivocada a avaliação de Jacó sobre a sua própria vida? No que ela foi acurada?
2. Como Deus tratou Jacó, José e seus irmãos melhor do que mereciam?
3. Como Deus tem tratado você melhor do que merece?
4. Quais as coisas que você merecia justamente que caíram sobre Jesus em vez de sobre você? Quais os merecimentos justos de Jesus hoje você goza? Quais os merecimentos justos de Jesus você gozará no futuro?

¹ Bruce K. Waltke com Cathi J. Fredericks, *Genesis: A Commentary* (Grand Rapids: Zondervan, 2001), 591
[*Comentário de Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010].

FAMOSAS ÚLTIMAS PALAVRAS

(Gênesis 47.28 - 48.22)

Existe uma razão por que as pessoas documentam as últimas palavras dos que morrem. Às vezes, claro, essas últimas palavras não são particularmente profundas, como quando Humphrey Bogart concluiu sua vida dizendo: “Eu nunca deveria ter trocado o *whisky* para *martini*.” Porém, muitas vezes, o processo de morte concentra a mente nas coisas mais importantes, especialmente quando esse processo de morte é longo e demorado. A morte muitas vezes despoja o fingimento e a hipocrisia, desnudando a verdade sobre a alma da pessoa. Era interessante, portanto, ler o artigo final do ateu Christopher Hitchens antes de morrer após uma longa batalha com o câncer. De estilo caracteristicamente chistoso e pensativo, Hitchens explorou a insensatez do ditame de Nietzsche: “Tudo que não me mata apenas me torna mais forte”, concluindo, em vez disso, que há no mundo muitas coisas que podem não nos matar, mas com certeza nos tornam mais fracos do que quando nos encontraram, incluindo muitos tratamentos modernos contra o câncer.¹

Em Gênesis 48 e 49, temos as últimas palavras de Jacó. Em contraste à firme crença de Hitchens, que acreditava que esta vida é a única que existe, o testamento final de Jacó está cheio de fé e esperança no Deus que tem um propósito para sua vida antes dele ter nascido e que não acabou quando ele morreu. O contraste dessas duas reflexões é completo: um acreditava que não existia Deus, mas que se deveria gozar a vida assim mesmo, enquanto o outro viu toda sua vida definida por seu relacionamento com Deus — quer estivesse buscando, fugindo dele ou lutando com ele. Hitchens acreditou que o viver não tinha significado além do que investimos nele, que a morte é o fim de tudo e

que nada existe além dela. Jacó aguardava o cumprimento de Deus das suas promessas a ele e a seus descendentes depois dele por todas as gerações vindouras.

Esta passagem desafia cada um de nós a ponderar o que cremos sobre a vida — e sobre o modo de pensar em nossa própria mortalidade quando inevitavelmente a morte chegar.

UMA BÊNÇÃO NO LEITO DA MORTE

Gênesis 48 abre com José levando os dois filhos diante do idoso e quase cego Jacó, para serem abençoados. Esta cena recorda o tempo quando Jacó veio receber a bênção de seu próprio pai Isaque, idoso e visualmente impedido (Gn 27). Naquela ocasião, Isaque tentou manter segredo da cerimônia a fim de abençoar o seu filho favorito, Esaú, em vez de Jacó, apesar do oráculo de Deus em favor de Jacó antes do seu nascimento. Desta vez, ainda que ocorresse outra reversão, os dois filhos vieram, ser abençoados abertamente, sem decepção ou engano.

Conquanto Esaú fosse excluído, ambos os filhos de José receberam a bênção, como aconteceria também com os demais irmãos de José em Gênesis 49. A linha da promessa de Deus agora tinha galhos como uma árvore, enquanto a família abençoada se tornava em harmoniosa comunidade de pessoas (48.4).

Quando Jacó ouviu dizer que José chegara, juntou forças para sentar-se e entregar sua profunda reflexão final. Talvez engatilhada pelo pensamento da semelhança desse momento ao episódio de sua juventude, começou a refletir sobre sua própria vida. Recordou a experiência de sair e de retornar a Canaã, algo destacado por dois eventos-chave (Gn 48.3-7). Quando deixou a terra de casa sem nada, recebeu a promessa de Deus de bênção em Luz (conhecida mais tarde como Betel; Gn 28). Depois, em seu retorno à Terra Prometida vinte anos mais tarde, a sua amada Raquel faleceu e foi enterrada em Canaã, na estrada para Belém.

Estes dois eventos representam a vida de Jacó como um todo, que, do começo até o fim foi vivida na tensão entre a maravilhosa promessa de Deus e a

amarga realidade das dores e lutas da vida. Deus prometeu a Jacó, no começo de sua jornada de vida, a bênção dada originalmente a Abraão, de que seria um povo poderoso e harmonioso, recebendo a terra de Canaã como possessão eterna. Contudo, durante o tempo de sua própria vida, ele não chegou a ver nada remotamente próximo ao cumprimento dessa promessa.

Primeiro, ele recebeu a promessa enquanto saía da terra, fugindo para salvar sua vida; e quando voltou a Canaã, esse retorno foi marcado, não por uma entrada triunfal a sua herança prometida, mas por uma experiência da mais profunda dor e perda possível, a morte de uma esposa amada. É, portanto, uma marca da profunda fé de Jacó no final de sua vida que desejava transmitir esta bênção aos seus netos. Embora não tivesse visto, ele mesmo, seu cumprimento, ainda acreditava apaixonadamente que a bênção prometida era importante e valia a pena ser transmitida. Até mesmo a experiência da perda devastadora de Jacó em Efrata tornou-se testamento à sua fé em Deus. O desejo de Raquel em sua morte era chamar o bebê recém-nascido de Ben-oni (“filho de minha aflição”). Porém, Jacó deu-lhe o nome Benjamim (“filho de minha destra”), proclamando sua confiança de que Deus transformaria as circunstâncias dolorosas do nascimento de Benjamim em uma bênção, trazendo à tona algo belo de seu profundo sofrimento.

Essa mesma fé deu forma ao pensamento de José também, conforme testemunhava agora o nome de um dos meninos diante de Jacó. José lhe deu o nome de Efraim (“frutífero”), porque “Deus me tornou frutífero na terra de minha aflição” (Gn 41.52).

Jacó e José foram unidos em sua fé nascida de duras experiências, de que Deus podia transformar tristezas e aflições em bênçãos frutíferas.

Talvez você se encontre neste exato momento no meio de alguma amarga decepção e sentimento de perda. Pode ser um relacionamento despedaçado, ou severos desafios de saúde, ou a perda de alguém a quem você amava muito. Lágrimas e sofrimento são frequentemente parte de nossa peregrinação terrena, assim como o foram para Jacó e José. Contudo, o Deus soberano a quem

servimos é capaz de trazer frutos desses sofrimentos. Ele é capaz de transformar o descendente nascido da amarga experiência da aflição para o mais precioso e profundo marcador de sua proximidade a nós, enquanto anda ao nosso lado quando atravessamos as mais profundas trevas.

A PROMESSA DE TERRA

A despeito dos desafios e dolorosos desapontamentos da vida, a fé de Jacó na promessa de Deus de que daria terra e família corre como um fio dourado por todo este capítulo. Primeiro, há uma promessa de terra. Não é coincidência que ambos os eventos-chave da vida de Jacó de que ele se lembra tenham ocorrido “na terra de Canaã” (Gn 48.3, 7). Não foi impulso aleatório que levou Jacó a dar a José o único pedaço da Terra Prometida que ele mesmo conquistara, um cume que tomou dos amorreus com seu arco e espada (48.22). Esse foi pedido notável, sendo que José era a segunda pessoa no governo do Egito e tinha ali abundantes possessões. Por que ele precisaria de um pequeno pedaço de terra na longínqua Canaã? Não seria isso tão útil quanto aquela ridícula blusa de lã que sua tia avó insiste em tricotar para dar a você no Natal? Esse presente era símbolo da firme fé de Jacó de que Deus um dia levaria os descendentes de José de volta à terra de seus antepassados, e que viria um tempo quando essa propriedade se tornaria valiosa herança.

Dado o foco dessas bênçãos na promessa de terra, seria melhor traduzir a bênção de Jacó sobre Efraim e Manassés no versículo 16, como “cresçam em multidão no meio do *terreno*” em vez de “no meio da *terra*.” A palavra hebraica *'erets* pode ter significado de terra ou solo, o que leva a confusão em outros lugares na Bíblia. Nas Bem-aventuranças, por exemplo, quase todas as traduções para o inglês têm Jesus dizendo: “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra” (Mt 5.5). Mas Jesus está citando o salmo 37.11 que diz: “Mas os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância de paz.” Que diferença faz essa tradução? A resposta é que não é necessário qualquer interesse espiritual para o desejo de herdar a terra. Podemos herdar a terra enquanto vivemos no Egito tão facilmente quanto em Canaã. Porém, herdar um pedaço de terra envolve

receber com mansidão a porção que o Senhor demarcou para você, quer seja grande ou pequena, fácil ou desafiadora. Jacó não estava pedindo que os filhos de José se tornassem necessariamente famosos, conforme o mundo considera a grandeza; pelo contrário, ele desejava que Deus os fizesse grandes na Terra Prometida, no lugar onde o Senhor escolhera colocar o seu nome. Essa distinção oferece uma medida útil para nossas próprias esperanças e sonhos. Você anseia por tornar-se grande na terra — ser a espécie de pessoa que todo mundo inveja porque tem tudo: carreira, influência, família perfeita, saúde invejável? Ou o desejo do coração é tornar-se grande na terra, buscando as bênçãos espirituais que se encontram somente no reino de Deus?

No Sermão da Montanha, Jesus diz que a grandeza do reino é muito diferente da grandeza mundana. Aquela significa contentar-se com a pobreza, servidão e carregar a cruz, enquanto nossas vidas se conformam, cada vez mais, ao modelo cruciforme da vida de Cristo. Ela significa crescer em mansidão, não em autoassertividade. Significa aprender a lamentar e nos mover em direção daqueles que sofrem dor, em vez de evitar o sofrimento para nós e nas vidas dos outros. Significa amar e buscar, ir atrás da paz — que muitas vezes é de longe mais caro do que procurar fazer nossa própria vontade. A grandeza do reino às vezes significará perseguição, abandono e traição da parte daqueles que estão ao nosso redor, encontrando ainda Deus como nosso refúgio. É essa espécie de grandeza que Jacó pede para Efraim e Manassés, e é a espécie de grandeza que Jesus nos conclama a buscar. É claro que ninguém deseja naturalmente esse tipo de grandeza. Grande parte da longa e dura labuta do discipulado envolve o retreinamento que Deus faz de nossos apetites para longe das coisas superficiais deste mundo, direcionando-os aos tesouros perenes que só se encontram nele.

A PROMESSA DE UMA FAMÍLIA

Ao longo da promessa do Senhor de dar uma terra, estava a promessa de família. Jacó disse acerbamente a José: “Eu não cuidara ver o teu rosto; e eis que Deus me fez ver os teus filhos também” (Gn 48.11). A aparente perda de José foi um dos desafios mais dolorosos e difíceis da vida de Jacó, no entanto, no final, o

Senhor não apenas restaurou-lhe José, como também o capacitou a ver seus netos, os filhos de José. Que transformação da tristeza para a alegria! Porém, as palavras de Jacó não foram apenas a alegria de um avô feliz. Literalmente, ele chamou os meninos de José de sua “semente,” fazendo alusão à promessa da bênção de Deus sobre a semente de Abraão, e por trás da promessa de Deus de enviar a semente da mulher, que esmagaria a cabeça da serpente, assim restaurando a humanidade à comunhão com Deus (Gn 3.15). Essa promessa a Abraão de numerosos descendentes agora foi passada para a geração seguinte, quando Jacó pede a Deus que os filhos de José se tornem em multidão (48.16). Na verdade, embora ambos os filhos fossem abençoados com muitos descendentes, a maior bênção foi dada ao irmão mais novo, Efraim, em vez do mais velho, Manassés. Mais uma vez, Deus reverteu a ordem natural das coisas. Efraim seria multidão de nações. Essa foi outra parte da promessa de Deus que Jacó mal começara a ver cumprida. A família que desceu ao Egito era de meramente setenta pessoas, uma gota no balde transbordante da população do Egito. Eles poderiam facilmente ter se perdido sem deixar vestígios, assimilados à população egípcia mais ampla. Contudo, pela fé, Jacó antecipou e orou por aquilo que os primeiros ouvintes desta história puderam ver com os próprios olhos: a vasta multidão de seus descendentes que emergiram do Egito debaixo de Moisés uns quatrocentos anos depois.

Sustentando essas promessas de terra e descendência estava o caráter do Deus de Jacó, peça central do testamento de Jacó neste capítulo. Comentamos anteriormente sobre a natureza pessimista do testemunho de Jacó perante Faraó quando ele chegou ao Egito: “Os dias dos anos das minhas peregrinações são cento e trinta anos; poucos e maus foram os dias dos anos da minha vida e não chegaram aos dias dos anos da vida de meus pais, nos dias das suas peregrinações” (Gn 47.9).

Porém, aqui, após dezessete anos de paz, com José ao seu lado, ele é capaz de fazer uma avaliação mais equilibrada de sua vida. Com certeza, a sua vida fora indelevelmente marcada pelo sofrimento e pela tristeza, marcas que eram

proeminentes nesta reflexão. A morte de Raquel e a perda de José eram apenas duas das duras experiências que clamam por ser lembradas. Porém, com a maior perspectiva daqueles últimos anos felizes no Egito, Jacó pôde ver e testificar quanto ao que Deus fizera através de sua vida. Assim, em Gênesis 48.15-16, ele descreve o Senhor como:

O Deus em cuja presença andaram meus pais Abraão e Isaque, o Deus que me sustentou durante a minha vida até este dia, o Anjo que me tem livrado de todo mal, abençoe estes rapazes; seja neles chamado o meu nome e o nome de meus pais Abraão e Isaque; e cresçam em multidão no meio da terra.

Aqui Jacó destacou dois aspectos do caráter de Deus: ele é fiel, e ele é o pastor que redimirá seu povo de todo mal.

O DEUS FIEL

Primeiro, o Deus de Jacó é fiel. O Senhor era o Deus de seu pai e de seu avô antes dele, o de Abraão e Isaque. Ele seria o Deus de seu filho e dos netos depois deste: o Deus de José, o Deus de Efraim e Manassés, como também o Deus dos seus descendentes até o dia presente. Esta é uma verdade preciosa. Na Bíblia, o Senhor não vem aleatoriamente às pessoas como indivíduos desconectados; ele as trata como famílias. Muitos de nós somos testemunhas desse fato. Não fomos o primeiro de nossa família a crer em Cristo: nossos pais creram antes de nós, e em alguns casos, os pais deles por muitas gerações passadas. Em outros casos, talvez você seja o primeiro da família a confiar em Deus. Mesmo assim, você não foi salvo sozinho. Deus faz a promessa de ser não somente o seu Deus, como também o Deus de seus filhos, atraindo-os a ele pela fé em Cristo.

Esta é a lógica por trás do batismo dos filhos da promessa. Se Deus nos tratasse apenas como indivíduos deixados a fazer sua própria decisão pessoal quanto a querer ou não segui-lo, o batismo infantil não faria sentido. Não teria sentido que somente batizássemos os adultos na altura em que eles professassem a fé pessoal em Cristo. Mas Abraão não esperou até Isaque ser adulto para circuncidá-lo; foi ordenado a fazê-lo ao oitavo dia, como marca da escolha soberana do Senhor de ser o Deus de Isaque (Gn 17.10-14). Isaque fez o

mesmo a Jacó, lembrando o chamado de Deus sobre a vida deste antes mesmo dele nascer, pois percebeu que o que era de primeira importância era a escolha de Deus, não a escolha de Jacó. É claro que a circuncisão, assim como o batismo, não era garantia automática de bênção. Ismael e Esaú foram fisicamente circuncisos, mas ao crescer, ficou claro que seus corações não tinham sido renovados por Deus. Eles tinham a forma da bênção, mas não a realidade.

A circuncisão dos filhos no Antigo Testamento nunca foi testemunho sobre a escolha da pessoa para que o Senhor fosse seu Deus; era sempre um ato de fé indagadora da parte do pai de que o Senhor estava pronto a ser também o Deus dos seus filhos. Como é maravilhoso que o Deus santo, Criador do universo, esteja disposto a ser também o Senhor de nossos filhos! Quando os batizamos, declaramos que a promessa de Deus no dia de Pentecostes ainda hoje é verdadeira: o Senhor prometeu dar-nos seu Espírito Santo a nós e a nossos filhos — como também a muitos que ainda se encontram longe, que não vieram de lares e famílias cristãs, mas que, pela maravilhosa graça de Deus, serão incluídos e incorporados à família quando adultos (At 2.38-39). Nosso Deus é fiel a nós e aos nossos filhos, e promete dar o dom da fé em Cristo a todos os que escolheu e chamou.

Essa fidelidade de Deus é intensamente preciosa a todos os que se conhecem como pais disfuncionais. Diariamente, pecamos contra nossos filhos, amando-os pouco ou amando-os demais. Por vezes os expomos, impensados, a situações perigosas, enquanto em outras vezes os resguardamos de forma destrutiva das experiências difíceis que os tornariam mais fortes. Em vez de falar-lhes consistentemente do evangelho, nós impomos nossas leis pessoais arbitrarias sobre eles. Nossas próprias vidas são incoerentes exemplos de santidade, e no máximo, grande parte do tempo, em vez de transmitir o temor do Senhor, entregamos-lhes os ídolos opressivos que nós como pais adoramos. Que esperança nossos pobres filhos têm de crescer amando a Deus? A resposta que lhes proclamamos no batismo é que eles têm exatamente a mesma esperança

que nós, que repousa sobre a imutável fidelidade de Deus. O evangelho da misericórdia de Deus é tão verdadeiro para eles quanto o é para nós. Eles poderão ser salvos a despeito de toda sua fraqueza, fragilidade e pecado, assim como nós, mediante a sobrepujante graça de Deus. Este que ama nossos filhos muito mais do que nós os amamos, poderá adotá-los assim como estão, cheios das ruínas que herdaram de nós e dos novos modelos de feridas que desenvolveram por si mesmos. Nosso Deus toma famílias inteiras de gente despedaçada, pecadora — e as redime em Cristo.

O PASTOR QUE NOS REDIME DO MAL

A segunda verdade que Jacó declara em seu testamento é que Deus é o pastor que livra de todo mal (Gn 48.15-16). É uma reivindicação surpreendente devido à amplitude da palavra hebraica aqui traduzida como “mal” (*ra*). Ela engloba não apenas o mal moral, como também o que poderíamos chamar de “mal situacional”: as coisas ruins que são feitas contra nós e as coisas más que simplesmente parecem acontecer conosco. Por esta razão, esta palavra às vezes é traduzida como fazer o mal” (por exemplo, 31.29). Contudo, realmente pode ser dito que o Deus de Jacó o protegeu de todo mal, para que nenhuma das coisas ruins que tipicamente acontecem às pessoas neste mundo ocorressem com ele? Claramente, não era isso que Jacó estava dizendo. Ele já mencionara a dor da perda de um cônjuge amado e a agonia dos vinte anos quando achou que José estivesse morto. Sua vida tinha sido repleta de experiências sofridas provenientes das circunstâncias da vida bem como por meio dos pecados propositais de outros contra ele. O que Jacó afirmava era que seu Deus havia *redimido* todo aquele mal. Não é que coisas ruins nunca aconteceram com ele, mas que essas coisas ruins foram trabalhadas por Deus para tornar-se algo que era bom. De fato, a palavra hebraica para “redimir” (*ga'al*) pressupõe algo mal que tenha sido transcendido por um ato de bem maior. Essa palavra é usada para resgatar alguém que tenha perdido tudo e teve de vender sua propriedade, quer por incompetência quer por infortúnio; o seu redentor é um parente que tem a responsabilidade de comprar de volta a sua herança (Lv. 25.25). Às vezes

as pessoas ficavam tão desesperadas que se vendiam como escravos: seu redentor era um parente que, com as próprias despesas, os comprava de volta e restaurava sua liberdade (Lv 25.47-49).

Era isso que Jacó estava afirmando a respeito de Deus: o Senhor redimiu todos os eventos trágicos da sua vida. Em vez de destruí-lo, essas experiências traumáticas foram de tal maneira redimidas por Deus que delas agora fluía somente o bem. Nada da dor de Jacó tinha sido desperdiçado. Nenhuma de suas tristezas tinha sido um infrutífero vaguear pelo deserto. Em todos os dias da sua vida, o bom pastor o havia conduzido por caminhos certos, quer em pastos verdejantes quer pelo vale da sombra da morte, provendo o bem para ele e redimindo o mal, trazendo bênção e esperança em meio às situações mais escuras e desesperadoras (conferir o salmo 23).

É surpreendente notar que somente uma pessoa idosa poderá portar essa espécie de testemunho à fidelidade e ao poder de Deus de nos redimir do mal. Quando Jacó saíra de sua casa tantos anos antes, talvez tivesse afirmado teoricamente essas verdades, mas foi só no fim da vida que pôde afirmá-las por experiência. Os jovens podem ter grande energia e entusiasmo, mas frequentemente necessitam sentar-se e aprender aos pés dos que, por longa, dura e, às vezes, amarga experiência, passaram a conhecer mais profundamente o caráter de nosso fiel Senhor e Pastor.

JESUS, NOSSO REDENTOR

Ora, os dias da jornada de Jacó sobre a terra estavam quase terminados. Mas antes de partir, ele queria transmitir a bênção deste Deus fiel, pastor e redentor a seus filhos. A mesma bênção pertence também a nós, pois somos os descendentes espirituais de Jacó, membros do Israel de Deus (Gl 6.16). Podemos ver e testemunhar até mais plenamente do que pôde Jacó que o Senhor é nosso fiel pastor, que nos redime do mal. De onde nos postamos, vemos a enormidade do que realmente custou a Deus tornar-se nosso redentor. A fim de se tornar parente que nos redime, o próprio Filho de Deus deixou o sorriso eterno da bênção do Pai e entrou neste mundo de sofrimento e maldade.

Jesus Cristo teve de se expor ao ódio e à inimizade que este mundo tem por tudo o que é bom e santo, e aprender pela dura experiência a confiar no pai nas horas mais escuras, como também nos bons tempos. Jesus recebeu um corpo que experimentou sofrer pela maldade nas mais terríveis formas. Suas costas foram fustigadas com varas até sangrarem em carne viva, mãos e pés de carne de verdade que foram cruelmente traspassadas por pregos, um lado apunhalado com uma lança, e um coração quebrado pela hipocrisia, traição, ingratidão, infidelidade e abandono. Aquele que é, ele mesmo, o Bom Pastor, tomou o lugar de suas ovelhas errantes, a fim de nos resgatar dos perigos das profundas sombras do vale da morte. O fiel Filho foi abandonado por seu próprio Pai a fim de nos comprar de volta da nossa escravidão e nos devolver a herança que dissipamos pelo nosso próprio pecado e maldade. Ele nos redimiou do mal, tomando sobre si o castigo e a penalidade que nosso pecado merece, e nos cobre com sua perfeita santidade e pureza.

Este é o poder da cruz: o Filho de Deus que foi morto por nós agora nos reveste de sua perfeita justiça, realizando assim o propósito eterno de Deus de ter um povo santo que lhe pertença para sempre.

Você enxerga o poder do último testamento de Jacó? Aqui estava um homem pronto para morrer porque entendia o verdadeiro significado de sua vida e conhecia pessoalmente aquele que prometera estar com ele na vida e na morte. O pastor que andara com ele todos os dias da sua vida não o abandonaria, agora que estava morrendo. O redentor que o comprara da escravidão ao pecado e à morte não entregaria sua alma ao último inimigo, a própria morte. A promessa que Deus lhe fizera na sua mocidade era sempre mais profunda e rica do que apenas dar a Jacó um povo e uma terra. Era a promessa de ser o seu guia até a morte, e seu Deus eternamente (Sl 48.14). Deus encarregou-se de preparar um banquete para Jacó e dar-lhe boas-vindas para habitar em sua casa para sempre (Sl 23.6).

Estamos todos morrendo. Ninguém sabe quanto tempo teremos para viver ou quando Deus nos chamará para seu encontro. Você está pronto a se

encontrar com ele, como estava Jacó? Tem um testemunho similar de que Deus é seu pastor e redentor? Talvez hoje seja o dia que ele o chama a entrar em novo relacionamento com ele, como o seu pastor e rei. Submeta seu coração hoje mesmo a seu chamado soberano, e incline-se a ele pela fé, olhando para o que Cristo, como nossa justiça e esperança, fez por nós.

Se você já confia nesse Deus, lembre-se, hoje, que ele é o fiel pastor, de que ele redime de todo mal. Isso inclui todas as circunstâncias maléficas de sua vida, agora mesmo — os pecados que outros cometem contra você, bem como os pecados que você cometeu e estão produzindo frutos amargos, ou aqueles aspectos da vida tão fora do controle, tão dolorosos — todos estão sob seu soberano controle, e não serão desperdiçados. Sim, eles realmente são maus. Não precisamos fingir que esses eventos sejam diferentes disso. Vivemos em um mundo mau e despedaçado. Porém, como a cruz e a ressurreição de Jesus demonstram, servimos a um Deus que regularmente traz gloriosa luz das mais profundas trevas, bem maravilhoso do mais feio mal, cura perfeita da dolorosa doença e vida ressurreta da própria morte.

Este é o Deus fiel pastor, que se compromete a conduzir-nos até o dia de nossa morte para então dar-nos boas-vindas à gloriosa herança em Cristo, em que todos os males de nossa vida serão redimidos de forma belíssima e maravilhosa.

PARA REFLETIR

1. Como as últimas palavras de Jacó refletiram tanto a realidade de seu sofrimento quanto a sua esperança na promessa de Deus?
2. Jacó transmitiu as promessas de terra e descendência. Essas promessas ainda são relevantes a nós hoje em dia? Como?
3. Como Deus demonstra a sua fidelidade a você e à sua família? Que parte da sua obra em e através das famílias é mais encorajadora para você em seu atual estágio da vida?

4. Qual o relacionamento entre o mal e a redenção? Como Deus redimiu o sofrimento de Jacó?
5. Jesus é nosso parente-redentor, que agiu em nosso favor pagando, ele mesmo, alto preço. Como ele tem nos redimido do mal em nossa vida?

¹ Christopher Hitchens, “Trial of the Will,” *Vanity Fair*, January 2012.

<http://www.vanityfair.com/culture/2012/01/hitchens-201201> acesso em fevereiro 15, 2012.

BÊNÇÃOS MISTAS

(Gênesis 49.1-28)

Onde se encontram verdadeira felicidade e bênção? Bem, onde você as procura? Um modo de descobrir a resposta a essa pergunta é olhar as resoluções de Ano-Novo que as pessoas fazem. Quer sejam elas escritas cuidadosamente na primeira página do seu diário, quer em desejos transitórios de parar de fazer as coisas estúpidas que atrapalham a sua vida, é bastante revelador ponderar sobre o que suas resoluções dizem a respeito das esperanças e sonhos, e assim, o senso de onde pode encontrar a bênção. Talvez você deseje ser mais organizado, ou parar de namorar perdedores, ou perder dez quilos, ou gastar mais tempo com os filhos.

Qualquer que seja a sua resolução, vale a pena perguntar o que seria diferente na sua vida se conseguisse atingir seu alvo. Afinal, geralmente ansiamos por coisas boas. Ninguém decide começar a namorar perdedores ou ganhar vinte e cinco quilos de peso, comer mais comida de altas calorias e baixo valor nutritivo, ou perder as chaves com mais frequência. Mas serão essas as coisas em que realmente encontramos a verdadeira bênção? Tanto daquilo que almejamos é meramente trivial, no máximo um substituto do que realmente é importante na vida — nosso relacionamento com Deus. Ao conhecê-lo por meio de Jesus Cristo é que encontramos a verdadeira bênção.

UM LIVRO A RESPEITO DE BÊNÇÃOS

O livro de Gênesis é um livro sobre bênçãos. Quando Deus criou o mundo, ele o abençoou (Gn 1.22, 28). No começo, o universo perfeito existia sob o sorriso de seu perfeito Criador. Porém, essa bênção universal foi perdida quando o pecado entrou pelo primeiro casal, Adão e Eva. O mundo frutífero,

seguro, pacífico que receberam ficou cheio de espinhos e abrolhos, conflitos interpessoais, dores corporais e, no final, morte, por meio da qual seus corpos retornavam ao pó da terra... Pior de tudo, o perfeito relacionamento com Deus que experimentavam no Jardim do Éden foi perdido quando eles foram expulsos da sua presença para a fria e tenebrosa realidade que todos nós agora experimentamos.

BÊNÇÃO TRANSFORMADA EM MALDIÇÃO

Porém, desde o início, o Senhor nosso Deus determinou livrar-nos de todo mal e transformar nossa maldição autoimposta em bênção restaurada. Em grande medida, o livro de Gênesis é a história dessa bênção restaurada, prometida e parcialmente recebida. O Senhor prometeu que a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente, restaurando o relacionamento que fora quebrado pelo pecado (Gn 3.15). Contudo, essa obra restaurativa não seria curta nem sem dor. Longe de redimir a humanidade, a primeira “semente da mulher,” Caim, levou o pecado ao próximo nível, assassinando o próprio irmão (Gn 4). Esse espiral descendente do pecado continuou nas subseqüentes gerações até que, no tempo do dilúvio, todo pensamento do ser humano era somente mau, todo o tempo (6.5). Mesmo depois disso, o pecado continuava a levantar sua feia cabeça. A mesma autoconfiança e espírito independente que fez com que o primeiro pecado acontecesse, culminou na construção da Torre de Babel, uma afirmação arrogante de que, por trabalhar justos e utilizar perícia tecnológica, a humanidade poderia forçar o caminho de volta à presença de Deus (11.1-9). Longe de garantir bênção a seus construtores, porém, a torre resultou em maior maldição e a dispersão da humanidade.

Essas histórias mostram-nos que um novo começo de bênção jamais virá pela iniciativa humana. Precisava vir de Deus, e o plano redentivo começou no final de Gênesis 11, quando ele chamou a Abrão e Sarai, prometendo abençoá-los e fazer deles bênção para o mundo inteiro. O resto de Gênesis é o desenrolar parcial dessa bênção prometida nas vidas de quatro gerações de gente quebrada e cheia de pecado. Esse é o contexto mais amplo para as bênçãos de Gênesis 49.

Jacó pronuncia a palavra de Deus a cada um de seus filhos, processo este que começou com a bênção dupla para os dois filhos de José, Efraim e Manassés. Agora, ele juntou os doze filhos para dar uma palavra final de bênção a cada um. As notícias não eram todas boas. Algumas das “bênçãos” não nos parecem nada abençoadoras. Em alguns casos, juízo pelos pecados dos pais cairia também sobre seus filhos. Mas a nota-chave da fala de Jacó ainda é de bênção, como fica claro pelo versículo 28, pois todos os filhos estão incluídos na bênção fundamental de fazer parte do povo de Deus.

Diferente de Abraão e Isaque, Jacó não veria nenhum de seus filhos cortados da promessa. Os doze estavam inclusos no plano de Deus, a despeito de seu pecado. Com certeza, não eram pessoas melhores que Esaú ou Ismael, como as palavras de Jacó deixam claras. Era simplesmente o propósito e plano de Deus mostrar graça e favor a todos os que mais tarde seriam a nação de Israel. Mas, a forma dessas bênçãos destaca numerosos temas-chave no relacionamento de Deus com seu povo.

A REALIDADE CONTÍNUA DO PECADO

Primeiramente, tais bênçãos nos mostram a realidade contínua do pecado e suas consequências na vida do povo de Deus. Não são somente os incrédulos que demonstram modelos contínuos, de profundas raízes do pecado, como também os crentes. Isto é evidente nas palavras de Jacó a diversos dos irmãos, começando com o mais velho. Como primogênito, Rúben tinha orgulho de posição, humanamente falando: possuía força, poder, honra e valor. No entanto, toda essa oportunidade e potencial foram desperdiçados porque ele era tão sólido e confiável quanto a água (Gn 49.4). Seu caráter foi primeiramente revelado no incidente em que deitou com a concubina de seu pai, Bila, na tentativa de sequestrar o controle da família (35.22). Na história sobre José, Rúben foi aquele cujos planos nunca davam muito certo. Planejava salvar José do poço, mas não estava lá no momento crucial quando os outros irmãos venderam-no como escravo (37.29-30). Mais tarde, ele propôs usar a vida de seus dois filhos como garantia de que Benjamim retornaria da sua viagem ao

Egito, mas sua oferta insensível foi rejeitada por seu pai (42.37-38). Essa é a história da vida de Rúben: as circunstâncias e o seu próprio caráter pareciam conspirar continuamente contra ele. Essa característica de inconfiabilidade parece ter sido passada adiante à tribo que veio dele (veja Jz 5.15-16).

Os próximos na linha, Simeão e Levi, se revelaram homens violentos e implacáveis quando, após o estupro de Diná, eles enganaram os homens de Siquém a serem circuncidados a fim de massacrá-los (Gn 49.5-6; veja o capítulo 34). Naquele tempo, Jacó não teve nenhuma ação, mas o resultado duradouro do seu pecado foi que seus descendentes seriam espalhados por todo Israel. Como Simeão e Levi estavam juntos na sua iniquidade, assim também as tribos provenientes deles seriam juntamente espalhadas no juízo que sofreriam.

Havia então Zebulom e Issacar. Zebulom acabaria vivendo à beira-mar, perto demais da cidade pagã de Sidom, em busca das vantagens do comércio que tal localidade ofereceria. A busca de Issacar por uma situação de conforto na vida teria sucesso, mas o resultado final seria que seus descendentes estariam sujeitos ao trabalho forçado (Gn 49.13-15). Parece que a situação terrena de ambas essas tribos seria materialmente prazerosa, mas a sua bênção deixa implícito que haveria alto preço a pagar por buscar o seu tesouro neste mundo. Será que teriam perguntado se esse sucesso terreno valia o preço que pagaram? Ou teriam vendido suas almas, como tantos outros, não para ganhar o mundo inteiro, mas apenas pela perspectiva de uma vida tranquila e confortável?

Poderíamos acrescentar a essa lista de bênçãos duvidosas, embora nem todas elas estejam igualmente claras, que Benjamim, caçula da família, é um lobo voraz — nunca retrato positivo na Escritura (Gn 49.27). De manhã e de tarde, ele devora e reparte a presa dos que são mais fracos que ele. Dã é uma serpente ao longo do caminho (49.17). Aser produz ricas iguarias, próprias para os reis, enquanto Naftali é como uma gazela solta (49.20-21).

Tais bênçãos mostram-nos a complexidade do pecado. Este pode ser socialmente repreensível, como quando envolve dormir com a concubina do pai ou massacrar uma cidade. Alternadamente, pode ser até socialmente louvado,

como quando se busca uma boa vida em que ofereça ricas iguarias para os estrangeiros à custa da sua distintividade espiritual. Ademais, esta passagem nos lembra de que o pecado muitas vezes tem consequências multigeracionais. Estas bênçãos não eram somente para os próprios patriarcas; eram também para seus filhos e os filhos de seus filhos, que foram todos, de algum modo, afetados pelos pecados dos pais.

O mesmo ocorre com nosso próprio pecado. Existem alguns pecados que facilmente identificamos por serem considerados como sendo socialmente repreensíveis. Embriaguês, assassinato e abuso infantil geralmente são reconhecidos como terrivelmente errados, mesmo segundo os padrões muitas vezes deturpados da sociedade moderna. Contudo, outros pecados não são tão facilmente identificados, porque passaram a ser considerados neutros ou até mesmo virtudes em nossa sociedade. A promiscuidade sexual tem se tornado a nova norma, a ponto da abstinência por toda a vida ou fidelidade conjugal serem vistos como um tanto estranhos. Orgulho e amor-próprio nos são fortemente inculcados desde nossa infância. Existem revistas cujo propósito inteiro é fazer fofoca, mas não ficam escondidos nas últimas prateleiras ou cobertos de papel pardo. Quando Paulo disse aos Efésios, “nem conversação torpe, nem palavras vãs ou chocarrices, coisas essas inconvenientes; antes, pelo contrário, ações de graças” (Ef 5.4), não estava apenas indo contra a maré da antiga cultura efésia, como também contra a nossa cultura atual.

“Conversação torpe” e “chocarrice” são descrição muito acertada de grande parte da nossa cultura de entretenimento e boa parte de nossa conversação regular, até mesmo dentro da comunidade cristã. Quantos de nós já consideramos a possibilidade de que dedicar nossa vida ao conforto e sucesso material poderá nos deixar escravizados a compromentimentos pecaminosos? Todos nós somos Rúbens, Simeões, Levis e Zebulons. Será que pensamos no impacto que têm os nossos pecados sobre os outros à nossa volta — nossos amigos, cônjuges e especialmente os nossos filhos? Os efeitos da pornografia, do

adultério, da embriaguês e do abuso sobre a família são claros, mas o que dizer de modelos mais sutis, porém igualmente corrosivos, de comportamento?

Uma dolorosa lição que aprendi de minha família era que nunca conseguia estar à altura das suas expectativas. Nunca fui o favorito, e nunca sentia que estava sendo aprovado. Essa profunda dor produz agora amargos frutos em toda espécie de resposta pecaminosa do meu próprio coração e meus relacionamentos, enquanto luto constantemente por ganhar a aprovação dos outros e de Deus e provar a todos que eu realmente consigo ser bem-sucedido.

Alguns comportamentos que surgem dessa tenebridade interior são coisas que as pessoas facilmente reconhecem como feias e nada atraentes; dela flui uma atitude arrogante, centrada em mim mesmo, que raramente comemora o sucesso de outras pessoas. Isso aparece com uma língua cáustica que emprega o chiste para me erguer enquanto rebaixo os outros. Porém, existem outros frutos de um coração idólatra que a nossa sociedade elogia e aplaude, como o ímpeto implacável para trabalhar muito e obter sucesso. Em geral, as pessoas consideram uma boa coisa eu me levantar às cinco da manhã para trabalhar em projetos de escrever, ainda que essa inquietação seja mais frequentemente impelida por medo e desejos pecaminosos. Esses pecados específicos contra os quais tenho de lutar causam impacto também sobre meus filhos. Se acho difícil subir à altura de minhas próprias expectativas, como será duro para eles fazer o mesmo?

Da mesma forma, talvez você também lute com padrões familiares profundamente arraigados de pecado e idolatrias que tenha aprendido dos seus pais.

REDIMIDOS OS MOLDES DE PECADO

Embora o pecado tenha consequências multigeracionais, elas não são inevitáveis e irredimíveis, como os levitas demonstraram. Pela graça de Deus, a sua maldição de serem dispersos entre a nação foi transformada em bênção, pois eles receberam o privilégio de ser tribo de sacerdotes (Dt 33.8-11). Os levitas ainda não tinham herança terrena deles mesmos, mas o Senhor se tornou sua

herança. Eles foram espalhados por todo Israel e Judá a fim de levar a bênção da instrução da lei de Deus ao povo onde quer que fossem. As consequências dessa maldição do seu pai tornaram-se o contexto em que eles se tornaram uma bênção ao próximo. Essa característica de ver as coisas em preto e branco, que antes os levou a pecar, foi redimida, para ser usada no serviço do Senhor.

O mesmo acontece conosco. Talvez você tenha sido profundamente ferido e marcado pelo pecado de seus pais ou familiares, mas essa situação de quebra não o define. As feridas que sofreu podem ser reais e profundas, e podem criar tremendas lutas interiores que marcam o resto da vida de modo significativo. Deus não promete balançar uma varinha de condão para consertar a dor ou remover todas as suas lutas.

Contudo, a história dos levitas mostra que ele pode transformar os efeitos da maldição em oportunidade de bênção. Ele tem poder para redimir nosso mal e trazer dele o bem. Nossa fraqueza e situação de quebra pode nos equipar a apreciar o evangelho mais profundamente do que seria o caso em outras circunstâncias. As lutas de nossa própria história pessoal poderão nos capacitar a ministrar ao próximo de forma singular, devido justamente a essas experiências de dor e perda. Muitos dos melhores conselheiros têm lutas profundas com o pecado e fracassamentos em sua própria vida — o que passa a equipá-los a ajudar a outros nas *suas* lutas. Deus pode usar o trauma de suas experiências para o profundo bem na vida dos outros. Mais importante, observe que todos esses pecadores, junto com seus filhos feridos pelo pecado, estão incorporados à linha da promessa. Israel não foi edificada sobre o fundamento do justo José, nem mesmo sobre Judá transformado, mas sobre o fundamento de todos os doze patriarcas. O instável Rúben, os violentos Simeão e Levi, Issacar, amante de conforto, e o perigoso Benjamim são todos incluídos como parte do propósito salvífico de Deus de ter para si um povo santo. Realmente, isso é notável. Nosso Deus redentor não vai à procura das pessoas melhores e mais fiéis para salvar. Pelo contrário, ele veio buscar e salvar pecadores como nós. Ele nos busca e resgata aqueles cujo estilo de vida os tornam objetos do desprezo do

mundo, como também aqueles cujo pecado é admirado e elogiado pelo mundo. Desde o princípio, nossa salvação tem sido inteiramente pela incrível graça de Deus e não por nossas obras. Nessa lista de antepassados, não há espaço para jactância ou orgulho pelas realizações humanas. A obra de nos salvar é de Deus do começo ao fim. A profunda lição aqui para nós é que a Bíblia não considera nem de forma leviana nem com demasiada seriedade o nosso pecado. Por um lado, nosso pecado não é trivial. Com amor, o livro sagrado nos adverte sobre o amargo fruto gerado pelo pecado em nossa vida bem como nas vidas de outros que nos cercam. O pecado é sempre destrutivo, mesmo quando se apresenta como caminho para verdadeira liberdade e alegria. Porém, ele não terá a última palavra em nosso destino. Em vez disso, a Bíblia encoraja os pecadores a lembrarem que aqueles que foram escolhidos e salvos por Deus, somente por sua graça, nunca, jamais serão deserdados.

Podemos estar quebrados de muitas formas diferentes, mas se estivermos unidos ao povo de Deus por meio de Cristo, nunca seremos tirados e eliminados. A graça de Deus supera todo nosso pecado, e ele empregará nossas lutas com o pecado para trazer profundos frutos espirituais em nossas vidas, pois por estes crescemos em paciência, humildade e na dependência de Deus.

REDIMIDAS AS CIRCUNSTÂNCIAS MALÉFICAS

Uma segunda coisa demonstrada pelas bênçãos de Jacó é a fidelidade de Deus em redimir as circunstâncias maléficas. Este tema da bênção sobre Efraim e Manassés é aqui reiterado na bênção sobre o seu pai, José. Ele recebeu a bênção mais rica, como era de se esperar, dado o amor especial que Jacó tinha por ele. Ela refletia também a história de sua vida. José foi abundantemente frutífero, espalhando galhos de sua vinha bem regada, estendendo para além de seu próprio vinhedo cercado por um muro (Gn 49.22). Porém, tal prosperidade veio no contexto da aflição e dos ataques. Ele foi atacado por arqueiros (49.23), referência a todas as calúnias e injustiças que teve de aturar durante toda sua vida. Contudo, a palavra central nesta bênção não é a fecundidade nativa de José nem a sua amarga aflição, mas os propósitos de Deus em sua vida. A bênção de

José fluiu do Todo-poderoso de Jacó, que fortaleceu seus braços — do Pastor que estava com ele, da “Pedra de Israel” (49.24). Aqui é provável que “Pedra de Israel” não seja um título para Deus. Em outras partes, ele é chamado de “Rocha de Israel,” mas esta é uma palavra bastante diferente.¹ Frequentemente, as pedras são referências a memoriais erguidos pelo povo de Deus para lembrá-los da sua fidelidade, como aquela perto de Mispa, de nome Ebenezer (“pedra de ajuda”, em 1Samuel 7.12), ou a coluna de pedra erigida por Jacó em Betel simbolizando a promessa de Deus de abençoá-lo (Gn 28.18). O ponto não era exaltar a força de caráter nata de José nem sua fidelidade a Deus. Pelo contrário, tais qualidades fluíram por ele ter fortalecido a José e ter sido, como é sempre, fiel. O Senhor o separou dos seus irmãos, e foi ele quem manteve a sua fé em face de todo o amargo ataque que sofreu.

É por isso que, mesmo que José tivesse atingido grandeza no Egito e possuísse abundância de riqueza, *status* e poder, Jacó ainda o abençoou. As bênçãos de que José precisava não consistiam em coisas que o Egito pudesse dar. Eram, na verdade, as mesmas bênçãos que foram prometidas primeiramente ao avô de José, Isaque, e a seu bisavô, Abraão. Jacó abençoou a José com a bênção de seio e ventre, representando a fecundidade em filhos e a bênção das montanhas eternas, bênção de terras (Gn 49.25-26). Eram as bênçãos gêmeas que Deus primeiro prometera a Abraão. A bênção de Jacó sobre José reiterou sua bênção sobre Efraim e Manassés, que eles se tornariam grandes na terra da promessa, recebendo a plenitude do que Deus prometera a Abraão (48.16).

Ainda que a mais longa e rica bênção fosse reservada a José, a bênção sobre Judá foi a mais notável. Jacó abençoou a este com a mesma exaltação que José viu no sonho de sua juventude. Nos dias por vir, os filhos de seu pai viriam e se inclinariam perante Judá (Gn 49.8). Aqui ele é descrito em termos distintamente reais: majestoso como um leão, triunfará sobre seus inimigos (49.9). Possuirá o cetro e o bastão de governo (49.10), e seus irmãos o louvarão (49.8). Esta bênção obviamente era sombra da história futura de Israel, em que a tribo de Judá se

tornaria tribo de realza, da qual viria a linha de Davi. Contudo, a profecia também aguardava algo ainda maior do que as bênçãos substanciais experimentadas por Judá na época de Davi e Salomão. Afinal, o cetro chegou a Judá primeiramente no tempo de Davi e Salomão, e o versículo 10 antecipa a continuidade do cetro com Judá até uma chegada mais grandiosa no futuro. A maioria das traduções antigas e modernas entende que este versículo seja uma profecia messiânica, traduzindo-a “até que ele venha a quem ele (o cetro) pertence.” Esta interpretação messiânica já está clara nas passagens bíblicas de tempos mais recentes, que fazem alusão a este versículo.

O enigmático “Aquele que está para vir,” a quem o governo pertence por direito, não reinará simplesmente sobre a nação de Israel (os irmãos de Judá). O seu reinado se estenderá muito mais amplamente, pois é dele a obediência das nações (Gn 49.10). Ele será de beleza ímpar (49.12), e sua vinda será marcada por singular prosperidade. Atrelará seu jumentinho a um vinhedo escolhido (49.11), que seria um tanto como usar notas de cem dólares para atear fogo, pois o jumento começaria imediatamente a comer as uvas, como também os ganhos da vinha. Em vez de lavar sua roupa com água como gente comum, este futuro rei será tão rico que poderá usar vinho com esse propósito. Por trás dessas imagens de tremenda prosperidade e bênção, há também imagens ominosas de poder: o vinho é descrito como “sangue das uvas,” e limpar as vestes com vinho inevitavelmente as mancharia de vermelho. Junto com a promessa de prosperidade para seu povo, tal imagem clama uma clara advertência de perigo a todos os inimigos do Messias.

Quanto será que Jacó entendia do distante futuro que predizia? Não sabemos. Com certeza as gerações futuras lutariam para entender o significado dessa profecia. Zacarias falou cheio de esperança de um rei futuro que viria montado na cria de um jumento para trazer salvação e bênção a seu povo (Zc 9.9-10). Contudo, nenhum dos reis davídicos ou seus sucessores viveu plenamente tal papel, nem antes nem depois do exílio. Devido aos seus pecados, foram incapazes de estabelecer a espécie de paz e prosperidade que o Senhor

prometeu. Se fosse para vir a bênção a povo tão fraco, que partilhava todo o estado quebrado demonstrado pelo próprio Judá em Gênesis 38, o Senhor teria de ser seu redentor. Em Isaías 63, vemos o Senhor vindo do oriente, de Bozra no Edom, com as vestes manchadas do vermelho de sangue como quem pisa sobre as uvas. O Senhor agiria, trazendo salvação a seu povo e o julgamento dos seus inimigos, a fim de redimir a todos os que pertencem a ele e estabelecer verdadeira justiça e paz duradoura (Is. 63.1-7).

Todas essas imagens nos apontam adiante para Cristo, verdadeiro Leão da tribo de Judá (Ap 5.5). Ele é Aquele a quem pertencem verdadeiramente o juiz e o governo, o que veio à terra redimir seu povo. Foi por isso que Jesus transformou água em vinho abundante em Caná no seu primeiro milagre, usando jarras destinadas à purificação (Jo 2). Por isso é que ele entrou em Jerusalém montado em um potro, filhote de jumenta, como humilde, porém poderoso rei que salva seu povo (Mt 21.18). Jesus é o prometido de beleza ímpar a quem pertence a obediência das nações. No livro do Apocalipse, ele é revelado como cavalgando sobre um cavalo branco, vestido de manto tinto de sangue, pisando o lagar do furor da ira de Deus Todo-poderoso, vencendo e julgando a todos os inimigos. Ele é Rei dos reis e Senhor dos senhores (Ap 19.11-16).

Mas Jesus não precisava vir à terra, nascer da linha de Judá, a fim de ser poderoso rei que julga seus inimigos e esmaga aqueles que o opõem. A obediência das nações lhe pertence por direito como o seu Deus e Criador. Ele não precisava nascer num estábulo e ser colocado numa manjedoura para que pudesse usar um manto manchado do sangue de seus inimigos. Ele é Deus Todo-poderoso, o primeiro e o último, e sem o qual não há nenhum outro (Ap 1.17-18; Is 44.6). Jesus teve de entrar em nosso mundo para ser nosso redentor, aquele que vira a nossa merecida maldição em bênção imerecida. Para nos resgatar de nossa condição de perdidos, o próprio Deus tornou-se carne e manchou suas vestes com seu precioso sangue na cruz. Tomou sobre si a nossa aflição, para que pudéssemos lavar nossas vestes manchadas pelo pecado, não em vinho vermelho de sangue, mas no sangue do próprio Cordeiro (Ap 7.14).

Ao lavarmos nossas vestiduras em seu sangue purificador, elas saem deslumbrantemente limpas e brancas, puras e sem manchas, como se nunca tivéssemos pecado. Ele é o cumprimento de tudo que Jacó viu e mais ainda.

AGUARDANDO COM ESPERANÇA

Como responder, no meio dos desapontamentos e provações da vida, cercado por um povo que pecava constantemente contra nós, que parece incapaz de viver todo seu potencial? Como reagir quando reconhecemos que nós mesmos constantemente pecamos e deixamos de ser as pessoas que devemos ser? Onde encontrar a verdadeira bênção para um povo tão confuso? Jacó modela para nós uma resposta certa em Gênesis 49.18 — ele olha para o Senhor, expressando uma atitude de esperar com paciência para o Senhor completar a sua salvação. Em certa medida, Jacó já havia experimentado a libertação do Senhor. Ele louvou a Deus por isso em Gênesis 48.15-16. Havia muitas maneiras pelas quais este respondera suas orações e o abençoara: ele viu a José e os filhos dele, muito depois que pensara jamais pudesse contemplar sua face outra vez. Mas Jacó também sabia que as bênçãos que já vira eram apenas tênue sombra da salvação que ainda virá. É a graça de Deus que nos capacita a esperar com paciência — paciência com a situação de quebra-dura a nosso redor e dentro de nós. É a graça que nos torna capazes de não considerar levemente o nosso pecado nem demasiadamente pesado enquanto aguardamos. Ela é o tema que cobre com um arco todo este capítulo. Pela graça, todos os filhos de Jacó recebem o privilégio de ser contados entre o povo de Deus, receptores de sua bênção. Não merecem isso. Continuarão sendo nada merecedores, assim como nós, pois também somos instáveis, violentos, mundanos, traiçoeiros, comprometidos e abusivos — não exatamente uma descrição do time classe A. Contudo, Deus está resolvido a fazer de nós uma nação santa, reino de sacerdotes, que pertence inteiramente a ele. Não é uma posição que possamos perder por nossas inadequações ou transgressões, ainda que nosso pecado tenha consequências muito sérias em nossa vida. Os santos de Deus perseveraram até o fim e recebem sua bênção, não devido à sua própria

bondade e força intrínsecas, mas pela fidelidade de Deus e seu compromisso de nos abençoar.

No devido tempo, o Prometido voltará. Da próxima vez, Jesus não virá entrando em Jerusalém montado humildemente sobre um jumentinho; em vez disso, virá nas nuvens em glorioso triunfo para consumir o casamento com sua noiva, a igreja. Ele não trará bênção simplesmente aos descendentes físicos de Jacó, mas também a todos quantos são seus herdeiros espirituais pela fé.

Você aguarda com paciência sua volta, esperando com ansiosa fé por Cristo como única esperança de aceitação e bênção diante de Deus? Quando você e eu confiamos em Cristo nos tornamos parte da comunidade redimida, do seu povo. Continuamos ainda lutando contra o pecado que permanece e seus amargos frutos, mas agora começamos a prestar a Jesus a obediência que lhe é devida, enquanto o Espírito Santo opera a transformação de nossos corações. Em face da feiúra de nosso pecado, encontramos consolo na beleza da sua santidade. Ao suportar circunstâncias difíceis da vida, olhamos para frente para a plenitude de seu reino. Ansiamos pelo dia quando seu povo de toda tribo, nação e língua estarão diante do trono, cantando louvores ao Leão de Judá que foi morto por eles. No ínterim, enquanto aguardamos a volta de Cristo, somos chamados a aguardar, como Jacó, com corações e expectativas pacientes, olhando para o Senhor para nossa libertação, confiantes de que ele certamente virá, trazendo consigo a bênção.

PARA REFLETIR

1. Como você define *bênção*? Qual o seu significado na Bíblia? Como a Escritura a define?
2. As bênções de Jacó destacam a realidade contínua do pecado entre o povo de Deus. Quais pecados são facilmente identificáveis em sua vida, igreja e comunidade? Quais deles são comumente tolerados ou implicitamente endossados?

3. Como Deus redimiou as consequências do pecado nas tribos de Levi e Judá? Como ele tem redimido pecados multigeracionais na sua igreja ou comunidade?
4. Como Deus estendeu a bênção a José no meio de sua aflição? Ele tem dado a você experiências de bênção no meio do sofrimento?
5. Como as bênções mistas dadas por Jacó se relacionam às bênções dadas por Jesus? Como este cumpre as bênções pronunciadas sobre Judá? De que formas esse cumprimento é surpreendente e inesperado?

¹ Bruce K. Waltke com Cathi J. Fredericks, *Genesis: A Commentary* (Grand Rapids: Zondervan, 2001), 613
[*Comentário de Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010].

MORTO E ENTERRADO?

(Gênesis 49.29 - 50.26)

*Não sê orgulhosa, ó Morte,
embora alguns tenham te chamado
poderosa e terrível -- pois não és assim;
Aqueles a quem pensas ter vencido,
Não morrem, pobre Morte,
Nem tu poderás me apagar.
Um curto sono passa para o despertar eterno,
E a morte não será mais;
Morte, tu morrerás. — John Donne¹*

No final dos filmes de Hollywood, os heróis cavalgam até o pôr do sol. No final das histórias bíblicas, os heróis morrem. Não é incidental essa diferença. Hollywood nada mais tem a oferecer do que viverem felizes para sempre, maquiando o fato de que ninguém vive para sempre. Os heróis bíblicos, por sua vez, são homens e mulheres de fé, em busca de uma cidade que não pertence a este mundo. Para eles, uma boa morte é um final adequado a uma boa vida, não meramente uma realidade desagradável e infeliz. Sim, a morte é o último inimigo, mas é um inimigo cujo poder é limitado e que poderá ser vencido, como John Donne refletiu com tanta beleza em seu poema. Uma boa morte não é contradição de termos, e esta passagem do livro de Gênesis trata de duas boas mortes, as de Jacó e de José. Mas esta história não é simplesmente a respeito da morte; é precisamente sobre morte e sepultamento. Existe mais na morte do que apenas morrer. Jacó e José não apenas morreram bem no sentido de morrer confortavelmente em boa velhice, cercado pelos cuidados de gente que os amava. Morreram bem no sentido de morrer na fé, sabedores de que sua morte não era o fim da história real de suas vidas. Para

Jacó e José, o fim da vida sobre a terra era meramente página que fecha um volume e conduz a uma sequência nova e muito melhor.

Isto é um entendimento profundamente relevante para todos nós, pois todos morreremos, a não ser que o Senhor volte antes de nossa morte. As gerações anteriores preparavam as pessoas para o inevitável, enquanto nossa cultura procura esconder-se da morte, como se pudéssemos escapar de seu poder negando sua realidade. Em contraste, a Bíblia nos mostra como vencer o seu poder abraçando a sua realidade à luz do poder e propósito maior do Deus vivo.

Além do mais, imprensado entre os relatos dessas duas boas mortes em Gênesis, há uma importante lembrança de que, em um mundo quebrado e disfuncional, viver bem também pode ser um grande desafio. Quando nosso próprio pecado resulta em maldade significativa, lutamos contra a culpa por nossas falhas e deficiências, e isso leva ao medo e à ansiedade. Enquanto isso, quando o pecado dos outros tem consequências maléficas em nossas vidas, batalhamos com ressentimentos que nos conduzem à ira e amargura. Como lidar com a culpa — nossa própria culpa e a incorrida por outros — quebrando seu poder sobre nós?

A BOA MORTE DE JACÓ

Jacó viveu até avançada velhice com a mente intacta, ainda que o corpo estivesse falhando. Foi cercado por sua família, que agora estava em paz uns com os outros. Viu os filhos de seus filhos, e transmitiu-lhes sua bênção. Agora estava pronto para partir, após mais uma vez reiterar as instruções de que deveria ser enterrado na caverna de Macpela, junto a Abraão, Isaque e Sara (Gn 49.29-32). É irônico que em sua morte Jacó tenha escolhido repousar com sua mulher não amada, Lia, junto a seu avô e pai, Abraão e Isaque, enquanto sua amada Raquel ficasse enterrada em outro lugar, na estrada para Efrata (Gn 48.7). Na antiguidade, a decisão de ser sepultado em determinado lugar significava consignar o corpo permanentemente a um pedaço específico de terra, e, portanto, aos cuidados do deus a ele associado. O sepultamento na herança da família (*achuzzah*) foi ato final de Jacó de fé na promessa do Senhor de ser o seu

Deus, como era também o de seus pais. Até então, o Senhor só havia dado a ele e sua família a posse de pequena porção da Terra Prometida. Contudo, ele preferiu ser enterrado ali, em vez de receber um funeral de chefe de estado na terra do Egito.

Foi marca do respeito do Egito por José e seu pai que o período de luto por Jacó fosse de setenta dias (Gn 50.3), somente dois dias a menos que o prescrito pelos egípcios para a morte de um Faraó. Quando José e seus irmãos retornaram a Canaã para o sepultamento de Jacó, foram acompanhados por um grande séquito de egípcios proeminentes (50.7). No entanto, seguiram uma rota curiosa. A estrada normal do Egito para Canaã subia a costa do Mediterrâneo para depois cortar para o interior, mas esta viagem os levou para perto da costa mediterrânea e em seguida ao Rio Jordão, a leste da Terra Prometida (50.10). Aparentemente, a procissão funerária deu a volta do lado oriental do Mar Morto e teve de atravessar o Jordão para entrar na Terra Prometida. Os comentaristas sugerem boas razões políticas pelas quais essa rota podia ser necessária na época, mas o autor de Gênesis está mais interessado nas ressonâncias teológicas desse curso. O cadáver de Jacó atravessou a mesma rota que seus descendentes seguiriam em seu próprio êxodo uns quatrocentos anos mais tarde.

Este tema explica numerosos outros detalhes estranhos no relato, como a ênfase em “subir”, que é verbo importante em Êxodo, como também a menção dos filhos, rebanhos e manadas que ficaram para trás, conforme Faraó tentou insistir que fizessem no tempo de Moisés. Talvez o mais impressionante de tudo seja a referência às carruagens e os cavaleiros egípcios.

No Pentateuco, estes são mencionados somente aqui em Gênesis 50.9 e no relato da travessia do Mar Vermelho em Êxodo 14 e 15. Carruagens e cavaleiros podem parecer fora de lugar em um funeral, mas teriam uma importante parte a desempenhar no Êxodo. Todos esses detalhes nos mostram que essa última jornada é o êxodo pessoal de Jacó para fora do Egito, o cumprimento inicial da promessa de Deus de que, no final, ele levaria-o de volta à Terra Prometida (Gn 46.3-4). Embora o cumprimento máximo só viria no êxodo de todo o povo de

Israel, o êxodo pessoal do corpo de Jacó foi como sinal e penhor da realidade que aconteceria mais tarde, as “primícias” da promessa (cf. 1Co 15.20).

A BOA MORTE DE JOSÉ

José também teve uma boa morte. Viveu até os 110 anos de idade, considerado o ideal na literatura egípcia, e viu os filhos dos filhos até a terceira geração (Gn 50.22). Mesmo que tivesse vivido no Egito noventa e três dos 110 anos de vida, não era o seu lar. Quando chegou o tempo de morrer, ele deu instruções para que seus ossos fossem colocados em uma sepultura móvel como ato de fé, para que, quando Israel deixasse o Egito, ele pudesse ir com seu povo (50.25-26).

Interessante comparar as diferenças nos sepultamentos de Jacó e de José. Por que José não seguiu o exemplo de Jacó sendo enterrado diretamente em Canaã? Quem sabe José estivesse fazendo uma declaração ainda mais forte de sua fé no propósito de Deus por Israel. O êxodo de Jacó foi um acontecimento pessoal. Prefigurava o grande êxodo de Israel e em certo sentido o garantiu, mas não dependia dele. O seu corpo jazia seguramente na Terra Prometida, não obstante o que acontecesse aos seus descendentes. José, porém, amarrou toda sua esperança na de seu povo. Se Israel permanecia em exílio para sempre no Egito, ele também permaneceria. Se Deus os trouxesse para fora do Egito para entrar na Terra Prometida, os seus ossos iriam com eles. José firmou seu futuro lugar de descanso totalmente no cumprimento da promessa de Deus por todo seu povo.

O fato de que o enterro de José dava testemunho à promessa de Deus é indicado pela caixa em que foi enterrado. A tradução dá a palavra “caixão” (Gn 50.26), embora o hebraico bíblico não possua termo que combine exatamente com “caixão”. Os israelitas não tinham o hábito de colocar o corpo numa caixa; simplesmente embrulhavam o corpo (em panos) e o colocavam em uma caverna ou no chão. De fato, a palavra hebraica usada para a caixa de José era a mesma que em outro lugar refere à arca da aliança. Em outras palavras, em todo o caminho de sua andança pelo deserto, os israelitas estariam na verdade

carregando duas arcas, a arca da aliança e a arca dos restos mortais de José — ambas portavam eloquente testemunho da fidelidade do Senhor para com seu povo.

Certamente esta é a nota que se deve ouvir em um culto fúnebre cristão. O morto não está mais conosco, ainda que o corpo permaneça. A conclusão de uma boa morte é um ajuntamento do povo de Deus, não apenas para celebrar a vida daquela pessoa, mas celebrar também a nosso Deus e declarar nossa fé de que sua fidelidade para quem partiu desta vida continua na morte. Colocamos numa caixa o corpo do morto como testemunho à nossa fé, bem como a sua fé, de um êxodo que ainda está para vir, quando soar a trombeta final e ressurgirem os mortos em Cristo. Suas almas serão então reunidas aos corpos ressurretos e glorificados, e nós que permanecemos vivos quando Cristo voltar, seremos levantados junto a eles para o encontro com o Rei, que retorna para julgar a terra e estabelecer seu reino para sempre (1Ts 4.17). Plantamos aquela caixa no chão como semente, confiantes de que o Senhor da ceifa trará, no tempo devido, o que foi semeado em fraqueza à vida na glória da ressurreição. Fazemo-lo em confiança, porque quando Jesus ressurgiu da morte e ascendeu à glória, ele foi as primícias daquela grande colheita de homens e mulheres de todas as nações que foram espiritualmente vivificados em Cristo (1Co 15.20). Aqueles que foram unidos a ele jamais poderão ser separados de sua vida ressurreta. Como Jesus disse em frente ao túmulo de Lázaro: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente” (Jo 11.25-26).

PERDOAR E SER PERDOADO

A porção central deste capítulo trata da interação entre José e seus irmãos. A razão para isso é que, mesmo que todos nós precisemos nos preparar para a morte, para a maioria de nós a questão mais premente é como passar pela vida. Depois da morte de Jacó, todas as antigas preocupações voltaram à tona na mente dos irmãos de José. Será que este realmente os havia perdoado, ou estaria esperando o momento propício para pagar-lhes pelo antigo crime que

cometeram? Assim, eles mandaram a José a seguinte mensagem: Teu pai ordenou, antes da sua morte, dizendo: Assim direis a José: Perdoa, pois, a transgressão de teus irmãos e o seu pecado, porque te fizeram mal; agora, pois, te rogamos que perdoes a transgressão dos servos do Deus de teu pai. José chorou enquanto lhe falavam (Gn 50.16-17).

É pouco provável que Jacó realmente tivesse dito isso. Se a mensagem fosse realmente vinda dele, com certeza Jacó teria falado diretamente a esse respeito com José antes de morrer. No entanto, os temores dos irmãos não tinham fundamento. Longe de planejar matá-los, a resposta de José foi chorar pela falta de confiança que eles demonstravam (Gn 50.17). A reconciliação foi real e não fingida da sua parte. Seu perdão foi completo. Os irmãos finalmente haviam se tornado uma harmoniosa comunidade de pessoas, assim como Deus prometera a Jacó (35.11). Na verdade, José lembrou aos irmãos que tudo o que acontecera fazia parte da providência de Deus: talvez eles tivessem intenção de feri-lo. Mas Deus o intentou para o bem, para salvar a vida de seu povo (50.20).

Por que deveríamos usurpar o lugar de Deus e exigir a punição das pessoas? Se Deus foi satisfeito, não é nosso lugar procurar vingança. Em vez de planejar para eles o mal, José pessoalmente (o “eu” é enfático) proferia por eles e por seus filhos (50.21). Tal graça é realmente espantosa! Há muito para refletirmos, pois somos tanto pecadores quanto pessoas que sofrem o pecado de outros.

Primeiramente, José nos mostra o que significa perdoar. Não existe uma negação superficial do erro que fora cometido nem fingimento de que não tivessem feito o mal. Os irmãos não puseram a culpa no favoritismo de Jacó por José nem na odiosidade deste por seus atos. Nem disse José: “Eu sei que vocês não tiveram intenção de me ferir. O que vocês fizeram realmente não tem importância.” Pelo contrário, os irmãos disseram: “Fizemos o mal,” e José acrescentou: “Vocês tinham más intenções.” Na verdade os irmãos confessaram seus pecados e José reconheceu a sua confissão. Todos reconheceram que coisas realmente maléficas haviam sido feitas por homens realmente maus; pessoas de verdade realmente foram feridas. Foram passados anos na escravidão e prisão;

corações foram despedaçados e vidas dilaceradas. Ainda mais, todos eles reconheceram que o mal merece ser julgado. Quando José disse: “acaso, estou eu em lugar de Deus?” (Gn. 50.19), ele reconheceu que é lugar somente de Deus julgar o mal. O Senhor é santo e justo, e declarou que o mal está sob maldição. José escolheu não julgá-los, não porque sua maldade não fosse realmente tão ruim, mas porque existe um Juiz máximo que julgará todas as coisas com justiça. José também lembra que, embora essas coisas fossem más e a maldade merece ser julgada e punida, Deus pode virar o mal em bem e perdoar os pecadores em vez de julgá-los.

Estes versos, portanto, falam também da nossa necessidade de perdão. Primeiro, as palavras de José chamam a cada um de nós para enfrentar a realidade de nosso pecado contra Deus e contra nosso próximo. Não cometemos erros apenas acidentalmente, confundindo nossas vidas. Ao contrário, pecamos — ousadamente, deliberadamente, premeditadamente. Aqueles que querem gastar a maior parte de seu tempo falando sobre o que as outras pessoas fizeram contra eles ainda não estão prontos para pedir perdão.

Mesmo em meio à experiência de sofrer significativa injustiça, podemos receber o perdão somente quando reconhecermos nosso próprio pecado, reconhecendo que este foi realmente um mal tão grande quanto foi alegado. Nosso pecado quase sempre é pior do que as alegações contra nós, porque os outros veem apenas o comportamento, enquanto nossos piores pecados são cometidos em segredo nos nossos corações. Fazemos coisas más contra o próximo porque nossos corações são maus, não porque nossas circunstâncias sejam difíceis a ponto de nos levar a pecar.

Além do mais, essa maldade merece ser julgada. Há no céu um Deus santo que é ofendido por nosso pecado, mesmo quando conseguimos evitar todas as suas consequências terrenas. O mal não evapora simplesmente na atmosfera porque nós reconhecemo-lo e o confessamos. Se a justiça e o direito prevalecerem, o mal tem de ser julgado. Os pecados que você e eu cometemos merecem a punição da morte eterna. Porém, nosso Deus é Deus redentor, que

transforma o mal em bem e extrai bênção das coisas que foram intentadas como maldição. Por meio da morte das esperanças e sonhos de José por uma vida normal, Deus trouxe vida e paz para a família inteira, protegendo-os da fome. Que retrato do evangelho isso nos oferece! Pela graça, não somos julgados conforme merecemos pelo nosso pecado. Em vez disso, recebemos o reverso absoluto: o favor gratuito, imerecido de Deus em Jesus Cristo. O exemplo supremo dos planos de homens impiedosos tornarem-se em bem para o povo de Deus vem na cruz, conforme Pedro disse a seus ouvintes no dia de Pentecostes: Jesus, o Nazareno (...) sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos; ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela (At 2.23-24).

Na cruz, vemos os dois lados da história. Vemos o mal ser julgado na pessoa de Jesus, a única pessoa completamente inocente que tenha vivido. Toda a afronta a Deus pelo horrível prejuízo que nosso pecado causa neste mundo foi colocada sobre ele. Jesus foi cortado do olhar amável de seu Pai e envolvido na frieza e escuridão do abandono total do inferno. Mas na cruz vemos também profundo mal ser transformado em bem, como por aquela terrível morte somos libertos da ira de Deus e envolvidos pelo sorriso eterno do favor e bênção do Pai. Aquele que está assentado no lugar de Deus como nosso juiz nos diz: “Nem eu te condeno. Vai e não peques mais.” Além disso, Jesus foi sepultado. Nosso justo juiz identificou-se de tal maneira conosco na morte que seus ossos repousaram três dias em um túmulo. Ele fixou sua eternidade sobre o poder do Pai de quebrar as amarras da morte que estavam sobre ele, ressuscitando-o como as primícias da ressurreição.

RECEBENDO O PERDÃO DO PAI

Assim como os irmãos tiveram dificuldades em acreditar que José realmente os havia perdoado, nós também lutamos por apreender a plenitude do perdão do Pai. José havia feito todo o possível para demonstrar a inteireza de seu perdão, no entanto, seus irmãos ainda não confiavam nele. Estavam

convencidos de que ele estava só esperando julgá-los. Muitos de nós lutamos por nos apropriarmos do perdão que recebemos. Vivemos nossa vida, temerosos do iminente juízo de Deus, interpretando cada circunstância negativa como evidência de que Deus está prestes a nos “pegar” e nos castigar. Se morre uma pessoa querida, ou acaba um relacionamento precioso, ou não conseguimos a desejada promoção, ou até mesmo se o carro estiver emperrado, duvidamos do amor de Deus. Temos certeza de que é evidente que ele planeja estragar a sua vida. No entanto, o que mais Deus tem de fazer para mostrar seu perdão? Ele crucificou o único Filho por nós; como também ele não dará, com seu filho, tudo de que necessitamos para a vida e piedade. Como deveria ser difícil para o Pai fechar os ouvidos ao clamor de seu amado Filho unigênito! Se ele suportou tamanha dor por nós, será que agora ele desistirá de nós?

Se você hoje for um crente, os seus pecados realmente foram perdoados, encravados na cruz com Cristo e enterrados nas profundezas do oceano de seu amor por você. A sua provisão por você em Cristo é verdadeira e certa, e não pode ser quebrada pelo nosso pecado e fracasso contínuos.

Esta passagem fala também a nós que sofremos o pecado de alguém contra nós, chamando-nos a tratar uns aos outros na realidade do perdão que dele recebemos. Temos de aprender a perdoar como fomos perdoados — não tornando mal por mal, mas retornando o bem (Rm 12.21). Paulo relembra que não é possível nós consertarmos todos os relacionamentos fragilizados; nem sempre está em nosso poder fazer com que outros vivam em paz conosco (12.18). Porém, sempre nos é aberta a possibilidade de devolver o bem pelo mal, alimentar ao inimigo faminto e dar um copo de água fresca quando ele tem sede (12.20). É possível demonstrar bondade extraordinária, impelida pelo evangelho, a pessoas que perderam qualquer direito a nosso afeto pelo mal que nos fizeram, quer elas reconheçam e se arrependam, quer não.

Isso é incrivelmente difícil de fazer. Nossos corações gritam: “Alguém tem de pagar pelo que fez!” É verdade: alguém tem de pagar pelo que fez. Em Romanos 12.19, Paulo passa a dizer (citando Dt 32.35), “A mim me pertence a

vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor.” Há um juiz que faz questão de todo mal receber a pena devida. Mas, como você e eu não somos esse juiz, nós não somos quem tem de exigir o pagamento pelo mal. Em vez disso, somos livres para perdoar, abrindo mão do mal que nos fizeram e livrando-nos das cadeias que prendiam nossos corações. Em lugar de sermos vencidos pelo poder do mal, o bem mais uma vez vence o mal, pois o Espírito Santo nos torna capazes de perdoar e demonstrar bondade até mesmo aos que não merecem. A cruz produz ricos frutos em nossas vidas, para que comecemos a perdoar assim como fomos perdoados.

O FRUTO DA CRUZ

O mais rico fruto da cruz, porém, não está em nosso perdão ao próximo, mas no perdão que nós mesmos recebemos. Enquanto estivermos aqui na terra, continuaremos lutando por perdoar uns aos outros e crer que nós fomos realmente perdoados. Nossa experiência aqui na terra é de constante espera e anseio, vivendo pela fé, na lacuna entre aquilo que Deus prometeu e a realidade que confronta nossos olhos. É por esta razão que as últimas palavras do livro de Gênesis não são palavras sobre o perdão de José, mas palavras a respeito de José ter morrido na fé, numa libertação que ainda estava para vir. O livro de Gênesis começou com um homem em um jardim, desfrutando da presença de Deus; termina com um homem em um caixão, aguardando a restauração dessa presença.

Os amargos efeitos do pecado são horivelmente claros: por meio do pecado, a morte invadiu o mundo e nos mantém cativos do seu poder. Contudo, a fé daqueles homens cujos restos permanecem no caixão fala bem alto sobre o propósito de Deus de quebrar o poder do pecado e salvar um povo por sua soberana escolha de Abraão e seus descendentes, para tornar-se povo redimido de Deus.

Esses descendentes de Abraão não mereciam a escolha de Deus nem um pouco mais que o próprio Abraão merecia: tudo foi pela graça, do começo até o fim. Mas pela fé, Abraão, Isaque, Jacó e todos os seus descendentes aguardavam

receber a promessa, uma promessa que nós também recebemos com eles. Aqui na terra, os anos de nossa peregrinação podem ser “poucos e difíceis”, como os primeiros anos de Jacó em Padã-Arã e Canaã, ou cheios de bênçãos, como os seus últimos anos no Egito.

Qualquer que seja nossa experiência neste mundo, se confiamos em Cristo, podemos ter a mesma segurança de que o Senhor será nosso Deus e sua presença estará sempre conosco. O resultado é que vivemos sem temor, confiantes no seu amor e cuidado por nós por amor de Cristo. Além do mais, quando chegar a hora de morrermos, nós também poderemos descansar os ossos na sólida esperança da ressurreição da morte. Podemos estar enlutados e arrasados pela morte dos que amamos. A morte ainda é inimiga de todos nós. Mas é agora um inimigo vencido, cujo agulhão foi puxado para fora pela morte e ressurreição de Jesus, primícias de nossa plena herança. Como o fundador e aperfeiçoador de nossa fé (Hb 12.2), ele nos concede perfeita justiça necessária para nos colocarmos diante de Deus sem temor. Tão certo como Jesus Cristo ressurgiu, com essa certeza podemos aguardar a eternidade com ele. A morte não é o fim; não é apenas cavalgar no pôr do sol. É andar na alvorada, um alvorecer iluminado pela luz que emana do rosto de nosso Senhor ressurreto. Como John Donne disse com tanta beleza: Um sono curto é passado, acordamos para a eternidade, e a morte não mais existirá; Morte, tu morrerás.

PARA REFLETIR

1. Como as mortes de Jacó e José ressaltam sua fé e apontam adiante para a futura salvação de Deus?
2. Quais são algumas ideias diferentes a respeito do que significa uma boa morte?
3. Qual tem sido o foco dos serviços fúnebres que você tem assistido? Os funerais dos cristãos têm sido diferentes dos funerais de não cristãos?

4. José reiterou seu perdão dos irmãos. Como parece o verdadeiro perdão (estendido e recebido)? Como ele trata os pecados passados, os males cometidos, e a culpa? O que a cruz ensina sobre o perdão?
5. Como toda a história de José e sua família o tem ajudado a entender o perdão e a reconciliação? Como a história desta família tem ajudado a entender a relevância da vida, morte e ressurreição de Jesus em sua vida?

¹ John Donne, “Holy Sonnets, 10,” in *The Complete English Poems* (Londres: Penguin, 1977), 313.

Estudos bíblicos
expositivos em

Iain M. Duguid

Ester e Rute

A GRAÇA DE DEUS EM FAVOR DOS
MARGINALIZADOS E INDIGNOS



Estudos bíblicos expositivos em Ester e Rute

Duguid, Iain M.

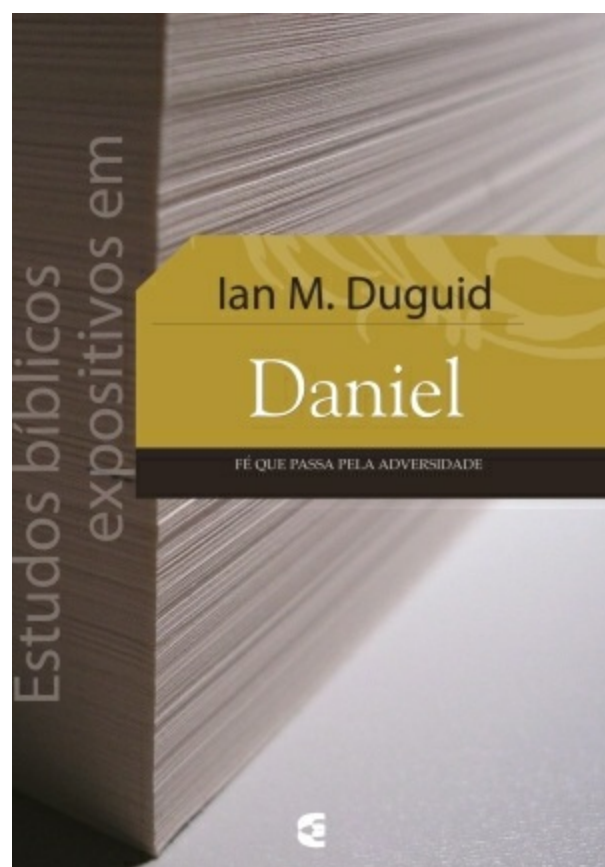
9788576227090

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Esta exposição é um favo de mel, doçura para a alma e cura para os ossos. O autor dá-nos uma boa dose de teologia saudável de modo relevante. De agora em diante vou exigir meus alunos a ler este comentário envolvente para sua edificação e alegria." Bruce Waltke

[Compre agora e leia](#)



Estudos bíblicos expositivos em Daniel

Duguid, Ian M.
9788576227083
224 páginas

[Compre agora e leia](#)

O livro de Daniel é ao mesmo tempo familiar e desconhecido para muitos cristãos. As histórias da fornalha ardente e Daniel na cova dos leões são obrigatórios nos livros de histórias da Bíblia para crianças e classes de escola dominical. No entanto, os últimos capítulos da visão de Daniel são estranhos e assustadores para a maioria dos crentes, que podem ter sido expostos a uma variedade de versões do fim dos tempos, especulações construídas a partir de um amálgama dos textos de Daniel e outros retirados de outras partes da Bíblia. Esta exposição de Daniel é acessível para pastores e para leigos. O volume fornece mensagens que dão muita atenção ao texto bíblico, concentra-se em Cristo através da lente da história da redenção, e aplica a Bíblia ao nosso ambiente contemporâneo.

[Compre agora e leia](#)

COMENTÁRIOS DO ANTIGO TESTAMENTO



ECLESIASTES

Walter C. Kaiser, Jr.



Comentários do Antigo Testamento - Eclesiastes

Kaiser Jr., Walter C.

9788576225805

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

O enfrentamento das mudanças. Talvez o aspecto mais importante da abordagem de Kaiser seja ele acreditar que Eclesiastes tem um esboço discernível e uma argumentação rastreável, e que o Pregador não era um velho rabugento e cínico que bebia vinagre no café da manhã. E isso faz diferença na maneira como entendemos Eclesiastes. Compre o seu exemplar e descubra como. - Dale Ralph Davir, Autor e expositor bíblico reconhecido, Tennessee.

[Compre agora e leia](#)

Para quem gostaria de ver um muçulmano
crer em Cristo, mas não sabe como alcançá-lo

Apresentando Jesus ao Islã

Entenda como muçulmanos
pensam e sentem



J.D. Greear



Apresentando Jesus ao Islã

Greear, J. D.

9788576226093

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Islã inclui a terça parte de todos os não cristãos do mundo. Mesmo assim, apenas meio por cento de todos os obreiros cristãos concentra-se no islamismo. Falar do evangelho aos muçulmanos de maneira que os convença, ou pelo menos os atraia, é difícil. A maneira como o Islã entende o mundo levanta perguntas diferentes das que fazemos. Diversas vezes, percebi que o modo como eu compartilhava o evangelho era irrelevante e ofensivo aos meus amigos muçulmanos. Eu tentava responder perguntas em que eles não tinham interesse. Aliás, há um extremo receio entre cristãos e muçulmanos, proveniente da falta de conhecimento sobre em que o outro realmente acredita, que é agravado pelas tensões políticas ao redor do mundo. A preocupação é com os muçulmanos como indivíduos, aqueles por quem Jesus morreu e anseia resgatar. Se quiser entendê-los como pessoa – como pensam, sobre o que se importam e quais obstáculos devem ser vencidos para ganhá-los para Cristo – então você é um dos leitores para os quais escrevi este livro. Em outras palavras, este livro deseja ganhar o coração de muçulmanos, e não vencer disputas.

[Compre agora e leia](#)

CONTORNOS DA FILOSOFIA CRISTÃ

A melhor e mais sucinta introdução à
Filosofia Reformada de Herman Dooyeweerd

L. Kalsbeek



Contornos da filosofia cristã

Kalsbeek, L.

9788576226208

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este livro é uma introdução à Filosofia da Ideia Cosmonômica, um sistema imponente que exige o respeito de todos aqueles que o conhecem. Esta introdução não foi planejada para filósofos, mas para pessoas interessadas em filosofia que reconhecem a dificuldade inicial das introduções existentes e as extensas publicações de Herman Dooyeweerd, o principal fundador dessa filosofia. Escrevi este livro para pessoas que desejam conduzir sua vida responsavelmente, e que reconhecem de forma consciente o mundo confuso e espiritualmente dividido em que vivemos. Uma dose de percepção filosófica contribui para o aprofundamento dessa consciência. Há quem suponha estar livre de qualquer influência filosófica, podendo desenvolver seu pensamento livre de construções filosóficas. Trata-se, porém, de um autoengano perigoso. Todos partem de pressuposições, de certas convicções básicas, e estão amarrados a todo o tipo de concepções, mesmo sem o saber. Não conhecê-las, porém, é o modo mais eficaz de se deixar dominar por elas.

[Compre agora e leia](#)